



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“A HISTÓRIA QUE ME CONTAM E A QUE EU INTERPRETO”:
UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO E EXPRESSÃO DA
IDENTIDADE

MIGUEL ÂNGELO DE CASTRO OLIVEIRA

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Coordenadora de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

ESPECIALIDADE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2017

Dissertação de Mestrado realizada
sob a orientação da Professora
Doutora Ângela Vila-Real
apresentada no ISPA – Instituto
Universitário para obtenção de
grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Nunca haverá palavras suficientes para descrever a gratidão que sinto porque nelas, ela não cabe. O término do presente trabalho, é a minha recompensa por todos estes anos de trabalho, de alegrias e tristezas, de ilusões e desilusões, de criação e destruição, de certezas e incertezas. Com efeito, é com satisfação imensa e prazerosa com que chego aqui, ao final de um período e começo de outro.

Primeiro que tudo, devido à minha fé, Àquele que tudo pode e que desde sempre esteve presente.

À prof. Ângela Vila Real, por ter visto na minha ideia um trabalho, pelo seu compromisso, pela aprendizagem, reflexão, pela orientação e autonomia, pela confiança que em mim depositou e pela crítica, sempre, reconstrutiva. Pelos serões de frutífera inter-descoberta que tiveram lugar (quase) todas as quartas feiras. Pela atenção, pelo livre pensamento, pela liberdade de ser!

À prof. Maria Emília Marques por me ter aceite no seu seminário, concedendo-me um lugar e por me ter ensinado “*a coragem para suportar o erro*” e que “*ainda*” é ter esperança.

Ao prof., Luís Silva Pereira por me ter ensinado a pensar o outro com a sua diferença. E dele ficaram-me impregnadas estas palavras: “*quem começa por julgar dificilmente acaba por entender e quem começa por entender dificilmente acaba por julgar*”.

Ao prof., Luís Delgado pela aprendizagem com humor, com que sempre ensinou. Pelo olhar descomplexado, profundo e preciso que sempre procurou mostrar.

Ao prof. Carlos Lopes por ter visto em mim competências ao conceder-me um local de trabalho na Biblioteca (a melhor de todas), e a partir de quem se estende o agradecimento à restante equipa (José Narciso, Paulo Nunes, Madalena Fonseca, Patrícia Santos, Joana Pipa, Paula Cortes).

Ao prof., Vitor Amorim por ter confiado em mim, pelas suas dicas e incentivos, pelo seu envolvimento, pelas discussões na área forense que me é tão fascinante.

À prof. Ana Cristina Quelhas por ter acreditado em mim, numa época que eram mais as dúvidas que as certezas, pela sua amizade e carinho com que sempre senti nas nossas interações.

Ao prof. José Abreu Afonso pela reflexão, pela aprendizagem, pela incitação à procura. Pela interrogação e pelo desafio, que desde sempre colocou ao longo das suas aulas, as quais levo comigo para a posterioridade!

À prof. Luísa Mascoli pelas oportunidades, pela partilha, pela genuinidade com que orientou o meu percurso de estágio.

Ao prof. Bruno Rodrigues, pela partilha, pela reflexão crítica, pela paixão do conhecimento, pela proatividade.

À Mafalda! Por me amar e por eu a amar. Pelo apoio, pela presença e perseverança. Por acreditar. Por fazer de mim um homem melhor, por ser a minha escolha e por eu ser a escolha dela. Por me fazer sentir amado e com valor. Pelas descobertas que a nossa relação permite. Pelas novas ideias e sentires que também proporcionou e continua a proporcionar. Por ser Mulher. Pela garra e convicção. Pela coragem. Pelos momentos íntimos. Por tornar a minha existência mais completa. Contigo, sou melhor!

Aos meus pais, por me terem ensinado a procura, a persistência e a responsabilidade.

Ao meu pai, por me ensinar que há fraquezas que podem ser forças. Que agir, quando as palavras faltam, também mostra o que vai na alma. Que me ensinou a suportar as adversidades, com esperança. Foi pai!

À minha mãe, que me ensinou o que é ter ambição e a lutar por isso. Que me ensinou a não temer os gigantes. Protetora, cuidadora e atenta. Que me mostrou que, na dor, há sempre um tempo para sorrir. Foi mãe!

À minha família, por a constatar como tal: capaz e por se comportar como uma!

À Eunice pela presença constante, mesmo que esteja longe, pela amizade incondicional. Pelo reconhecimento, investimento e franqueza que sempre caracterizou a nossa relação de amizade. Pelo apoio e suporte, em momentos de angústia e pela partilha de momentos únicos e prazerosos. Por me ter acompanhado nos grandes acontecimentos que marcam o meu trajeto. Um bem-haja e um muito obrigado!

Ao João e ao Manel, colegas íntimos, eternos esclarecedores de matérias diversas. A minha gratidão é imensa. Um obrigado por terem concretizado aquilo que era tido, por mim, como uma fantasia.

À Lia pelo diálogo e debate, dos quais surgem (sempre) novas respostas e novas perguntas. Pela amizade com que me olha e pela escuta mútua. Pela oportunidade de partilhas íntimas.

À Lígia, por se ter revelado uma verdadeira amiga, com quem partilho o humor, reflexiva e inquisidora, mas também terna e calorosa.

À Ana, a minha colega de estágio, com quem, sem disso esperar, viria a travar uma amizade!

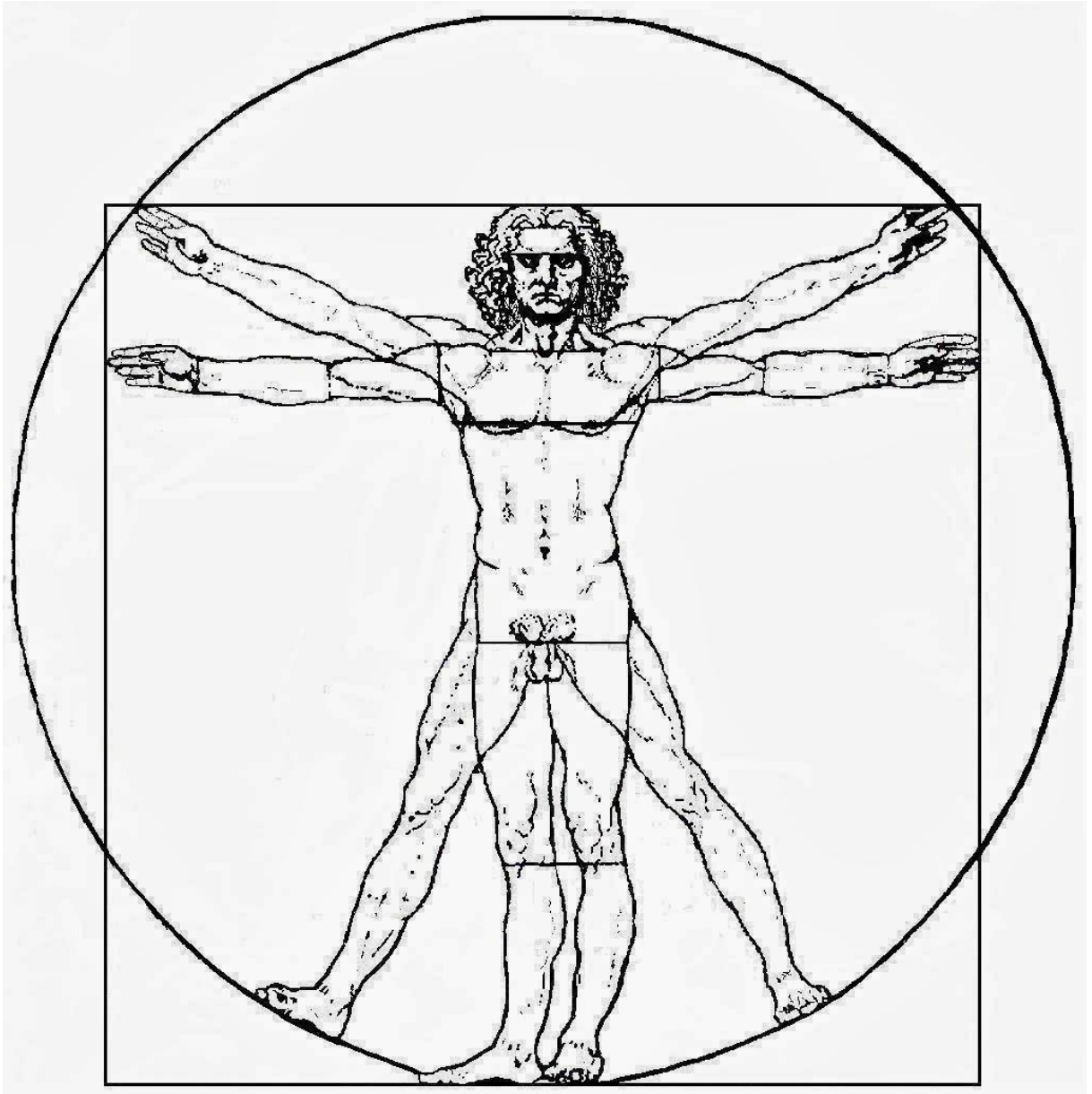
Às “Açorianas” pelos momentos de partilha, por tornarem a minha existência mais alegre, mais sólida e por me terem feito sentir a pertença.

Não poderia deixar de agradecer à Catarina Ramos pelo seu olhar atento e frutíferos insights que me deu com os seus comentários.

À minha orientadora de estágio Olindina, pelos ensinamentos de que *“para se ser um bom perito, é preciso primeiro ser-se um bom clínico”*. Pela transparência irrevogável, que não é mais do que a verdade tal como ela é. Pelo investimento, pelo reconhecimento, pela oportunidade, pela exigência e por quem tenho um amor especial. Um obrigado!

Ao meu analista, por me ensinar a procurar a verdade, independentemente do que seja e por me ter possibilitado descobrir-me e reinventar-me. Pelas frustrações que me levam a pensar, pelos desafios que as suas palavras me colocam. Certamente que esta dissertação não teria sido ideia, ideia-concreta e ideia-pensada, se não tivesse havido espaço em que pude aí ser e ser-me.

Aos que participaram neste estudo e o tornam possível, um muito obrigado. Sem vós, não teria sido possível a realização do mesmo



O Homem Vitruviano

Leonardo da Vinci (1452 – 1519)

Datado de 1490

Declaração de Originalidade

Eu declaro, pela minha palavra de honra que o trabalho aqui desenvolvido, escrito e apresentado é original e que todas as citações estão corretamente identificadas. Mais declaro estar consciente de que a utilização de elementos não identificados de outros autores são consideradas como falta de ética e sujeitas a processo disciplinar.

Título: “*A história que me contam e a que eu interpreto*”: Um estudo sobre a construção e expressão da identidade

Resumo: A literatura sugere que a identidade se forma a partir de múltiplos aspetos que têm lugar ao longo da vida evolutiva do sujeito e que se desenvolvem em torno da intersubjetividade, das experiências emocionais e na configuração de imagens internas. No presente estudo pretendeu-se evidenciar a dinâmica de organização e expressão identitárias, que, perante a reformulação da estrutura social, suscita um repensar da identidade. O estudo em apreço inscreve-se nas metodologias de carácter qualitativo, tendo sido utilizado o método de estudo de casos e como instrumento a entrevista. Para estudar a identidade, que é o nosso objeto de estudo, partimos das narrativas de dois participantes com 22 anos e 47 anos de idade, ambos do sexo feminino. Os resultados mostram que a família se revela como contexto estruturante na organização identitária. A relação estabelecida com a figura primária enquanto self-objeto mostrou-se importante por organizar a dinâmica identitária, levando o sujeito a constituir-se. A bissexualidade, que aparece apenas numa entrevista, é uma estratégia defensiva perante o estatuto menor feminino e o domínio do estatuto masculino. O trauma impele a sucessivas reorganizações de si, criando uma nova unidade psíquica e o espaço físico aparece como uma oportunidade de desenvolvimento psíquico. Concluimos que a identidade se forma a partir de múltiplos aspetos e enfatizamos a narrativa como verdade subjetiva, aquela que o sujeito tece acerca de si sem necessidade de a corresponder a factos reais. Este estudo vem contribuir com desenvolvimentos acerca da identidade num contexto não clínico.

Palavras-Chave: Organização identitária; Expressão identitária; Identidade; Intersubjetividade; Métodos qualitativos.

Title: “The story that was told to me and the one I construe”: A study of the construction and expression of identity

Abstract: The literature reviewed suggests that identity is formed from multiple aspects that take place throughout the life cycle of the subject, and that those aspects are developed around intersubjectivity, emotional experiences and within the configuration of internal images. In the present study, we tried to put in evidence the dynamic of identity organization and expression. In face of a reformulation of the social structure, there is a need for rethinking identity. This is a qualitative study, using the case study method and the interview as an instrument. To study identity we start with the narratives of two participants, aged 22 and 47 years old, both female. The results show that the family reveals itself as a structuring context in the organization of identity. The relationship established with the primary figure as self-object proved to be important for organizing the identity dynamic, leading to the constitution of the subject. Bisexuality appears only in one interview. Is taken as a defensive strategy against the minor female status and the dominance of male status. The trauma impels to successive reorganizations of itself, recreating a new psychic unit and the physical space appears as an opportunity of psychic development. In conclusion, identity is formed from multiple aspects. We highlight the role of the narrative as the subjective truth of oneself which the subject expresses about himself with no need to correspond to real facts. This study contributes to develop the study of identity in a non-clinical context.

Key Words: Identity organization; Identity expression; Identity; Intersubjectivity; Qualitative methods.

ÍNDICE¹

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. SOBRE A IDENTIDADE	3
1.1.1. INTRODUÇÃO.....	3
1.1.2. IDENTIDADE E O CORPO	6
1.1.3. IDENTIDADE E O GÉNERO	7
1.1.4. IDENTIDADE, SEPARAÇÃO E PERDA	9
1.1.5. IDENTIDADE E AS RELAÇÕES OBJETAIS, O SOCIAL E O CULTURAL .	13
1.1.6. A IDENTIDADE EM CONCLUSÃO, MAS INCONCLUSIVA.....	20
2. O OBJETO DO ESTUDO E A SUA RELAÇÃO COM O MÉTODO	22
3. TIPO DE ESTUDO, MÉTODO E INSTRUMENTO	25
3.1. TIPO DE ESTUDO	25
3.2. MÉTODO	25
3.3. INSTRUMENTO	27
4. PARTICIPANTES	29
5. PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS	29
6. RESULTADOS	31
6.1. ANÁLISE DA NARRATIVA DE ENTREVISTA A – LUÍSA.....	31
6.1.1. ANÁLISE DOS GRANDES TEMAS NA MULHER POR OPOSIÇÃO	36
6.1.1.1. FAMÍLIA COMO CONTEXTO DE ORGANIZAÇÃO IDENTITÁRIA.....	37
6.1.1.2. A FIGURA PRIMÁRIA COMO SELF-OBJETO	38
6.1.1.3. MUDANÇA DE ESPAÇO.....	39
6.1.1.4. BISSEXUALIDADE.....	40
6.1.1.5. TRAUMA.....	40
6.2. ANÁLISE DA NARRATIVA DE ENTREVISTA B – DIANA	41

¹ - O presente trabalho respeita e integra as normas da A.P.A., as regras gramaticais portuguesas, em particular o novo acordo ortográfico e o REG040 redigido e emitido pelo ISPA – Instituto Universitário, datado de 29 de março, de 2017.

6.2.1. ANÁLISE DOS GRANDES TEMAS NO RADAR.....	45
6.2.1.1. FAMÍLIA COMO CONTEXTO DE ORGANIZAÇÃO IDENTITÁRIA...46	
6.2.1.2. A FIGURA PRIMÁRIA COMO SELF-OBJETO	46
6.2.1.3. MUDANÇA DE ESPAÇO.....	47
6.2.1.4. TRAUMA.....	49
7. DISCUSSÃO.....	52
7.1. <i>INSTANTE DE VER</i>	52
7.2. <i>TEMPO PARA COMPREENDER</i>	53
7.3. <i>MOMENTO DE CONCLUIR</i>	57
8. CONCLUSÃO.....	60
9. LIMITAÇÕES E PROPOSTAS DE ESTUDOS FUTUROS	62
10. REFERÊNCIAS	64
ANEXOS.....	69
ENTREVISTA A – LUÍSA.....	70
ENTREVISTA B – DIANA.....	84

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*“Na minha vida fui sempre um outro qualquer
Era tão fácil, bastava apenas escolher
Escolher-me a mim, pensei que isso era vaidade
Mas já passou, não sou melhor mas sou verdade”*

Excerto da música Adeus Tristeza de Fernando Tordo

1.1. SOBRE A IDENTIDADE

1.1.1. INTRODUÇÃO

Escrever sobre identidade é uma tarefa árdua e exigente devido às múltiplas concepções que sobre ela se fazem, não sendo, aliás, um termo exclusivo da Psicologia, não sendo, também, consensual dentro das várias ciências, em virtude de serem vários os modelos teóricos que encerra (Carvalho, 1999).

No presente trabalho, procuraremos desenvolver uma linha de pensamento fundada num olhar psicanalítico e que versa sobre a construção e expressão da dinâmica identitária. Neste sentido, a identidade será vista como resultante de uma dinâmica da interação ao longo da vida entre corpo, género, eu-outro, meu-teu, nosso-vosso e cultura, evocando, reformulando e expandido a narrativa que cada sujeito faz de si próprio. E ainda, como resultante do espaço criado que é a relação, permite colocar, ver e identificar no outro as partes de si e em si as partes do outro, que, em última análise, constituirá a identidade.

Ter uma identidade traduz uma experiência de autoconhecimento de modo a que se possa dizer “*eu sou eu*” e mais, o sentimento de identidade não é estanque, e sim um desenvolvimento progressivo. Grinberg e Grinberg, (1998), dizem-no melhor: “*a captação do self como uma entidade organizada e diferenciada, separada e distinta do ambiente que a rodeia, que tem continuidade e capacidade para continuar a ser a mesma ao longo de sucessivas mudanças, constitui a base da experiência emocional da identidade*” (p. 20).

A palavra identidade tem a sua origem no latim (*identidade*), formada a partir do adjetivo *idem* (“o mesmo”) e do sufixo *-dade* (indicador de um estado ou qualidade) e que significa: qualidade do que é idêntico, paridade absoluta, analogia, conjunto de elementos que permitem saber quem uma pessoa é.

Discorrendo um pouco a história, durante a Idade Média a Identidade era indivisível do estatuto social. Ou seja, a classe a que um indivíduo pertencia determina a maneira como deveria ser, apresentar-se e relacionar-se com os outros (Schwanitz, 2004). Contudo, foi a partir do período conhecido como o *Século das Luzes* - Iluminismo, que a Identidade passou a ocupar um lugar na teia social, por causa de ter sido dado maior destaque ao que era original. O que importava era, sobretudo, a capacidade de pensar por si próprio e ser-se fiel a esse pensamento, resistindo à influência das estruturas socialmente repressivas e valorizando os atributos que era pressuposto o próprio ter (como saber esclarecido, inteligência e razão), conferindo-lhes um uso livre e sem se fazer depender do outro (Schwanitz, 2004).

Segundo Sánchez (2010) e Eizirik (2009), vivemos uma profunda crise social resultante dos processos de globalização, avanços técnico-científicos e com novas formas de violência, sendo tal um produto, mas também promotor de transformações sociais que alteram, de forma significativa, os referentes sociais. Por exemplo, antes a família era regulada pelo patriarcado, a heterossexualidade e as relações sexuais estavam sobretudo ao serviço da reprodução. Atualmente o mesmo já não se observa, agora as famílias podem ser de natureza diversa: monoparentais, com progenitores homossexuais ou crianças adotadas, por exemplo.

Eizirik (2009) refere que a nova cultura impõe uma constante mudança, complexidade, aumenta as ansiedades esquizo-paranoides e confusionais, o que resulta na perda de modelos e valores. Neste sentido, o autor *ibid* cita o trabalho de Lasch (1978) que refere vivermos uma cultura consagrada ao narcisismo cujas pressões sociais invadem o ego e retardam o crescimento maturacional, o que conduz a um mau desenvolvimento superegótico, indicando, ainda, que o mundo de agora é construindo por imagens, aparências e disfarces, levando os indivíduos a não conseguirem discriminar adequadamente a realidade da fantasia, bem como, distinguir aquilo que se é daquilo que se consome faz de si, do que resulta um sentimento de insegurança e mesmo de desconfiança e diz mais, este consumismo aludido expressa o desejo de satisfação imediata de necessidades, de outra forma, uma sociedade que se vai organizando em torno de uma cultura regulada pelo primado do processo primário.

Visão análoga é a de Augé (2005) que desenvolve os conceitos de *lugar* e *não lugar* que, como lugar antropológico, é por este definido como um espaço identitário onde se jogam relações e onde se organiza uma narrativa histórica. Todavia, fruto da sobre modernidade, da necessidade de individualismo, que abandona o sujeito a uma solidão cada vez maior, a *velha cidade* (o lugar) vai sendo substituída pela emergência da *nova cidade* (o não-lugar). O não-lugar é, assim, o oposto do lugar quando a história é a que é construída no momento

instantâneo do imediatismo social, observável no cotidiano, e na virtualização do espaço, que solicita fazer mais coisas no menor tempo possível. Por outras palavras *não existe nada à nossa espera e tudo o que há muda constantemente.*

Augé (2005) parece também sugerir que o grande volume de acontecimentos, de imagens e individualismo existentes naquilo que intitula de sobremodernidade, tem por consequência a perda da categoria do Outro. Assim, somos mais espetadores que atores, consumimos mais do que o que produzimos, somos colonizados por quem o nome não sabemos pronunciar, não devemos pronunciar e não conhecemos quem o pronuncie, havendo nisso perigo, ou seja, quando a diferença se torna um perigo e quando o singular se deve homogeneizar.

O anterior é muito bem captado pela aclamada distopia de Orwell, 1984 onde um único pensamento é difundido “*Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força*”, onde tudo é instantâneo e imediato. Realidade também captada por Alberto Caeiro que abole o pensar e abraça o sentir, rejeita a subjetividade e recusa-se à introspeção, veja-se um pequeno excerto do XXXIX Poema:

*«Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas*

*E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.*

*Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —
As coisas não têm significação: têm existência.
As coisas são o único sentido oculto das coisas».*

1.1.2. IDENTIDADE E O CORPO

Mahler (1982, 1989), ao estudar as psicoses sugere que o sentimento de identidade é determinado pelas sensações corporais, sendo a imagem corporal a base dessa identidade. Neste sentido, a experiência do contacto corporal (*holding*) com a figura cuidadora é uma fonte de prazer que libidiniza a superfície do corpo, de maneira que esta superfície seja sentida como limite entre o eu e o mundo, desde que a figura cuidadora sirva de barreira face aos estímulos intoleráveis ou difíceis de suportar, quer internos quer externos como pré-condição para a constituição da identidade. Os limites, estabelecidos através do corpo, não são um obstáculo e sim uma condição que permite ao aparelho psíquico estabelecer uma diferenciação no interior de si mesmo (Winnicott 1975, Federn 1952).

É-nos útil a noção de eu-pele, desenvolvida por Anzieu (1988), que segundo o mesmo “*corresponde à necessidade de um envelope narcísico e assegura ao aparelho psíquico a certeza e a constância de um bem-estar de base.*” (p.44).

O eu-pele desempenha para Anzieu (1988), inúmeras funções as quais passamos a enumerar: 1) a função de manutenção do psiquismo, exercida através do *holding* e que visa a identificação primária com o objeto de suporte, do qual o sujeito faz posse e através do qual se mantém; 2) a função continente, ligada ao *handling* materno, visa envolver todo o aparelho psíquico e concomitantemente fundamentar a continuidade do *self*; 3) função de pára-excitação² que remete para a criação, à data do nascimento, de uma estrutura virtual que se vai atualizando durante a relação entre o bebé e o ambiente primário, de outro modo “*Freud deixa entender que a mãe serve de pára-excitação auxiliar do bebé, e isto – o acréscimo é meu – até que seu Eu em crescimento encontre sobre sua própria pele um apoio suficiente para assumir esta função*” (p.116); 4) função de individuação do *self*, ou seja, o eu-pele assegura a unicidade do sentimento de si de forma a afirma-se a si mesmo como detentor de uma pele pessoal, permitindo a diferenciação e distinção objetal que reforça o sentimento das fronteiras do *self*, distinguindo entre realidade externa e interna e discernindo a qualidade do que é introjetado, recusando o acesso ao que é sentido como estranho; 5) função de intersensorialidade que reenvia para a formação do senso comum, melhor explicado, os processos de ligação (estabelecer relações) reúnem sensações de natureza diversa destacando-

² - Termo utilizado por Freud no quadro de um modelo psicofisiológico para designar uma certa função e o aparelho que é o seu suporte. A função consiste em proteger (*schutzen*) o organismo contra as excitações provenientes do mundo exterior que, pela sua intensidade, ameaçariam destruí-lo. O aparelho é concebido como uma camada superficial que envolve o organismo e filtra passivamente as excitações (Laplanche e Pontalis, p. 282, 1990).

as como figuras sobre um fundo originário, assim desenvolvendo a integridade do esquema corporal; 6) função de superfície de sustentação da excitação sexual que possibilita a localização das zonas erógenas, tal que, o devido reconhecimento da diferença entre os sexos e a complementaridade dispõe-se a ser desejada; 7) função da recarga libidinal do funcionamento psíquico que se refere à manutenção e manejo da tensão da energia psíquica; 8) função de inscrição dos traços sensoriais táteis donde a realidade vai sendo desenhada em função das informações oriundas do exterior (calor, frio, dor, tato, etc.), reforçando o papel de “apresentação de objeto” configurando o anterior um aspeto de natureza biológica, outro há que é social e que se reporta a uma imagem partilhada pelo grupo social a que se pertence; 9) função tóxica que remete para os ataques inconscientes contra o continente psíquico que *“parecem se originar de partes do Self fundidas e representantes da pulsão de auto-destruição inerente ao Id, expulsas para a periferia do Self, encistadas na camada superficial que é o Eu-pele, corroendo a sua continuidade, destruindo a coesão, alterando as funções pela inversão de seus propósitos”* (p.122), acrescentando para além do anterior, outras funções como as que se reportam ao armazenamento correlativo das funções mnésicas e a funções de produção que correspondem à utilização de mecanismos de defesa do Eu .

Posto isto, a noção do corpo é essencial para a consolidação da identidade, pois, ao sentir-se no seu corpo: vivo, substancial e real, pode também aperceber-se da sua continuidade ao longo do tempo. A identidade deriva, nesta linha de pensamento, do contacto corporal – predominantemente satisfatório com a mãe. A ser assim, constitui-se um bom objeto interno e uma pele contentora capaz de conter os aspetos do self, esta função contentora interna deriva da introjeção de um bom objeto externo (Grinberg e Grinberg, 1998).

Concluindo, a mente nos primeiros meses de vida encontra expansão por via do corpo. Daí que sejamos primeiramente um corpo e só depois um eu dentro de um corpo que é, para sempre, meu. Ideia que partilhamos com Orduz que numa comunicação pessoal em março, 27 de 2017, referiu-se ao corpo como entidade primeira. Para este autor, o eu psíquico é uma representação do eu corporal, esclarecendo que o que se passa no psiquismo é a representação do que se passa no corpo em termos presentes.

1.1.3. IDENTIDADE E O GÉNERO

A identidade de género foi primeiramente diferenciada do sexo em 1955 com os trabalhos de Money *et. al.* (1955, 1956) cit. por (Person e Ovesey, 1983), referindo aqueles

que a diferenciação de gênero (e não de sexo) é o resultado da auto designação da criança em ser masculina ou feminina, de acordo com a atribuição e desenvolvimento do sexo. Person e Ovesey (1983) acrescentam ainda que em 1965, Money para resolver a confusão que se tinha colocado entre papel de gênero e identidade de gênero referiu que “*identidade de gênero é a experiência privada do papel de gênero, e o papel de gênero é a expressão pública da identidade de gênero*”³ (p.5).

Para Stoller (1968) (cit. por Tyson, 1982), a identidade de gênero inclui as características combinadas da masculinidade e feminilidade determinadas por fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

A identidade de gênero desenvolve-se ao longo de uma linha desenvolvimental que pode ser dividida em núcleo da identidade de gênero, papel da identidade de gênero e orientação sexual do parceiro(a). O núcleo da identidade de gênero é a componente mais primitiva, consciente e inconsciente, do sentimento de pertencer a um sexo e não a outro; o papel da identidade de gênero refere-se ao comportamento tido para com outras pessoas, sendo que é fundamental a maturação cognitiva permitindo a auto rotulagem (*self-labeling*) que, por sua vez, organiza a experiência de gênero e guia a criança na procura de *self-like objects* como modelos aos quais se possa identificar. Ainda, o papel da identidade de gênero desenvolve-se em conjugação e de forma consciente e inconsciente com as interações entre os progenitores, ou seja, ambos os progenitores terão uma abordagem relacional à criança que pode ser determinada pelo sexo da mesma, levando a criança a desenvolver representações de papéis relacionais. Também os referentes socioculturais influenciam o estabelecimento do papel da identidade de gênero. A polaridade masculino-feminino, enquanto papeis, reflete uma imagem de si-mesmo. A orientação sexual do parceiro(a) refere-se à preferência sexual do objeto de amor, tendo as suas raízes nas relações pré-edípicas e edípicas apesar de apenas serem firmemente estabelecidas quando o processo de adolescência tem lugar (Person e Ovesey, 1983; Tyson, 1982).

Para a constituição do gênero masculino e feminino são fundamentais os processos de desidentificação, identificação e diferenciação, ao serviço do processo de separação-individuação, do tipo de relação observada do casal, das atitudes que cada um dos progenitores tem um para com o outro e cada um para com a criança, ao longo do seu desenvolvimento psicosexual (Fast, 1999; Person e Ovesey, 1983; Tyson, 1982).

³ - Proposta de tradução do autor.

Já para Harris (1991), indo no mesmo sentido que os autores anteriormente citados ao referir que o género é um princípio organizador da identidade, difere daqueles explicando que o mesmo deve ser concebido como fluído e flexível podendo oscilar entre a masculinidade e feminilidade no que concerne à escolha do objeto sexual e de amor. Isto desprende o sujeito do estatuto de género, levando-o a ter maior liberdade quanto à sua própria subjetividade. Neste sentido o enriquecimento interno através do contacto com as experiências inscritas na polaridade masculino-feminino/masculinidade-feminilidade, amplia a experiência do self. Porque ao conceber, dentro de si, uma zona psíquica caracterizada por um género com o qual o sujeito se identifica por um lado entrecorta e inibe a expressão do desejo e por outro a experiência do self é tematizada em redor do estatuto de género.

1.1.4. IDENTIDADE, SEPARAÇÃO E PERDA

Ogden (1990) teoriza sobre a posição esquizo-paranóide no sentido de ser neste modo de organização mental que se desenvolve o self como objeto. Ao refletir sobre a clivagem vê-a como forma de manejar o perigo imanente da pulsão de morte, separando assim o que é perigoso do que está em perigo, referindo várias formas de o operacionalizar: a) projeção em que é retirado um perigo interno localizando-o externamente a si; b) a introjeção guardando dentro de si o objeto externo valioso; c) a negação separando-se do objeto, tratando-o emocionalmente como se ele tivesse sido aniquilado e d) a identificação projetiva, que inicialmente se desenvolve através de uma experiência interpessoal, levando o bebé a projetar coisas na mãe em virtude de dados sensoriais, para os quais não consegue ainda significar, e uma vez transformados pela mãe, o bebé reinternaliza esses conteúdos de forma a significarem algo, constituindo o anterior a integração da capacidade de gerar significado por si próprio. Ogden (1990) refere que todas estas formas de manejar o perigo, servem para distanciar o que é perigoso do que está em perigo, estabelecendo um sentimento de segurança, supondo que não há sujeito interpretativo a mediar a perceção do perigo e a resposta ao mesmo.

Para Ogden (1990) a clivagem é tida como uma forma de organizar a experiência, um modo de operar mentalmente com o intuito de organizar e criar ordem naquilo que se apresenta como caos. Di-lo modo de organizar a experiência porque cria binómios como prazer-não prazer, seguro-inseguro, satisfação-insatisfação, amor-ódio e como ainda não existe um sujeito histórico (aquele que tem de si uma memória), apenas resulta a experiência como tal. Assim a clivagem é um modo de pensamento de criação de fronteiras, por isso,

parte do processo de criação de ordem e não gerador pessoal de significados. Segundo Ogden (1990), o que está em causa é o processamento da experiência e não a sua interpretação, o que reenvia para o self não como subjetivo e sim como objeto. Este modo de operacionalizar a organização da experiência permite que os conteúdos emocionais não se contaminem mutuamente (*i.e.*, amar o que odeio e odiar o que amo) e regular uma ansiedade excessiva de desintegração de si e de destruição do objeto amado. É aqui que reside o princípio da integração dos objetos parciais e partes do self em objetos totais que permitirão a continuidade do self, pois, através desta forma de organização da experiência adquire-se uma tolerância à ansiedade de amar e odiar o mesmo objeto, sem temer a contaminação que resulta no acesso à ambivalência – representação de facetas de valência quer positiva, quer negativa do mesmo objeto sem temer destruí-lo ou fundir-se com ele. O estado da mente, fruto da clivagem, supõe que não haja um mediador/sujeito que interprete os dados sensoriais, tornando a percepção (símbolo) e interpretação (simbolizado) como equivalentes. É através da maturação do organismo que se diminui a intensidade da atividade instintual, se desenvolve as capacidades cognitivas (teste da realidade e memória), a diferenciação dos self-objetos, a capacidade para a formulação de símbolos, o aumento da capacidade de autorregulação, a integração das partes boas e más do objeto e possibilita a emergência do self, se a experiência for predominantemente boa, satisfatória e gratificante. Neste seguimento, quando a experiência é predominantemente boa possibilita uma melhor ligação e vinculação aos bons objetos internos e reduz o medo perante os maus objetos e, por conseguinte, minora a necessidade de utilizar mecanismos de projeção e identificação projetiva reduzindo as ansiedades persecutórias e proporcionando um experienciar de diferentes qualidades do mesmo objeto, como um objeto total e conseqüentemente como um self total. Com isto permite-se a continuidade da experiência do self “*the infant becomes human and potentially humane*”⁴ (p.71). Cria-se a oportunidade para que surja um sujeito que interprete o espaço entre símbolo e simbolizado, estes já não se fazem equivaler, antes, podem agora ser distinguidos pelo sujeito que interpreta, e por isso, toda a experiência é agora uma criação pessoal, os eventos já não são o que são, são o que se interpreta, são o significado que lhes for dado. Quando o sujeito se vê a si próprio como um todo há a possibilidade de separação do outro, vendo o outro como um todo diferente de si, pelo que pode agora, experimentar a culpa e o desejo de reparação, tornando-se capaz de distinguir realidade de fantasia. Na posição depressiva, há uma história imutável criada intersubjetivamente que fica preservada na

⁴ - Optou-se por não se traduzir, uma vez que com eventual tradução perder-se-ia o sentido da afirmação.

memória subjetiva, a grande ansiedade aqui é a da perda do objeto. Como a criança procura reparar o que destruiu, ganha a consciência do passado e que não o pode refazer; é assim que o self histórico tem o seu começo. Tal é possível pela renúncia à onipotência que permite encarar a realidade como externa aos seus pensamentos e pela renúncia à recriação mágica que abre portas à consciência da ausência presente e do luto pela impossibilidade de recuperar o que foi perdido. O melhor para denominar esta posição depressiva enquanto organização psicológica é posição histórica, porque é na memória que se faz o luto e através do qual se recupera/repara a coesão interna (Mann, 2015; LaFarge, 2012; Ornstein, 1994; Ogden, 1990). Na transferência, quando corretamente interpretada, permite a criação de uma memória que dissolve a repetição e permite elaborar as emoções numa dimensão histórica, sustendo-as ao longo do tempo. A contraparte do sentimento de solidão, imposto pelo reconhecimento da separação entre eu-outro, é, para além da atividade mental própria, uma experiência de liberdade e de responsabilidade pelos nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos. Este reconhecimento do self histórico se por um lado coloca uma tristeza de um passado que não pode ser rescrito e por outro coloca uma certeza de que esse passado não pode ser apagado.

A confiança nas capacidades egóicas é fundamental na perpetuação do sentimento de identidade ao longo do tempo, visto estas capacidades permitirem recriar aspetos do self e objetos internos perdidos cuja fatura é assim a permanência e estabilidade sendo que esta confiança é adquirida através de experiências passadas, tornando possível a função prospetiva de manutenção da integridade identitária, pelo que, do exposto, deduz-se que devido a vicissitudes evolutivas, existem crises (não no sentido catastrófico) que requerem do sujeito que por elas passa, um luto pelas partes irrecuperáveis e posterior elaboração (Grinberg, 2000; Grinberg e Grinberg, 1998; Erikson 1976, 1956; Pine, 1982).

Ferenczy (1913) refere que o desenvolvimento do sentido de realidade, que nos parece captar a realidade quer interna, quer externa, desenvolve-se através da fase da introjeção e fase da projeção. Na fase da introjeção todas as experiências são incorporadas no ego, sendo que a onipotência tem um papel fundamental, protegendo o ego da realidade da separação, levando o bebé a acreditar que tem tudo quanto deseja e que não existe mais nada para desejar. Nesta fase, encontramos três períodos distintos, um referente a uma vida proto-mental, onde o bebé se sente *todo-poderoso*, um período em que o bebé faz um reinvestimento mágico e alucinatório e um período em que o gesto é mágico, reprimindo desejos insatisfeitos. Na fase de projeção, dá-se o desenvolvimento do ego, pois o bebé, começa a distinguir conteúdos psíquicos subjetivos (sentimentos) e conteúdos psíquicos

objetivados (sensações), reconhecendo que há certas coisas que não obedecem à sua vontade, e que certas qualidades existentes no mundo externo podem ser reconhecíveis em si.

A proibição do incesto, perante o complexo de Édipo, permite instituir processos de identificação e diferenciação, pois a criança é como o pai, mas não é o pai, por a este último estar algo exclusivamente reservado. Neste seguimento, emerge a latência sexual, período no qual a criança fica menos dependente da visão sexual de seus pais e possibilita novas experiências, novos papéis que, subsequentemente, contribuirão para a projeção e recepção de novas imagens de si. Será no seio destas novas *coisas* que será limitada a ação da onipotência, tão necessária para a autenticidade do self (Grinberg e Grinberg, 1998).

É perante a crise e seu luto e posterior elaboração que se cria a possibilidade de reforçar as capacidades egóicas bem como permitir a expansão do self. Poder-se-ia dizer que a identidade se desenvolve de forma algorítmica por recurso (recuperar do passado para o presente) e prospeção (diminuir a perseguição do que se teme acontecer): integrar para reintegrar, envelhecer para renovar, quebrar para estruturar. As crises são acionadas quer por acontecimentos externos, quer por acontecimentos internos e em sucessivas fases da vida evolutiva, o que obriga a uma constante reelaboração da identidade. Deste modo, no nosso entender, que a identidade não é cristalizada, mas sim maleável, expansiva e transformadora.

Steiner (1993) desenvolve uma teoria a propósito dos refúgios psíquicos definindo-os como sendo estados em que o paciente se encontra estagnado, isolado e fora de alcance, estabelecendo-se um lugar na mente onde a fantasia e a onipotência podem existir sem restrições. Refere ainda que este lugar é uma forma de não encarar a realidade que o suscitou, o que equivale a uma espécie de controlo sobre aquilo que é vivido como ameaça ou gerador de tensão. O autor acima citado, propõe que estes lugares podem refazer-se a fim de não serem refúgios, através do luto, lamentando a perda do objeto perdido e, conseqüentemente, a identificação projetiva pode, novamente, ser utilizada como forma de pensamento, troca e relação, melhor integrando o ego e ainda possibilitando o seu enriquecimento. Prossegue e refere que a elaboração se divide em dois estágios na posição depressiva: o primeiro é aquele em que o temor da perda do objeto é predominante, corresponde à ideia de que o alívio da tensão depende da presença do objeto; o segundo é aquele em que a experiência da perda é elaborada e que corresponde ao abandono do objeto, viabilizando o luto pelo objeto perdido podendo, desta forma, recuperar as partes outrora excindidas do self e que estavam alojadas nos objetos. O anterior parece entrar em linha de conta com o que Bion afirma (1991), já que elaborar supõe que se pense e citando o mesmo “*o pensar tem características que possibilitam o aparelho mental suportar a tensão crescente pela demanda do processo de*

descarga” (p.51) libertando a psique de um acréscimo de estímulos. Também neste sentido Mondrzak (2007) e Horowitz (2014) postulam que pensar sobre as experiências emocionais, possibilita a sua integração, organização e elaboração o que, por sua vez, será promotor de expansão interna, reduzindo a tensão interna.

A elaboração da perda e experiência de luto, permite a noção de separação, o que conduz a um melhor discernimento entre o que pertence ao self e o que pertence ao objeto. Desta forma se não o sujeito não encarar a realidade atrás da qual se esconde num refúgio que o defende contra ela (da culpa, da ansiedade, da dispersão) não é possível recuperar as partes excindidas e rejeitadas do self e alojadas nos objetos, o que se traduz numa identidade incompleta.

O trabalho de elaboração e o trabalho de luto são condições necessárias para o desenvolvimento autêntico da identidade, pois cada individuo terá de confrontar-se com as perdas inevitáveis que devem a sua origem a partes do self infantis – em especial a renúncia à onnipotência, mas também com a aquisição de novos ganhos, obtendo assim a capacidade de discriminação e o sentimento de identidade autêntica (Grinberg, 2000; Grinberg e Grinberg, 1998; Ogden, 1990).

1.1.5. IDENTIDADE E AS RELAÇÕES OBJETAIS, O SOCIAL E O CULTURAL

As relações objetais são fundamentais para a formação de identidade, pois constituem referências para a diferenciação de si. São igualmente fundamentais os mecanismos de identificação projetiva e introjetiva no seio das relações objetais ao serviço da formação de identidade, que permitem um jogo cada vez mais denso e que se vai complexificando, conferindo lugar a uma riqueza de conteúdos internos (Grinberg, 2000; Grinberg e Grinberg, 1998).

As relações objetais são estabelecidas por intermédio dos mecanismos de identificação, sendo que é a mais precoce forma de laço emocional estabelecido com outra pessoa (Freud, 1921; Grinberg e Grinberg, 1998). Deste modo, na formação fundamental do eu, são de suma importância as experiências satisfatórias, conducentes à internalização do seio bom, a partir das quais se instaura a capacidade de provocar sentimentos bons, estes, pré-condição para atingir um eu integrado e estável com boas relações objetais (*i.e.*, relação com objetos totais mantendo intacto o self). A ser assim, o bom objeto, uma vez estabelecido, gera o sentimento de riqueza e abundância e, por seu turno, a possibilidade de estabelecer relações

objetais generosas, ou seja, projetar a libido e partes boas do self no mundo externo sem medo de perda avassaladora ou esvaziamento irremediável (Grinberg e Grinberg, 1998).

O sentimento de identidade aparece assim indissociável de um outro através do qual uma pessoa se torna a si própria conhecida. É na relação com este outro que serão delimitados papéis obrigatórios, prescritos, permitidos, adquiridos facultativamente e imputados, de maneira que a identidade própria nunca pode ser totalmente subtraída da identidade *para os outros*, não obstante, os papéis expressos possam servir de disfarce (Grinberg e Grinberg, 1998).

O narcisismo, pode desempenhar na atividade mental a função de manter a coesão interna, a estabilidade temporal e o colorido afetivo positivo da representação do self (representações inconscientes, pré-conscientes ou conscientes do self corporal e mental), tendo por isso, uma função regulatória no self, pelo que, primordialmente é, pois, necessário um investimento narcísico por um outro, um self-objeto (Stolorow e Lachmann, 1983; Kohut 1966).

Para Grotstein (1985; 1999), a experiência de estar dividido em partes é mitigada pela experiência de autocoção possível através da fantasia concretizada no agir. Para este autor é objeto antecedente da identificação primária que sustenta a identidade. De outro modo “*o objeto por trás de nós, que nos cria e conduz até à idade adulta*” (Grotstein, p. 75, 1985) que, para o autor se constitui como um objeto basilar da construção do self. Deste objeto resulta a sensação de identidade pessoal com uma pele separada e separadora, dado que guarda a constância do objeto desde os primórdios da vida, é um objeto pressuposto, presumido e tido por certo. Este objeto é o veículo inicial para a captação do mundo, por permitir que os objetos sejam apresentados no palco inconsciente até que o referido objeto seja substituído pela representação. Este é um objeto herdado com o qual se emerge seguro de si, compacto e sólido interiormente. Secundariamente, segue-se o objeto do self ou, dito de outro modo, um objeto interpessoal que pressupõe o contacto com a “mãe-objetal” que visa a obtenção de um sentimento de unidade protetora. A experiência do contacto com estes objetos do self, que mais não são do que objetos internos, resulta numa garantia interna, mas por outro lado podem dar conta de um perigo eminente; são num fundo como um inventário de autoavaliação.

Vários autores como Winnicott (1975) e Fairbairn (2000) sugerem que são fundamentais, para se estabelecer o contacto com a realidade, sucessivas frustrações e desilusões que contribuem para a separação do ego e promovem um modo de funcionamento diferenciado e onde opera o princípio da realidade. Ainda assim, a perspectiva que Grotstein (1975) sugere, é muito promissora, melhor explicado, olhar para o princípio do prazer e da

realidade como processos complementares, onde a psicopatologia emerge, para este autor, como resultado do não equilíbrio entre estes dois princípios.

Na perspectiva de Stolorow e Atwood (1992) o desenvolvimento da experiência sentida como real tem lugar numa matriz intersubjetiva facilitadora. A experiência sentida como real remete para o denominam de *self-delineating selfobject function* (que se expressa ao longo de um continuum de desenvolvimento), isto é, o sentimento da realidade não resulta das sucessivas desilusões, frustrações e desapontamentos, mas sim na validação sintonizada do ambiente cuidador, uma sintonização que advém de um espectro afetivo intenso com boas e más experiências, por outras palavras, a realidade cristaliza-se na interface da interação (sintonizar as subjetividades afetivas). De outro modo a experiência consciente é progressivamente articulada através da validação responsiva do ambiente cuidador.

A aquisição da linguagem permite o desenvolvimento de um contexto intersubjetivo da experiência, uma vez que possibilita a criação mútua de significados a propósito da experiência pessoal, que sucede após as experiências na sua forma mais primitiva – sensações corporais, de modo a gradualmente evoluir para a linguagem através dos estados subjetivos corretamente identificados e articulados por parte da figura cuidadora, aspeto fundamental da construção da realidade e do *self* (Stolorow e Atwood, 1992; Azzi, 2007; Gerson, 2004).

A mente como algo isolado está longe de ser a apreensão da realidade, e, subsequentemente, também a identidade bem como a sua formulação, não assenta num compartimentalizar de elementos, antes subtrai-se da conjugação de diversos elementos, sendo por isso uma identidade muito mais intersubjetiva, na qual se suscita a subjetividade. Este mito de que a mente é isolada define que o individuo existe separadamente do mundo externo e do envolvimento com o outro (Stolorow e Atwood, 1992). Neste sentido, olhar a mente como uma entidade impõe a distinção entre mente-corpo que, consequentemente, diminui a experiência de se estar *preso* a um corpo e, consequentemente, minora a condição biológica a que o ser humano se encontra sujeito. Posto isto, uma ilusão é criada de forma a que a mortalidade e a angústia da transitoriedade de todas as coisas sejam anuladas (Stolorow e Atwood, 1992).

Por outro lado, ver a mente como entidade separada, acarreta, em maior ou menor grau, a alienação da vida social, ou seja, implica uma independência do individuo para com o outro. A expressão desta ideia toma forma ao dizer-se que só o individuo se conhece a si próprio e é a única via para esse conhecimento, banindo qualquer conhecimento de si, construído na relação com o outro, suscitando um sentimento de encarceramento longínquo do outro, do qual se subtrai um estado onde nem o individuo se conhece nem se sente

compreendido, especialmente ao nível dos seus mais profundos afetos o que leva o indivíduo a resignar-se e o conduz, igualmente, a convencer-se da sua desesperança e desespero (Stolorow e Atwood, 1992).

Posto isto, uma e a mais importante forma de alienação induzida pelo mito da mente isolada, é a alienação da própria subjetividade, fruto da alienação da vida social. Ou seja, a mente isolada impõe á experiência propriedades comumente atribuídas a coisas da realidade material, de modo que a mente passa a ser uma coisa entre várias coisas, tal conduz a um mundo externo igual para todos os humanos, tratando-se assim de um absoluto metafísico o que, naturalmente contrasta com o sentimento de subjetividade, quer isto dizer que, apesar da realidade externa existir, ela não é experienciada da mesma forma por todos os humanos (Stolorow e Atwood, 1992).

Pensamos que a mente enquanto entidade é isolada de um mundo externo, distinta e separada bem entendido. Todavia, esta ideia conduz a uma alienação da vida subjetiva por impor à experiência que a realidade externa é igual para todos os seres humanos e, por isso se torna num absoluto metafísico, o que não é efetivamente verdade, pois a realidade externa não é experimentada por todos os humanos de igual modo. Esta conceção é conducente a um mito muito doloroso que é o que se encontra em histórias, relatos, narrativas de invencibilidade ou de, solitariamente, se terem enfrentado grandes adversidades. É um mito de heroísmo. Mas um heroísmo ilusório. Produz sentimentos de se ser incompreendido pelo outro e de não se conhecer a si mesmo profundamente, precisamente porque não há uma separação e distinção enquanto elemento isolado. É necessário um contexto intersubjetivo (*i.e.*, uma relação) para que a diferença emerja, a sintonia se crie e os laços se desenvolvam. Podemos atingir não uma independência, mas uma dependência madura, marcada pela autonomia.

A organização da experiência do self é codeterminada pela maneira como é sentida a responsividade do outro (Stolorow e Atwood, 1992; Kohut, 1981).

A intersubjetividade reifica a distância que havia entre o mundo intrapsíquico e o interpessoal, transformando-a num fluxo contínuo de reciprocidade que mutuamente se influencia (Ogden, 2004; Gerson, 2004).

Quer isto dizer que a unidade de estudo não é o indivíduo como uma entidade separada, uma vez que, os seus desejos colidem com a realidade externa, antes é um campo de interações no qual o indivíduo emerge e procura contactar consigo próprio. O desejo tem, portanto, lugar no seio de uma relação e é precisamente aqui que o significado toma lugar. A experiência é entendida como um conflito entre as interações. A organização da experiência obedece assim aos princípios pré-estabelecidos (fruto do sistema criança-cuidador) e por um

contexto que evoca e favorece um ou outro desses princípios em detrimento dos restantes. A formação de novos princípios organizadores dependerá do repertório experiencial que se foi desenvolvendo ao longo da vida evolutiva. Posto isto, o núcleo afetivo do self deriva das transações ocorridas na história intersubjetiva do indivíduo (Stolorow e Atwood, 1992; Bollas, 1987).

Para Lucent (2008), a regulação do afeto é um aspeto fundamental na construção da identidade, já que aquele é tido como um processo que integra as experiências internas, intermediárias e externamente objetivas. Ainda, o referido processo presume-se no campo da significação, já que é tido pelo autor acima citado como uma forma de construir um significado pessoal que compõe um sistema emocional e afetivo o qual será, porventura, uma referência interna que permitirá compreender-se a si próprio bem como aos outros. Neste sentido, diz ainda o referido autor, que o processo de regulação afetiva permite a integração quer da psicologia do ego quer das relações de objeto. Naturalmente, não parece assim descabida a intuição de Kohut (1959), quando se reporta à empatia sujeita à introspeção, ou de outro modo, procurar compreender o sujeito a partir do seu próprio referencial (Balter e Spencer, 1991).

Assim, a capacidade de manejar os estados afetivos, é fruto dos episódios intersubjetivos primordiais, partilhados no espaço transicional, sujeitos à construção criativa e respetiva organização da experiência, que uma vez formada, constituirá uma imagem-representação de uma experiência relacional (Fosshage, 2013; Wanamaker, 2012; Lucent, 2008; Stolorow e Atwood, 1992, Bollas, 1987; Winnicott 1975).

Tal conduzirá a uma matriz interna que organiza os princípios inconscientes que dão forma e tematizam a experiência, pelo que, o *self* será assim concomitantemente uma estrutura organizada e um *continuum* que organiza a experiência, de outro modo, é tanto uma entidade como é uma experiência subjetiva (Brodsky, 2007; Stolorow e Atwood, 1992). É esta organização da experiência que se assume de particular relevância, já que a mesma advém do processo formação-composição-transformação (Fosshage, 2013).

O self tem, habitualmente, como funções manter a coesão e estabilidade bem como, por isso, promover o desenvolvimento e a mudança e, ainda, o self como lugar de si, privado, onde aí se jogam os diálogos internos, trata-se como um continente, mas não só, é também um objeto com o qual se relaciona (Bollas 1993, 1987; Brodsky, 2007; Kohut, 1977, 1981).

Kernberg (2006) evoca as teorias da relação de objeto, referindo que as experiências gratificantes promotoras de um estado afetivo positivo e, ao invés, experiências frustrantes promotoras de um estado afetivo negativo, que têm lugar no seio de uma relação primária,

durante o curso de desenvolvimento, serão internalizadas e posteriormente, constituir-se-ão como objetos. Neste enquadramento, os objetos fruto das experiências gratificantes vão possibilitar a manutenção de uma imagem de si ideal e que não representa um perigo para o self, e por seu turno, os objetos fruto das experiências frustrantes, serão projetados de modo que os perigos externos ameaçam a representação do self. Do exposto, infere-se que há um mecanismo responsável pelo anterior, nomeadamente, a clivagem do objeto, desta forma, salvaguardando-se a representação de si da contaminação. Contudo, à medida que a tolerância à dor aumenta bem assim se desenvolve uma capacidade de melhor aceder e avaliar a realidade externa de forma mais objetiva, atendendo ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, tanto melhor será a integração destes aspetos que resultam das experiências gratificantes e frustrantes. Ainda, a figura cuidadora assume um papel mediador do anterior, na medida em que, de acordo com o que sugerem os estudos de Fonagy e Target (2003) cit. por Kerneberg (2006), a figura materna presume-se com a capacidade de “marcar” os estados afetivos, de forma congruente, com a criança, melhor entendido, a figura materna é, nesta aceção, tida como um espelho interno. Para melhor esclarecer o processo aludido anteriormente, a figura materna, ao sinalizar os referidos estados afetivos, possibilita à criança o acesso a uma noção de diferenciação na medida em que a figura materna não partilha de tal estado afetivo e, também, esta ao se empatizar com o estado afetivo da criança, contribui para a assimilação desta dos seus estados afetivos, resultando eventualmente na demarcação do *self* e outro. Tal processo, é igualmente mediado por uma outra capacidade que Bion (1967, 1970) cit. por Kerneberg (2006) identificou, nomeadamente, a capacidade de a figura materna transformar as impressões sensoriais e estados afetivos que são sobre ela projetados na forma de elementos *beta* em elementos *alfa*, melhor designado pelo conceito de função alfa.

Para Erikson (1976, 1956), a formação da identidade é o resultado do ponto de viragem perante uma crise que decorre do ciclo vital e cujas resoluções – positivas ou negativas – que experienciadas, integradas e elaboradas estabelecem o eu e uma representação deste, estável, contínua e coesa, cujos efeitos repercutem-se sobre a visão de si, a relação com a realidade externa e as dinâmicas interpessoais. Ainda, a identidade surge como a solidariedade com ideais grupais, um sentido consciente da singularidade e uma luta inconsciente pela continuidade da experiência. Apesar de ser contestado que a conceção de Erikson acerca da identidade assumiu uma posição excessivamente sociológica (Lanchmann, 2004), parece-nos importante retomar este aspeto social enquanto elemento organizador da identidade. Porque a família aparece como primeira sociedade, onde o mundo e as relações sociais que nele se desenrolam vão-se integrando numa visão do mesmo, *i.e.*, relações de

hierarquia, diferenciação de papéis e estatutos e transmissor de estruturas de comportamento e até de transmissão psíquica entre gerações (Faimberg, 2005; Lacan, 1978). Lomas (1961) a partir de um caso clínico, sugere como a organização familiar permite desenvolver um senso de identidade estável que comporte sentimentos de segurança interna, confiança em si e capacidade de reconhecer corretamente a realidade. Freud (1921) refere que a mentalidade coletiva impõe ao sujeito individual uma maneira diferente de agir, pensar e sentir do que o faria se isolado do grupo, associando, ademais, os fenômenos grupais à vida mental das crianças, tendo falado de identidade para designar o resultado do processo de identificação ao grupo. Assim, a pertença a um grupo pode promover a unicidade, já que o grupo é uma unidade; a coesão, já que o heterógeno no grupo, esbate-se a fim de tornar-se homogêneo. Ainda, podem ocorrer no grupo, efeitos de contágio, que remete para uma troca de conteúdos afetivos.

Para Lanchmann (2004) a identidade é uma absorção do sentido do self, argumentando, para esta proposta que, 1) desejos de unidade simbiótica e a luta pela separação constituem modalidades da experiência que se acumulam ao longo do tempo e que formam um sentido do self limitado, 2) a capacidade para abranger estas modalidades da experiência e produzir as fronteiras de si é extraída a partir das várias experiências ao longo da vida sendo que as experiências que relevam para o anterior são os estados de partilha, coincidência, similaridades e complementaridades, solidão, disrupções e subsequentes reparações de forma sintonizante; 3) a capacidade para experienciar um sentimento de unicidade e sentido do self implica um processo de abstração e representação, que gradualmente o sujeito vai adquirindo levando-o a representar as suas experiências que vão sendo simbolicamente elaboradas, constituindo organizadores centrais do self; 4) a capacidade de reter um sentido de self e apreciar um estado de imersão relacional é continuamente reformulado e determinado pelas experiências de vida; 5) a capacidade de estender as modalidades experienciais ao longo de um *continuum* de um sentido do self para uma unidade de si (sentimento de unicidade) é um pano de fundo para providenciar sentimentos de segurança (safety) e de se estar assegurado (security) e de tranquilidade, sendo que tal pano de fundo pode ser afetado pelo trauma e 6) quando as experiências de vida reduzem a capacidade de abrangência experiencial estabelece-se a vulnerabilidade psicopatológica. O que acima se discutiu remete, pois, para o sentido do self, prévio à formação da identidade sendo esta também o resultado da absorção, alteração e transformação do anterior no decurso do desenvolvimento.

1.1.6. A IDENTIDADE EM CONCLUSÃO, MAS INCONCLUSIVA

Para Grinberg e Grinberg (1998), a identidade resulta da interação de três vínculos, são eles: espacial, temporal e grupal sendo que o primeiro “*compreende a relação entre as diferentes partes do self entre si, incluindo o self corporal, mantendo a sua coesão e permitindo a comparação e o contraste como os objectos; tende para a diferenciação self-não self: individuação*” (p, 25), o segundo “*aponta para um vínculo entre as diferentes representações do self no tempo, estabelecendo uma continuidade entre elas e conferindo a base do sentimento de unicidade*” e o terceiro “*refere-se à conotação social da identidade e é dado, nessa perspectiva, pela relação entre aspectos do self e aspectos dos objectos, mediante mecanismos de identificação projectiva e introjectiva*”.

Ao serem consolidados estes três vínculos acima referidos, diminuem as identificações projetivas em detrimento das identificações introjetivas, conferindo força e coesão ao Eu, com aquisição de maior insight e maior capacidade de separação entre mundo interno-mundo externo, sujeito-objeto, fantasia-realidade (Grinberg e Grinberg, 1998).

Outro aspeto que importa mencionar é que o self se relaciona com inúmeros objetos que ocupam e povoam o mundo interno, que configuram ou pré-figuram a experiência do self tematizando-a. Assim, os objetos podem ser usados, mas também podem influenciar o sujeito que os usa, transformando-o; podem ainda relevar para reexperienciar uma experiência transformadora, pelo que a experiência do self parece constituir um léxico e uma sintaxe que o organiza. (Bollas, 1992, 1987).

Meissner (2009), numa proposta unificadora e integradora, sugere que se veja o self como um sistema que constitui o self-como-pessoa, que passaremos a enumerar. Neste sentido e de acordo com o autor anteriormente citado, a primeira parte, do aludido sistema, é composto pelo conceito de self-como-agente que se refere à pessoa enquanto fonte para todas as suas ações, quer mentais quer físicas, voluntárias ou involuntárias, conscientes ou não e que se jogam entre o corpo e a mente e, mesmo com a maturação do organismo adulto, subsiste uma contínua modificação e refinamento, de valência positiva ou negativa, nas diversas aptidões, quer as novas - que se adquirem, quer antigas - que se aperfeiçoam, acrescentando ainda que é a partir do self-como-agente que se desenvolvem os mecanismos defensivos desde os mais primitivos/imaturos até aos mais evoluídos/maturos, bem como refere também que a estrutura tripartida do aparelho mental (id, ego e superego), é subjacente ao desenvolvimento do self-como-agente, já que se torna sujeito à introspeção e auto-escrutínio.

Continua referindo que, embora o self-como-agente esteja presente desde o início da vida, o self-como-sujeito não, reportando-se esta ao self nas suas funções de consciência e metaconsciência enquanto sujeito que a si mesmo se conhece. De outro modo, quando o bebé se consciencializa de que pode produzir certos efeitos em estímulos externos há uma consciência de si que se desenvolve, no entanto, uma distinção cumpre aqui ser feita: uma coisa é o self ter consciência de um objeto e outra é o self como conhecedor de si mesmo, de outro modo, pensar sobre si próprio é diferente do próprio que pensa, no primeiro caso referimo-nos ao self-como-objeto, no segundo caso, ao self-como-sujeito: *aquele sujeito que se pensa enquanto é, simultaneamente, objeto*. O anterior desenvolve-se aquando a diferenciação do self e da constância do self (coerência, continuidade temporal). Ainda, o sentimento de si, surge para colmatar a angústia de separação, sendo neste sentido, fundamental integrar memórias pessoais e combiná-las com a experiência própria das mesmas (Meissner, 2009).

Neste seguimento, o self-como-objeto, que resulta da representação de si, permite representar objetos internos bem como externos. Assim, aquilo que o sujeito conhece quando procura conhecer-se é o self-objeto, a representação que forma de si próprio. A organização e a padronização das representações do self desenvolvem-se desde as primeiras interações com as figuras cuidadoras, sendo, também, importante a dinâmica entre as atitudes que os outros têm para com o corpo do bebé e a experiência que este tem daquele, confluindo para a imagem corporal que é fundamental para estabelecer as fronteiras do self (Meissner, 2009).

O self-relacional, que expressa a possibilidade de se relacionar e relacionar-se com a realidade exterior, desenvolvendo-se progressivamente, desde a primeira relação cuidadora até outras relações, desempenha um papel importante em influenciar a internalização bem como reformular e modificar o self-como-objeto e, por fim, o self-como-social, designa as respostas que o indivíduo vai desenvolvendo perante a organização social que impõe certas formas de agir e expectativas sobre cada um, que, quando são incumpridas, são sujeitas à censura social (Meissner, 2009).

Em jeito de conclusão, a Identidade é tomada como um fenómeno psicossomático e também sociocultural, que se vai construindo, sendo o importante a reter o gerúndio, ou seja, a identidade *não é isto, mas sim o que vai sendo*. São várias as interrogações que se colocam no decurso da vida evolutiva, podendo ser suscitadas por crises próprias da mesma, ou em virtude de desejos, frustrações, motivações e memórias, que vão sendo remodeladas, reformuladas e (re)experienciadas. Também, em virtude da relação com os objetos internos que se vão constituindo à medida que se vão desenvolvendo e estabelecendo relações –

dinâmicas – com o Outro, com o mundo e consigo próprio, sem que o sujeito delibere ou tenha sempre, disso, consciência.

“Eu sou o que o meu corpo me diz, o que a minha memória me permite narrar, o tema presente da minha experiência e os afetos que me inundam o sentir, os vínculos relacionais e o reconhecimento mútuo da Condição Humana, os interditos que em mim se opõem e censuram e o pensamento que me é desconhecido e sempre eminentemente incompleto”

2. O OBJETO DO ESTUDO E A SUA RELAÇÃO COM O MÉTODO

O levantamento bibliográfico anteriormente discorrido e a subsequente reflexão teórica evidenciam o quão rico pode ser o estudo da identidade, que é neste trabalho o nosso objeto de estudo. Revelou-se muitas vezes aplicado ao serviço da psicopatologia ou a estudos de acompanhamento psicoterapêutico, que no caso em apreço é o que não se pretende. Antes, procura-se remeter o estudo da identidade para estar ao serviço do desenvolvimento, comunicação e liberdade.

Pelo contrário, o classicismo encerra a conceptualização mais ortodoxa onde a identidade é vista como um sistema encerrado em si próprio e que em si mesmo é dinâmico, cujas relações entre as ditas instâncias internas, ou do intitulado aparelho psíquico, excluem ou relegam para segundo plano a intersubjetividade. Assim, a relação é afetada em primeira linha pelo decorrente conflito intrapsíquico. Todavia, esta conceção não deixa de ser importante, pois é no conflito aí eminente que também surge a identidade – criada e encontrada, espelhada e comunicada.

Posto isto, é no nosso entender que, para além do conflito aludido, a relação com o outro, ou de outro modo *ser-com-o-outro*, é fundamental para a construção, estruturação, organização e expressão da identidade.

O presente estudo decorre da necessidade sentida quer teórica, quer culturalmente, de visitar o modo como a identidade se organiza e expressa, atendendo aos inúmeros eventos significativos socioculturais e políticos da História da Humanidade, e conseqüentemente, espera-se identificar a dinâmica identitária.

O referido objeto de estudo só pode, no nosso entender, ser devidamente captado, articulado e compreendido através de um estudo de carácter qualitativo, dado que os métodos de carácter qualitativo que se inscrevem numa abordagem interpretativa e compreensiva dos

significados que as pessoas dão a um dado fenómeno permitem uma recolha fértil de dados (Snape e Spencer, 2010).

De forma abreviada, pretendemos desenvolver as raízes filosóficas subjacentes aos métodos de carácter qualitativo, para tecer um argumento para a sua utilização na redação da Dissertação que aqui se desenvolve.

Posto isto, de acordo com Slevitch (2011) e Snape e Spencer, (2010) são três as dimensões fundamentais da ciência: a ontologia, a epistemologia e a metodologia. A natureza da realidade ou *ontologia, i.e.*, o estudo da realidade ou daquilo que está contido nesta, de forma a descrever as entidades existentes bem como as relações entre essas entidades ditas existentes. Após ter sido estabelecido o que é *real*, estabelece-se o processo que nos leva a conhecer ou *epistemologia, i.e.*, a natureza do conhecimento. Pelo que, a epistemologia responde a questões como: a) “Como é que conhecemos o que conhecemos?”; b) “O que é verdade?”; c) “Como é que legitimamos o conhecimento?”; d) “Qual é a natureza da relação entre o investigador e aquilo que pode vir-a-ser conhecido?”. Em última instância, surge a questão de como investigar o que se assume poder vir-a-ser conhecido, que remete para a metodologia que estrutura a forma como a investigação é conduzida. Cada metodologia assenta num conjunto de suposições acerca do *real*, englobando a natureza humana e a sociedade em geral. E também parte [a metodologia] de uma série de crenças tidas sobre a importância de um dado objeto de estudo e de suposições que delimitam o que legitima o conhecimento e o que confere a extração de dados significativos (Slevitch, 2011; Kuhn, 2009). Assim sendo, cada metodologia estabelece o método que se define pela utilização de uma série de ferramentas, procedimentos, ou estratégias relativamente à investigação científica. Em síntese, um dado *paradigma científico (world view)* constitui-se a partir de uma forma de ver a realidade (ontologia), que determina o que se conhece e pode vir-a-ser conhecido (epistemologia) que, por sua vez, estabelece princípios reguladores da investigação científica (metodologia) e, por consequência, o conjunto de ferramentas e/ou técnicas que visam implementar a investigação científica sobre um dado tema (métodos) e, em última análise, a produção efetiva do conhecimento (*ciência!*).

No decurso do séc. XX, surgem fundamentações filosóficas alternativas face à insatisfação sentida por parte dos paradigmas inscritos nas metodologias ditas quantitativas. Pois, segundo Polkinghorne (1983) cit. por Gelo (2012) estas metodologias remetem o conhecimento como sendo relativo a uma perspetiva individual, uma vez que não existe nenhuma perspetiva exterior à situação histórica e cultural e que nem os dados recolhidos, nem a lógica formal providenciam uma forma absoluta de se aproximarem do conhecimento.

Deste modo, assiste-se à emergência de um novo paradigma denominado de *Construtivismo-Interpretativismo* cujas raízes se encontram nas perspetivas *hermenêutica* (o significado encontra-se oculto e só revelado através de profunda reflexão), *fenomenológica* (estudo da estrutura subjetiva da experiência e da consciência em função das experiências vividas pelo indivíduo) e de *interacionismo simbólico* (o agir humano ocorre em função do significado assumido que deriva da interação social e que é alvo de interpretação por parte do indivíduo, tendo este um papel ativo na construção do significado, resultando por isso numa conduta que, de certo modo é ativada em função do que foi afetado) (Gelo, 2012).

Este paradigma postula a natureza da realidade enquanto conteúdo das experiências vividas singulares daquele que vive no seio de um determinado contexto social e cultural – *ontologia relativista*. No seguimento deste raciocínio, a natureza do conhecimento ao invés de ser universal e objetiva, antes tende para ser considerada transitória e emergente das constantes dinâmicas entre o observador e o observado influenciando-se mutuamente – *epistemologia transaccional/subjetivista* (Gelo, 2012). A partir deste ângulo, a ciência é vista como consequência de um contracto social partilhado. Mais, a metodologia efetuada é desenvolvida em torno do contexto, ao invés da pretensão à universalidade, donde, *a posteriori*, se comparam as teorizações discorridas – *metodologia hermenêutica/dialética*; também a análise dos dados recolhidos é feita através da aplicação dos princípios da hermenêutica na interpretação do texto, o que permite identificar categorias/temáticas e relacioná-las com vista a uma teorização. Aqui, a perspetiva em realce é *ideográfica* – foca-se na formulação do conhecimento generalizado decorrente do singular, do específico, do particular e do único por meio da lógica abductiva (*i.e.*, temos um evento observado B e, provavelmente, A é o que melhor explica B de entre outras explicações possíveis; é uma inferência a favor da melhor explicação, sendo que está implicado uma relação de causalidade provável, todavia não significando isto que $A \rightarrow B$ é necessariamente verdade) (Gelo, 2012). Sintetizado, esta é a entrada para os métodos de investigação qualitativos.

Por último, temos um paradigma denominado por *Crítico-Ideológico* que reenvia para uma posição de crítica e baseada em ideologias, como o próprio nome indica. Assim, a natureza da realidade é apreendida e passível de ser conhecida através de uma narrativa histórica que considera a influência do contexto social, político, económico, *etc.* – *ontologia histórica realista*, e o conhecimento produzido é mediado pelo contexto histórico e institucional – *epistemologia transaccional/subjetivista* (Gelo, 2012). Por exemplo, o

desenvolvimento de um corpo teórico do género, das teorias feministas, da psicologia LGBT⁵ ou das teorias raciais (Gelo, 2012). O principal objetivo passa pela condução a uma ordem social mais democrática, na medida em que os cientistas se usam dos seus trabalhos como forma de viabilizar uma crítica social. A metodologia utilizada baseia-se no diálogo entre o investigador e os indivíduos alvo do estudo, pretendendo-se não só efetuar a análise textual, como também revelar processos inconscientes, ideologias, relações soberanas institucionais e contextos de interação social interiorizados, de modo a poder transformar a ignorância (in)consciente numa consciência informada – *metodologia dialógica/dialética* (Gelo, 2012). Os parâmetros de referência deste paradigma pautam-se pela narrativa histórica em que ocorrem, *i.e.*, se o estudo em desenvolvimento tem uma preponderância na consideração cultural, ou social, *etc.*, a possibilidade de transformação de perspetivas, ou ainda a estimulação do agir em ordem de alcançar um estado mais democrático (Gelo, 2012).

Assim sendo, os métodos de carácter qualitativo procuram estudar o fenómeno a partir do sujeito, que em Psicologia Clínica epistemicamente é objeto de estudo e também de conhecimento. Estes métodos tendem a ver os fenómenos psicossocioculturais como um processo ao invés de os olhar como sendo estáticos, promovem uma perspetiva holística, melhor integrando os fenómenos numa compreensão global (Snape e Spencer, 2010; Marques, 1999).

3. TIPO DE ESTUDO, MÉTODO E INSTRUMENTO

3.1. TIPO DE ESTUDO

O presente estudo, inscrito numa metodologia de carácter qualitativo, tem como intenção captar e preservar, na respetiva análise dos resultados, a interioridade do sujeito numa visão holística, com movimento, progresso, tempo e historicidade (Marques, 1999). Procurando-se lançar um olhar sobre os eventos significativos do sujeito, que o mesmo organiza e com os quais ocupa o seu mundo interno, bem como não perder de vista a relação que se estabelece numa entrevista, ou seja, a dinâmica intersubjetiva.

3.2. MÉTODO

Como método, optámos pela realização do estudo de casos, pois estes têm um lugar de relevo quando os investigadores pretendem focar-se em questões de “como” ou ainda quando

⁵ - L – Lesbian, G – Gay, B – Bissexual, T – Transsexual.

têm pouco ou nenhum controlo sobre os eventos contemporâneos e estes eventos são menos o foco do que os fenómenos históricos (Yin, 2001).

O estudo de casos “*como esforço de pesquisa, (...) contribui de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenómenos individuais...*” (Yin, p.21, 2001) e possibilita a preservação das características holísticas, bem como, captar os eventos significativos da vida real por permitir a análise de fenómenos complexos como o do presente trabalho: a dinâmica que confere uma identidade e a maneira como esta se organiza em relação com os diversos elementos referentes, *e.g.*: culturais, sociais, relacionais, *etc.*

Yin (2001) propõe que as estratégias de pesquisa não obedecem a uma relação hierárquica de explorar-descrever-explicar, mas antes fazem-se depender em função de três condições: a) o tipo de questão de pesquisa; b) o controlo que o pesquisador tem dos comportamentos e c) qual o enfoque dado aos acontecimentos (se histórico se contemporâneo).

Assim sendo, como o objetivo do presente trabalho se prende com o “como” a identidade se organiza e expressa, como tal não se encontra passível de controlo pelo pesquisador e ainda como a identidade está em constante relação com referentes culturais e situações quotidianas, a estratégia que melhor se adequa é o estudo de caso.

O presente estudo, ainda que não tenha sido pensado numa lógica assente em hipóteses prévias, presume-se dentro de uma finalidade, a saber o estudo da identidade. Tal importa aqui ser referido, não só pela necessidade de rigor neste projeto de pesquisa, como também para evitar a tentação de, aquando o estudo, colher toda a evidência, sendo este um risco bem documentado (Yin, 2001).

Os resultados deste estudo, sendo estudo de casos, só podem ser generalizados analiticamente, quer isto dizer que um conjunto de resultados se adequam a uma determinada teoria, já devidamente caracterizada, e não são passíveis de serem generalizáveis estatisticamente, ou seja, extrapolados para um universo (Yin, 2001).

Assim sendo, não existem hipóteses *a priori*, a não ser a finalidade já referida, pois no seguimento dos argumentos que se têm vindo a discorrer, visam antes uma hipótese *a posteriori*, ou seja, será do material recolhido, proporcionado pelas narrativas recolhidas, que dependerão as análises a efetuar.

3.3. INSTRUMENTO

A entrevista surge como o instrumento privilegiado para o aqui pretendido, sendo mediadora de uma relação onde se expõem os conteúdos de interesse. Assim, permite a passagem do método que revela o sujeito, para o sujeito que se revela no método (Marques, 1999). Esta entrevista que não é nem estruturada, nem semiestruturada, pois como referem Hollway e Jefereson (2008), de acordo com o argumento de Mishler, os métodos que subjazem às entrevistas têm uma tendência para suprimir as histórias do sujeito, levando-o mais a responder que a narrar; já que tecer uma narrativa leva o narrador a tomar responsabilidade da mesma, esforçando-se por tornar clara a narrativa para o ouvinte, o que desde logo enfatiza a criação de significado em função da intersubjetividade. Neste seguimento, a narrativa é a premissa para a experiência significada, logo não há quem não tenha uma narrativa, porque todos, de algum modo, experienciam e por isso são passíveis de narrar (Hollway e Jefereson, 2008).

Desta forma, a partir de uma solicitação única “*Gostaria que me falasse sobre como é ser quem é*”, tem-se como objetivo a recolha da narrativa do sujeito, posta em relação. Esta solicitação, ambígua e vaga, procura instituir-se como a situação catastrófica, colocando o sujeito perante uma desorganização interna, e mesmo eventualmente de caos, incitando-o a organizar e associar livremente o que lhe surgir na memória e consciência, sendo que esta dinâmica é vivida também num plano inconsciente, e por isso, o modelo teórico do qual a análise dos elementos recolhidos se reportará será o Psicanalítico, de forma a poder significar os conteúdos emergentes nesta relação diádica.

Numa situação catastrófica, a mudança é necessariamente vivida, mas à luz de Bion (1991), é necessário um continente para a sua difusão, elaboração e reconstrução, daí que o paradigma inerente seja o da intersubjetividade. *Não há um sem o outro e onde dois se tornam um outro – um terceiro, numa forma de compreensão, respeito mútuo e empatia e também de partilha da Condição Humana* (Ogden, 2004). Neste seguimento, o sujeito pode expressar-se no que realmente é, ainda que a entrevista seja apenas uma janela temporal para um olhar da intimidade singular. Metaforicamente seria, talvez, o equivalente a olhar para um sistema planetário numa galáxia. Um ponto no cosmos. Uma imagem, refletida do mundo interno.

O self (ser), está contido no eu (é), melhor explicado: “*da diferenciação e permanência das representações do self no eu depende o sentimento de identidade*” (Grinberg e Grinberg, p. 32, 1998), assim o eu é um aspeto do funcionamento mental e não o funcionamento mental em si, responsável pela organização da realidade figura (self)-fundo

(não-sefl). O conteúdo da solicitação que é feita e bem assim a forma como a mesma é feita, remete para a validade de construto na medida em que se por um lado o que se pergunta “ser quem é” remete para a identidade tal como é pelo próprio percebida, por outro lado, a forma como narra o que é, reenvia para a o modo como estruturou, organizou e expressa o que de si narra. Apesar de aquilo que é perguntado promover o que se pretende estudar, não determina a resposta, sendo a narrativa desenvolvida a partir da questão e construída pelo sujeito. Assim, o conteúdo enunciado é a realidade que a autobiografia do sujeito imprime na narrativa que faz acerca de si (Hollway e Jefereson, 2008).

A associação livre permite apreciar a arqueologia psíquica, as memórias que vão emergindo, onde estão contidas cargas afetivas, imagens e padrões relacionais. Tidas como memórias-sonho, permite ao sujeito enfatizar as suas fantasias e encená-las, expressar intenções e desejos, no palco de uma relação, afastando-se, deste modo, dos métodos tradicionais, pois mesmo que a pessoa se defenda contra emergências internas desencadeadas pelo decorrer da entrevista, fica assegurado o acesso à *gestalt* da mesma (Hollway e Jefereson, 2008).

Para que a associação livre tenha lugar é indispensável a manipulação de símbolos, que dão corpo à experiência e ao sentido e que supõem uma compreensão pelo outro. O anterior remete-nos para a linguagem, enigmática na sua *gênesis*, mas sem a qual não haveria diálogo. Haveria tão só uma vacuidade sem outro: um ser que se é a si mesmo vago e amorfo. O suporte aqui é Lacan (1953), no que concerne à importância da linguagem, já que esta é a condição para o inconsciente.

Na conjugação destes conceitos, que se jogam na solicitação única e subsequente prossecução da entrevista, confere lugar ao movimento psíquico que pretende (re)construir e expressar o si-mesmo, e, quiçá ser revelador dos elementos que também dão forma à expansão identitária. Onde a identidade é vivida criativamente pelo sujeito que a (re)constrói, atualizando/modificando a visão que tem de si, do outro e do mundo.

O que se procura não é o alcance da realidade última do sujeito, antes – e isso sim – pôr em evidência a dinâmica que sustenta a identidade tal qual ela é interpretada por quem se coloca em interrogação ou é sobre isso interrogado. Criando, deste modo, uma narrativa da identidade, a qual é alvo de análise e a que se presume como lugar de mediação privilegiada, aí fundindo-se história e ficção, pois como disse com grande eloquência Ricouer “o conhecimento de si próprio é uma interpretação” (Correia, p. 2, 2000).

De outro modo, o que se pretende é colocar o sujeito numa situação que o *obrigue* a intuir-se a si próprio, o que transcende a equação pensar-raciocinar-explicar-sentir, de modo a que possa, no limite, ter um contacto com a *verdade subjetiva de si* e com isso interpretar-se.

4. PARTICIPANTES

Qualquer pessoa poderia participar no presente estudo, desde que não fizesse parte de uma população clínica, já que este não tem hipóteses *a priori*. Posto isto, caracterizam-se os participantes que aceitaram colaborar nesta Dissertação.

A participante A, é do sexo feminino, tem à data da realização da entrevista 22 anos de idade, tem o 12º ano de escolaridade, trabalha como Técnica de Auxiliar de Saúde, residindo com o seu companheiro em casa alugada, na área de Torres Vedras. A entrevista decorreu em casa da própria, tendo sido feita na sala, sem interrupções de outrem. A entrevista teve uma duração de 53 minutos.

A participante B, é do sexo feminino, tem à data da realização da entrevista 47 anos de idade, é solteira, frequenta o Ensino Superior na área das Ciências Sociais, trabalha como Técnica Auxiliar de Medicina Dentária, residindo em casa própria. A entrevista decorreu no ISPA – Instituto Universitário, tendo-se para o efeito reservado uma sala, onde a mesma foi realizada, sem interrupções de outrem. A entrevista teve uma duração de 47 minutos.

5. PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes de se ter dado início à recolha dos dados propriamente ditos, fez-se uma entrevista-piloto, a fim de averiguar a possibilidade de prosseguir com o presente estudo. Esta entrevista foi possível através de um contacto pessoal, do sexo feminino, com 25 anos de idade, formada na área das Ciências Sociais, residindo, à data, em casa dos seus progenitores. A entrevista teve lugar numa sala reservada para o efeito no ISPA – Instituto Universitário. A entrevista teve a duração de 40 minutos, e após transcrita para suporte digital/físico foi a respetiva gravação destruída. Lida em voz alta pelo entrevistador à Orientadora da presente dissertação, esta sugeriu que fosse dada continuidade ao presente estudo. Convém, no entanto, referir que esta participante se disponibilizou apenas para a entrevista-piloto, não aceitando que os dados recolhidos constassem na redação final da Dissertação em epígrafe. Por este motivo e por questões de natureza Ética, a respetiva transcrição não consta em anexo, mas tão só a sua referência, para propósitos de rigor científico.

Após um anúncio nas redes sociais a solicitar participantes, quem se disponibilizou para participar no estudo foi contactado por via telefónica, no sentido de agendar um dia, hora e local onde pudesse ter lugar a entrevista. Os participantes que aceitaram colaborar na investigação foram informados sobre o tema, tendo-lhes sido comunicado que a entrevista tinha uma finalidade académica, no âmbito da presente Dissertação. Foi assegurado aos participantes, o anonimato da informação fornecida, através da alteração dos nomes próprios ou informação que os identificasse. Quaisquer dúvidas existentes a respeito da natureza do estudo foram esclarecidas no fim das entrevistas.

Para a entrevista foi utilizado um gravador. Posteriormente, foi utilizado um computador para transcrever o material gravado, o qual finda a transcrição da entrevista foi destruído, conforme mencionado aos participantes.

Antes de se proceder a uma análise propriamente dita, foi efetuada uma transcrição das entrevistas, o que por si já constitui um primeiro momento de análise. A transcrição foi realizada atentando a prestação do entrevistador e entrevistado, bem como respeitando a máxima de Bion (1993) *sem memória, sem desejo, sem compreensão* e a atenção flutuante dos conteúdos que emergem à consciência no decurso da transcrição.

Para garantir a universalidade dos conteúdos analisados, uma dinâmica criativa e objetivar a compreensão, integração e síntese dos dados recolhidos, a entrevista foi lida em voz alta pelo entrevistador no grupo de Intervisão, supervisionado pela Orientadora. Deste modo, foi possível a cada membro, incluindo ao próprio entrevistador, enunciar e pronunciar-se sobre os conteúdos que foram sendo evocados em cada um pelas narrativas relatadas.

Mais tarde, a Orientadora destacou os grandes temas que as entrevistas permitiram destacar, assim garantindo a validade interna, já que retira com maior precisão os mesmos, por ser Psicanalista e ter experiência na área. Posto isto, foram identificados os seguintes grandes temas: a) a família como contexto de organização identitária, b) a figura primária como self-objeto, c) a mudança de espaço, d) bissexualidade (este apenas presente numa entrevista) e e) trauma.

O seguinte momento de análise foi efetuado de forma individual pelo entrevistador, procurando relacionar os dados anteriores com a literatura.

6. RESULTADOS

A presente seção deste trabalho é composta por dois momentos diferentes de análise. Um primeiro, que se refere a uma análise discursiva da narrativa de cada participante, procurando olhar, escutar e pensar o seu curso associativo e um segundo momento após uma leitura comparativa das análises das entrevistas, extraindo-se os grandes temas que se destacam e pautam as narrativas.

6.1. ANÁLISE DA NARRATIVA DE ENTREVISTA A – LUÍSA

MULHER POR OPOSIÇÃO

A Luísa coloca-se no lugar do interlocutor para retornar ao seu e, posteriormente, olhando-se a si própria perante a solicitação que lhe é feita “*ser quem é (...) ser quem sou*” e, ao prosseguir procura fazer uma síntese, pese embora a mesma aparentar ser demasiado intelectualizada e normativa “*acho que p’ra todos, qualquer pessoa, ser, ser quem é há-de ser uma descoberta das coisas que eu faço, daquilo que eu vou gostar ou não, de aprender com os erros ou não. Ser quem sou é uma escolha das minhas... é uma... conjunto inerente de, da família o meio onde eu cresci, dos amigos que eu escolhi, da religião onde me inseriram como também é uma escolha das minhas decisões e das minhas ações... ah... portanto aquilo que eu sou foi aquilo que eu escolhi e que em parte me foi inculcada*” sendo que o anterior parece reenviar para fragilidades que a entrevistada não consegue resolver, mais aparentando serem, também, sínteses que não consegue fazer em virtude de, eventualmente, no seguimento do que refere, aparecer uma família que representa clivada e que a sujeita a certa censura “*cresci numa família religiosa e era interessante porque, parte da minha família é de uma religião e outra parte de outra*”.

Quando questionada sobre de que forma se sente ser diferente dos outros, refere que “*Eu acho que todos somos diferentes e todos iguais*” evocando um lugar comum e, ao mesmo tempo, tendendo para anulação das diferenças, olhando se a si mesma de uma forma distanciada. Ao prosseguir o relato permanece numa posição distanciada, por um lado evoca a cultura não no sentido de eu-sujeito, antes fá-lo de forma vaga, melhor entendido, não se reporta à cultura como a cultura que se transforma em gente e, a maneira como parece representar o seu desenvolvimento, remete para uma acumulação de aprendizagens o que é limitador na formação da sua identidade e, bem assim, uma visão limitada de si, observe-se o

seguinte trecho que se transcreve a este propósito *“conhecendo pessoas novas de meios diferentes de sítios diferentes é sempre bom porque: todos diferentes todos iguais, como se diz. Portanto acho que, toda a gente tem algo de diferente ou de especial como... se quiser dizer. Portanto, acho que é sempre bom conhecer gente nova porque bom ou mau aprende-se sempre alguma coisa com outra pessoa... e com as vivências que essa pessoa teve”*.

A relação com a feminilidade, apesar de evocada é remetida para um plano secundário, eventualmente, por a entrevistada exibir dificuldade em organizar uma imagem de si como mulher, evocando, sobretudo, o mundo profissional como forma de ser apreciada, valorizada e investida, conferindo-lhe um suporte narcísico, que a leva a, conseqüentemente, reconhecer-se com o que vão dizendo de si, atente-se para o seguinte trecho da entrevista *“claro que é um trabalho desgastante físico e psicológico, mas por outro lado muito gratificante, porque há pessoas que dizem: «ah gosto tanto de si»; «vou-me lembrar de si quando me for embora»”,* mais revelando a necessidade de se colocar numa posição filial *“obrigado porque ‘tá aqui comigo oh minha menina você tem uns olhos tão bonitos”*.

Retomando a organização da imagem que tem em ser mulher, o seu discurso parece apontar para uma rivalidade entre o estatuto social da mulher e do homem e concomitantemente efetua um movimento psíquico em que procura também igualá-los, assim conseguindo alcançar os direitos masculinos *“se fosse uma mulher, uma mãe solteira ou uma mulher que se quer impor, por exemplo eu se calhar se quisesse seguir uma carreira em que quisesse ser um posto muito alto e nunca quisesse casar ou ter filhos provavelmente ainda hoje não seria visto como... tão bem visto... tão mas não queres ter uma família, não queres ter filhos, uma mulher sem filhos não é totalmente realizada, não sei quê... acho que nessa parte ainda temos que chegar um bocadinho mais à frente porque uma mulher tem, tem tanta.. como é que eu hei de explicar... não é, não difere no homem nesse aspeto. Se o homem não quer ter filhos nem casar e quer progredir na carreira também a mulher o pode fazer. Acho que nisso ainda está um bocadinho fragilizado o ser mulher, nesse aspeto”,* mais evocando o Estado aparentemente como equivalente simbólico do poder paterno, que sente como falta *“é um Estado que não ajuda famílias monoparentais, se o pai não paga pensão de alimentos, o Estado também não paga”*. Neste seguimento, reporta-se, também, à solidariedade entre as pessoas inerente à cultura rural, do modo que a representa, sendo que a mesma é vista como um suporte *“é uma sociedade que além de ser em certa parte acolhedora em que em meios pequenos em que as pessoas se conhecem, as pessoas ajudam-se entre si são... cooperam umas entre as outras”*, bem como, reporta-se ainda à sociedade como estando em desvantagem consigo o que, eventualmente, se pode fazer equivaler a uma

desvantagem sentida perante o Outro “*A nível de ser mulher... bem não estamos propriamente numa sociedade difícil de ser mulher, acho que em certa parte*”.

Repentinamente, no decurso da entrevista, a entrevistada consciencializou-se de que o interlocutor era homem o que a levou a entrar em relação com o mesmo, enquanto tal, manifestando o desejo de justiça, mais reivindicando o estatuto que reconhece no interlocutor, como se este, fosse, na aceção que forma do masculino, aquele/quem comete a injustiça.

Neste sentido, parte da sua organização identitária parece firmar-se contra a ideia da representação dos papéis masculino e femininos, procurando concomitantemente igualar ambos os géneros a partir de si, mas não do outro, mais procurando que o outro enquanto masculino, faça o mesmo que ela faz “*eu trabalho tanto tempo fora ou mais do que tu, a casa também é tua eu preciso de ajuda em casa (...) Eu não faço nada sozinha cá em casa, por exemplo, se ele cozinha eu lavo a loiça, se eu cozinho ele lava a loiça ah... eu hoje fui trabalhar de manhã, cheguei a casa tinha a loiça lavada tinha a cama feita, ontem foi ele trabalhar eu estive de folga e lavei a loiça e fiz a cama, portanto isto são, são, são coisas que eu lhe expliquei, que acho que sim senhor ele trabalha, eu também trabalho, se ele gosta de viver numa casa limpa e arrumada, eu também mas temos de ser os dois a fazer por isso*”.

O material recolhido, parece também sugerir que a entrevistada deseja ser cuidada, desejando que o companheiro despenhe ou represente o papel materno/paterno, enquanto pais combinados, o que reenvia para a sua falha narcísica “*ele deixa-me dormir, deixa-me descansar, faz o almoço e diz olha o comer ‘tá feito, vai comer e depois diz agora vai dormir, se quiseres vai dormir mais um bocadinho, se for o contrário a história é a mesma*”.

Na prossecução da narrativa aquando os momentos de solidão a que alude, refere apreciar-se a si própria, configurando o anterior uma formação narcísica como reação à intrusividade/invasão familiar, que se pode também associar à necessidade que tem em se individuar “*Para mim estar sossegada é fantástico. Sempre gostei muito de ‘tar sozinha e talvez dou mais valor ao estar sozinha por ter crescido no meio de tanta gente e portanto (...) estar sozinha não na solidão (sorri) (...) aprecio-me muito mesmo o tempo sozinho, o tempo de poder estar á minha vontade*”, o que a conduz a um afastamento da família por a mesma não lhe permitir o acesso a referida individuação. Continua e descreve os membros familiares como muitos e ruidosos, impossibilitando a constituição de uma melodia interna organizadora, de modo a figurar um envelope psíquico também ele harmonioso “*éramos 30 pessoas a um domingo a comer todos juntos, todos os domingos não era... chegava a um ponto ao meio do almoço em que eu estava saturada de ouvir toda a gente a gritar ao mesmo tempo... depois um quer-se fazer ouvir o outro também quer, e depois um fala mais alto que o*

outro” melhor explicado, a família enquanto conjunto, indiferenciada e com a qual se relaciona de forma diádica, é sentida como um caos penetrante (*i.e.* que a penetra e invade). Neste seguimento, em virtude do anterior, o lugar que a entrevistada sente ter-lhe sido atribuído na família, ao invés de organizar a identidade, desorganiza-a, ameaçando a coesão identitária da entrevistada, sentido a família como claustrofóbica e redutora do seu espaço interno.

Ainda, quando se reporta à família concebe-a como uma totalidade, vivendo em relação dual e ambivalente com mesma, uma vez que não se distinguem os seus membros, formando uma espécie de corpo único, mais representando a família como uma imago materna *“É bom ter a família por perto se... a minha família como monoparental tendo o suporte de, de tias e primos por perto, facilitou muito o facto de a minha mãe poder ir trabalhar e saber que eu e o meu irmão estaríamos bem entregues com a minha avó, com as minhas tias para nos despacharem para escola, para comer, o que quer que for. Nesse aspeto é fantástico ter a família por perto porque dá um suporte muito maior a uma família monoparental (...) Por isso eu acho muito saudável, eu ver a minha família regularmente, mas viver fora daquele meio”*.

Também ao referir-se à família expressa a luta por um lugar de si no mundo, conquistando um espaço, ainda que de forma temporária, reagindo imediatamente aquando dos momentos sentidos, por si, como ameaçadores recorrendo para tanto como solução rechaçar a intrusão familiar, o que aparentemente a leva a relacionar-se com os membros familiares como se ela fosse o mau objeto, sendo que o anterior conduz a uma má representação de si que associa à rebeldia, rebelião e revolta *“E para mim acho uma falta de respeito eu estar no meu quarto ou estar na sala e as pessoas virem e dizerem e opinarem e assim... se estou no meu quarto, antes de tudo, eu tinha algumas pessoas na minha família que tinham o vício de abrir a porta, sem bater, sem bater à porta e isso a mim fazia-me... eu achava uma enorme falta de respeito e batalhava muito com isso (...) Estar na sala, claro que pronto, na sala obviamente não necessitam bater à porta mas é, tou a ver um canal, um programa qualquer de televisão: põe lá no outro que eu quero ver no outro. Não tavas na tua casa? Vê na tua casa (sorri)! Deixa-me estar sossegada na minha! (...) eu nunca fui uma pessoa (sorri) de deixa estar, não liguês, sempre fui muito impulsiva e tudo aquilo que eu pensava dizia e fazia (...) depois acabava por ser a mal-educada por causa destas coisas, eu sentia-me desrespeitada e ficava chateada porque eu estava tão sossegada”*. Ainda, o anterior, pode ser sugestivo de que Luísa sente ter um lugar para a família, embora sinta que a família não tem um lugar para si, um lugar onde possa ser quem é.

A Luísa, ao falar da figura materna, defende-a, defendendo o estatuto e autonomia maternos, como forma de se opor à família aquando esta desautoriza a figura materna, pois, como ela tinha, à data, uma mãe solteira, sentia as pessoas como intrometidas “*Se a minha mãe dizia qualquer coisa ou se eu dizia alguma coisa à minha mãe ah... o facto de todos terem que dar opinião... isso para mim, primeiro acho que é uma falta de respeito e depois a mim é uma coisa que me irritava bastante*” ligando-se o anterior à percepção do estatuto de menoridade da mulher, levando-a, como mais acima se referiu, a reivindicar um melhor estatuto feminino, que reconhece no estatuto de homem, mas não no da mulher, o que aparenta explicar a sua necessidade em igualar ambos os planos estatutários. Neste seguimento, evoca, ainda, uma imagem da figura materna que associa à desilusão, por esta fazer falsas promessas “*eu tava com cara de amuada, e a fotografia ficou engraçada porque eu tava com cara de amuada (sorri) a minha mãe e o meu irmão a rir e eu com cara de amuada, a fazer beicinho e eu assim: eu tava assim porquê? Tão eu disse-te que nós íamos p’ra praia mas o fotógrafo veio cá e tu não querias tirar fotografias querias ir para a praia, pronto... eu era assim... as pessoas diziam: eu queria ir a um sitio, as pessoas diziam que nós íamos, mas depois fazíamos qualquer coisa e eu amuava*”.

Ao associar sobre a família, parece insistir na ordem, enquanto ordem e autoridade paternas o que remete para a figura paterna como agente de acesso à lei e também como aquele que instrui “*eu já disse isto várias vezes, eu no dia em que tiver um filho, se eu lhe disser sim ou não vocês não, nem sequer opinam. As regras são minhas e têm, e têm... são minhas, como é que eu hei de explicar... se eu, se eu... eu hei de ter um conjunto de regras como qualquer família há de ter para educar os filhos (...) criança tem que aprender a crescer com regras e com normas e com regras e saber respeitar o que os outros dizem, se é não é não (...) porque a própria família não sabe respeitar as normas que um pai tem. Se é não, é não! E a pessoa não tem que tar a argumentar nem a dizer ah então, mas isto e aquilo e não sei quê, não!*”, ainda o atrás mencionado parece, também, ligar-se com o desejo que tem do regresso do pai ausente “*eu lembro-me de dizer à minha mãe tu não podes casar com mais homem nenhum, tem que ser o pai*”, sendo que é esta ausência que coloca a falha na organização identitária, constituindo-se um nódulo. Nesta sequência, apesar de se referir ao padrasto como possuidor de qualidades paternas “*que às vezes engano-me e chamo-lhe quando vou falar com alguém e digo o meu pai, aí não é meu pai é meu padrasto*”, a entrevistada não o reconhece enquanto pai, e sim sobretudo como homem “*foi a presença masculina que houve assim de... tinha os meus tios, mas... não era a figura masculina dentro de casa. Foi a única figura masculina que eu tive*”, temendo, aliás que este homem lhe roube

a mãe *“tu não vais ficar com a minha mãe, a minha mãe é minha (...) com 10 anos uma pessoa pronto, é uma criança e pensa a minha mãe vai-se casar, eu vou ficar sem mãe eu não sei... sei lá o que é que era ter um homem dentro de casa, pensava que ele ia-se casar com a minha mãe e a minha mãe ia embora”* o que se pode, eventualmente, associar-se ao medo de reconhecer e se relacionar com uma figura masculina que despenhe o papel paterno pela dor sentida em virtude da ausência do pai real *“claro que custa, claro que não ter pai é uma coisa que eu gostaria... que eu não gostaria que tivesse acontecido”* e concomitantemente pelo desenvolvimento de uma fantasia de que o pai que é homem, pode fazer equivaler simbolicamente à figura paterna, tal que, todo o homem será como o pai é e como tal deixar-lhe-á uma ausência, podendo o homem levar, também, a sua mãe, deixando-a ausente de ambos, o que se pode ligar ao receio da orfandade.

Ao falar da ausência do pai parece dar a entender que não a sente da mesma forma que o seu irmão, referindo que para este a ausência do pai foi sentida como abandono, o que parece dar conta de um movimento de identificação projetiva, permitindo-lhe dissociar-se do sentimento de se sentir abandonada pela figura paterna o que pode, eventualmente, também se ligar com a ausência do pai ser um símbolo que se revela de difícil simbolização, por dor sentida da sua ausência atingi-la narcisicamente *“Ele como viveu e sofreu o abandono a ele custou-lhe mais eu como não sofri isso, como nunca vivenciei e nunca tive ah... e também sou... somos pessoas diferentes, feitios diferentes, claro que custa, claro que não ter pai é uma coisa que eu gostaria... que eu não gostaria que tivesse acontecido mas, era uma coisa que para mim era normal”*.

Ao terminar a entrevista, estabelece uma continuidade de si, com extensão temporal ligando o passado ao presente e o presente ao futuro *“Aquilo que eu fui já fui, já não interessa, já passou... aquilo que eu sou agora é influência daquilo que eu fui, e aquilo que eu serei é influência daquilo que eu sou agora”*.

Manter uma relação com a mãe excluindo terceiro que é neste caso a figura masculina, homossexualidade raiz muito precoce.

6.1.1. ANÁLISE DOS GRANDES TEMAS NA MULHER POR OPOSIÇÃO

Após uma primeira análise referente à leitura da entrevista conforme acima se observa, a análise dos grandes temas foi levantada conforme o que a entrevista suscitou. Neste sentido, apesar de os mesmos poderem ser sobreponíveis, verificam-se suficientemente distintos. Posto isto, na entrevista em apreço, a família como contexto de organização identitária revela-

se estruturante, sendo este um contexto onde se jogam os papéis, os estatutos, as estruturas comportamentais, e se configura como o lugar a partir do qual o mundo se apresenta, que no âmbito da presente entrevista, surge como um lugar de luta, de conquista por um espaço próprio, um lugar no mundo; a figura primária surge também como aspeto fundamental na estruturação identitária, que na entrevista em epígrafe se faz destacar pela menoridade da mulher perante a família; a mudança de espaço como sendo um representante psíquico do vínculo espacial do self, encontrando na realidade externa forma de se expressar; bissexualidade, que no caso em apreço parece refletir uma dificuldade em estabelecer uma relação triádica, mantendo-se no registo dual, excluindo o terceiro, quando este terceiro é masculino, por o conceber como responsável por uma injustiça que subsequentemente se liga ao trauma, onde a ausência do pai real, para além de ser sentida como abandonante, é também sentida como injusta, dado eventualmente se poder associar com a figura materna não ter validado de forma satisfatória os estados afetivos.

6.1.1.1. FAMÍLIA COMO CONTEXTO DE ORGANIZAÇÃO IDENTITÁRIA

Para Luísa, a família surge como um contexto que não lhe permite individualizar-se “*éramos 30 pessoas a um domingo a comer todos juntos (...) chegava a um ponto ao meio do almoço em que eu estava saturada de ouvir toda a gente a gritar ao mesmo tempo*” nem ter um lugar no mundo “*E para mim acho uma falta de respeito eu estar no meu quarto ou estar na sala e as pessoas virem e dizerem e opinarem*”, e contra a qual luta para atingir a afirmação de si no mundo, mas à custa de uma reação de rebeldia “*tou a ver um canal, um programa qualquer de televisão: põe lá no outro que eu quero ver no outro. Não tavas na tua casa? Vê na tua casa (sorri)! Deixa-me estar sossegada na minha! (...) Se alguém me dissesse muda de canal eu dizia: não queres, vai-te embora daqui, esta casa nem sequer é tua*”, e por outro lado, dificulta-lhe a identificação com o objeto materno, já que este aparece no seu discurso como sendo, frequentemente, desautorizado perante a organização familiar “*a minha mãe dizia-me alguma coisa sim ou não e vinha as tias e os primos e dizer mas isto e aquilo e não sei quê, todos tinham de dar a sua opinião e isso a mim é uma coisa que eu não suporto (...) e a criança até pode ficar desorientada, desnorteada porque a mãe diz não o pai diz não, o tio, a avó, o avô, o tio o primo diz sim, a criança com os pais não faz mas com os outros faz e isso a mim faz-me imensa confusão*”.

Também, a família aparece como um todo indiferenciado, representado com múltiplos membros que sente como desorganizadores e invasivos do seu espaço interno “*toda a gente se*

põe na família... na vida uns dos outros porque ah e tal e tu disseste isso e o outro diz que disse aquilo e uma fez outra coisa totalmente diferente” o que aparentemente dificulta o acesso à distinção entre papéis, no conjunto familiar, no sentido de diferenciação. É perante o anterior que evoca uma representação associável ao papel paterno como quem estabelece a ordem, impõe a Lei e organiza o caos intrafamiliar.

Contudo, no decurso da entrevista a família é também vista como que partilhando papéis que se podem associar à imago materna, no sentido de suporte, mais se associando concomitantemente com um aspeto cultural *“é fantástico ter a família por perto porque dá um suporte muito maior a uma família monoparental (...) em meios pequenos em que as pessoas se conhecem, as pessoas ajudam-se entre si são... cooperam umas entre as outras”*.

Luta contra papéis estatutários, que pode também relacionar-se com a desautorização que sentiu do papel materno, eventualmente associado ao papel da menoridade da mulher que sente no seio intrafamiliar *“eu olho para certas pessoas da minha família em que o homem não faz rigorosamente nada a não ser trabalhar fora de casa. Chega a casa senta-se no sofá a ver televisão e a beber cerveja”*

A família aparece ainda com uma representação clivada, a respeito da religiosidade *“cresci numa família religiosa e era interessante porque, parte da minha família é de uma religião e outra parte de outra”*, mais contrastando aspetos relacionais e afetivos vividos no seio intrafamiliar *“Havia alegria todos os dias, uns discutiam uns com os outros ou tavam aos beijinhos e abraços”*.

A família também aparece como espaço de transmissão de valores, ao serviço da formação de si *“há coisas que tive de gostar o que tive de lidar por obrigação, obrigação de família, obrigação do que são os valores da minha família e que transmitiram para mim”*.

6.1.1.2. A FIGURA PRIMÁRIA COMO SELF-OBJETO

Luísa evoca a figura materna como uma desilusão materna por prometer algo que não cumpre *“tenho uma fotografia de nós os três e ela diz assim... e eu tava com cara de amuada, e a fotografia ficou engraçada porque eu tava com cara de amuada (sorri) a minha mãe e o meu irmão a rir e eu com cara de amuada, a fazer beicinho e eu assim: eu tava assim porquê? Tão eu disse-te que nós íamos p’ra praia mas o fotógrafo veio cá e tu não querias tirar fotografias querias ir para a praia”*.

Identifica-se a este aspeto da figura materna que é o trabalhar *“as nossas mães já são pessoas que trabalham fora bastante tempo, portanto os da nossa geração já vêm que*

realmente a mulher já passa mais tempo fora de casa, acho que isso já tá a ajudar um bocadinho ah... já tá a ajudar um bocadinho a compreender que o trabalho de casa já não é só de mulher”.

Ainda, representa a figura materna como desautorizada perante a família, procurando defendê-la, levando a constituir-se como uma espécie de escudo à imagem materna a fim de preservar os aspetos bons da mesma e assegurar uma identificação materna, internalizando esta luta estatutária e associada à menoridade que sente em relação à mulher “*a minha mãe dizia-me alguma coisa sim ou não e vinha as tias e os primos e dizer mas isto e aquilo e não sei quê, todos tinham de dar a sua opinião e isso a mim é uma coisa que eu não suporto (...) eu olho para certas pessoas da minha família em que o homem não faz rigorosamente nada a não ser trabalhar fora de casa. Chega a casa senta-se no sofá a ver televisão e a beber cerveja”.*., atualizando-a na relação conjugal e na relação que estabelece com o masculino “*eu trabalho tanto tempo fora ou mais do que tu, a casa também é tua eu preciso de ajuda em casa (...) Eu não faço nada sozinha cá em casa, por exemplo, se ele cozinha eu lavo a loiça, se eu cozinho ele lava a loiça”.*

6.1.1.3. MUDANÇA DE ESPAÇO

A realidade externa parece ter constituído uma espaço que remodelou e deu forma ao desejo em encontrar um lugar, onde a solidão e o afastamento da família lhe permitissem redefinir o processo de individuação “*eu agora estou a viver fora daquele meio, não... noto alguma diferença de ah... já não há aquele... aquela... há aquela proximidade que havia, e é uma proximidade muito grande ah... contudo há muito mais o respeito da privacidade (...)eu acho muito saudável eu ver a minha família regularmente, mas viver fora daquele meio”.* Neste processo, procura estabelecer uma relação de intimidade ainda que de forma pueril e com insucesso, melhor explicado, a forma como no seu discurso aparece o seu companheiro é representado como se se tratasse mais duma figura cuidadora, onde se condensam os papéis maternos e paternos, do que um objeto total exterior com o qual se relaciona sob o primado da genitalidade “*ele deixa-me dormir, deixa-me descansar, faz o almoço e diz olha o comer ‘tá feito, vai comer e depois diz agora vai dormir, se quiseres vai dormir mais um bocadinho”.*, bem como, procura controlar o seu companheiro, reivindicando os mesmos direitos no plano estatutário masculino-feminino “*são coisas que eu lhe expliquei, que acho que sim senhor ele trabalha, eu também trabalho, se ele gosta de viver numa casa limpa e arrumada, eu também mas temos de ser os dois a fazer por isso”.*

6.1.1.4. BISSEXUALIDADE

A vinda do padrasto parece ter feito emergir a homossexualidade latente, de origem muito precoce, excluindo o terceiro, sendo este terceiro masculino “*custou-me mais haver uma presença masculina do que se calhar nunca tivesse havido (...) eu lembro-me (ri-se) que, quando eu o conheci disse: vai-te embora, tipo, tu não vais ficar com a minha mãe, a minha mãe é minha*”, assim reforçando um modo de relação dual, ao invés de triádica.

6.1.1.5. TRAUMA

A figura materna, representada também como mãe-desilusão, como aquela que faz promessas que não cumpre, pode também constituir-se como traumático, levando Luísa a reter uma memória em que se sente amuada (retração desgostosa). Por Luísa ter sentido a ausência de respostas adequadas por parte da mãe parece ter levado a que a mesma se volte para a figura do pai de construção imaginária investindo-o excessivamente, levando-a à deceção por ter um pai ausente “*Uma figura masculina faz sempre falta a uma criança tal como uma figura masculina é importante independentemente de estarem na mesma casa ou não*”. Esta angústia é vivida de forma intensa, pelo que parece ter a necessidade de recorrer ao movimento de identificação projetiva para falar do abandono que sente em relação ao seu pai, confirmando no irmão, o abandono paterno que sente “*eu nunca cresci com a figura de pai como o meu irmão cresceu e ele custou-lhe muito mais isso porque ele tinha dois anos e meio ah? Um ano e meio (...) Ele como viveu e sofreu o abandono a ele custou-lhe mais eu como não sofri isso*”.

A família como apreço descrita, parece ser vivida como traumatizante, uma vez que não proporcionou um ambiente de responsividade adequada, levando à reação imediata de Luísa como estratégia defensiva, pelo constante sentimento de invasividade e intrusão do seu espaço interno e, para além do anterior, parece que ao nível maturacional, Luísa viu dificultados os processos que àquele inerem, nomeadamente a integração, a personalização, a noção de espaço e de realidade, porque não viu serem reconhecidos, validados e sintonizados os seus estados afetivos.

6.2. ANÁLISE DA NARRATIVA DE ENTREVISTA B – DIANA

O RADAR

A Diana, perante a solicitação que lhe é feita, assume primeiramente um relato, tido como mais descritivo no que a si respeita, sendo que o associa a uma descoberta que fez referindo que a mesma teve lugar num período que situa há cerca de 2 anos a esta parte “*sou uma mulher determinada e com uma força*”, evocando o anterior e remetendo-o ao serviço de um “*potencial para explorar*” mais referindo ser “*a parte positiva*” dizendo sobre o seu oposto que “*falar na parte negativa, não me apetece*”. No trecho com que se inicia a respetiva entrevista são várias as vezes em que a entrevistada, verbaliza, em tom de pergunta, o que lhe fora solicitado seguindo-se um silêncio e a título ilustrativo “*quem sou eu? (silêncio)*”. O atrás mencionado, parece ser uma forma de diálogo consigo própria, um modo de se relacionar consigo mesma, de outro modo, possível evidência de relação de objeto, representando o *self* como tal.

Em contraste com o trecho que foi acima aludido, prossegue a narrativa evocando um fundo de experiências negativas de um passado onde terá acumulado “*camadas de lixo psíquico, e lixo, e lixo, e lixo e lixo e acabamos por não saber quem somos*” associando-as ao decurso da vida e mais, reportando-se, também, ao percurso profissional “*nós começamos a trabalhar muito cedo e depois esquecemo-nos um bocadinho de quem somos*”. Neste enquadramento, evoca partes de si votadas ao esquecimento e ao adormecimento, que perante determinadas situações dão lugar à dúvida, ao questionamento de si “*esquecemo-nos um bocadinho de quem somos..., portanto ficamos adormecidos, passamos a vida no dia-a-dia e, portanto, de repente acontece qualquer coisa e temos... passamos a ter dúvidas, questionamos uma série de coisas isto porque não percebemos quem somos*”. Esta interrogação de si, aparenta refletir-se ou estar ligada ao questionamento de quem lhe é importante por um lado, as imagens das figuras cuidadoras, como se estas não garantissem uma segurança interna básica e suficientemente boa; bem como é, também compatível, com a representação que confere à família, sendo esta um lugar do qual se exclui ou é excluída, revelando relações ténues/ausentes com os membros que a compõem, o que expressa um desinvestimento libidinal e, por conseguinte, a um retraimento social e também de distanciamento em relação ao mundo que a rodeia, como se fossem estranhos e cujo resultado só pode ser um mundo interno desprovido de afeto e com um profundo vazio e solidão. O expresso anteriormente pode ver-se ilustrado no seguinte trecho “*quem eram as pessoas com*

quem eu vivia quem são aqueles..., portanto, questionava as pessoas à volta, mas desde muito pequenina". Nesta sequência, recorda que *"a minha mãe chamava-me: um radar (...) e muitas vezes também questionava as decisões da minha mãe, desde pequena"* o que se entendeu demonstrar uma atitude onde se joga a observação e o julgamento, por outras palavras, observa e julga, mas como adiante se verá, estes dois movimentos psíquicos não se inscrevem numa relação de objeto com um mau objeto, antes parecem exibir uma lacuna relacional com a figura primária – a figura materna.

Com aquilo que se tem vindo a observar, a entrevistada parece lutar para unir coisas contrastadas.

Neste sentido, a entrevistada reporta-se à dor da mãe como se a sentisse dentro de si o que é um equivalente à representação do radar a que aludiu e com a qual se identifica, sendo que o mesmo é muito mais um sensor que propriamente uma defesa contra um perigo externo ou interno, real ou irreal, o que reflete uma procura em coincidir com o Outro *"eu questionava que no meio daquilo tudo havia ali por baixo uma dor que era muito (silêncio) disfarçada, pronto, a minha mãe é, ficou órfã aos 9 anos de idade e eu percebi um bocadinho essa dor na minha mãe"*. É neste contexto que recorda e representa a figura materna como misteriosa – desconhecendo o seu interior pese embora desejar conhecê-lo e, ainda, a presença da figura materna parece ser também sentida como presença desconhecida, situações que parecem originar o recurso ao radar por si referido *"viu a mãe morrer aos 9 anos, portanto e eu questionei-a, era pequena e às vezes questionava quem era aquela... aquele... aquele ser que estava ali"*.

Prossegue a narrativa e vai contando *"eu acho que ela foi uma mulher muito moderna para a época que ela tinha e ela não conseguia por vezes verbalizar ou de uma forma contornar todas essas situações porque o próprio cenário por fora condicionava-a e ela não podia fazer muito mais"* onde parece olhar para a figura materna como se esta estivesse longe e concomitantemente parece reconhecer uma impossibilidade de conseguir alcançar esta figura que lhe é externa e que por ela procura, situação que revela, também, uma certa imaturidade funcional, que por sua vez aparece em contraste num trecho seguinte *"eu sempre tive alguma maturidade desde muito, muito pequenina"*. Esclarece, quando perguntado, o que é maturidade para si que *"tem a ver com este encaixamento que é aquilo que eu sei e que não duvido, ou eu não duvido daquilo que eu sinto"*. Contudo, ao falar sobre a maturidade e descrevendo a forma como a representa, parece, muito mais, ser a manifestação de um desejo, ou seja, o desejo da maturidade que pretende ter, de outro modo, a representação de um ideal que busca ser.

Ao retomar a narrativa, quando lhe é questionado se se esqueceu, alguma vez de si, responde afirmativamente e organiza a respetiva resposta em torno do termo que a entrevistada, ela própria utiliza, nomeadamente a incorporação e, quando a este se reporta fica a sensação que incorpora o interlocutor, visando, desde modo, a criação de uma *persona* e com efeito relacionar-se, ainda que de forma fragilizada, com o Outro.

Evocando parte do trecho inicial da entrevista, esta ao referir-se a uma “*linha reta*”, associando tal a um outro trecho, designadamente “*tinha duvidas existenciais desde muito pequena e porque também passei por alguns traumas, portanto desde a saída de Angola vim para cá e depois uma serie de coisas (...) eu lembro-me que sentia muito medo (silêncio) reavivando algumas memórias, não sentia medo, ah, mas não era um cenário muito agradável, sou sincera*”, parece mostrar que se olhar para trás, para as vivências que são por si consideradas como traumáticas, emerge um sentimento de hesitação e perplexidade, ou melhor dizendo, parece expor a fragilidade da identidade. Neste enquadramento e do anterior ilustrativo conta que “*quando caminho e quando tomo uma decisão já não olho para trás, este movimento de olhar para trás, torna-nos hesitantes*”. Entendeu-se que, para além do atrás mencionado, a entrevistada, não pode olhar para trás porque se o fizer, o falso *self* que construiu (a *persona*) cai, deixando exposta a realidade de si, uma realidade traumática e dolorosa, para a qual não tem fundo de identificação primária nem uma segurança básica “*as pessoas que vieram de lá: aí vivíamos todos bem. E eu questiono-me? Então, mas não percebiam que andavam doidos a matarem-se uns aos outros? Portanto, não era... era normal viver? Portanto não foi assim tão complicado, era mais um cenário de guerra que me complicava um bocadinho porque nós não estávamos habituados a essas situações, não é? Desde escondermo-nos, de ouvirmos os tiroteios à noite, ah..., portanto não havia propriamente um descanso, não havia uma segurança*”.

Continua o relato referindo ter ido estudar, residir e trabalhar para Londres quando tinha 19 anos de idade, situação que sucede após referir ter conseguido adaptar-se, sendo que esta adaptação resulta da necessidade de fazer face a novas situações para fugir do trauma das antigas, pese embora aparentemente tê-lo conseguido à custa do isolamento do afeto, com importantes efeitos ao nível da expressão da sua identidade, *i.e.*, as partes de si adormecidas e outras ainda que foram relegadas para a penumbra, um *ser-se à sombra de si*. A partir do anterior e atentando no material que evoca ao prosseguir a narrativa, podemos observar a existência de uma inquietação que sente dentro de si que é como se fosse o combustível que a leva ou fugir/eliminar (de) alguma coisa, ou procurar alguma coisa, ou ir a um lugar buscar qualquer coisa “*com esta busca de qualquer coisa, eu... essa inquietação permite-me buscar*”.

E, questionada sobre o que esperava encontrar na busca a que se reporta, nega esperar obter algo em concreto, comentando a este propósito que “*(silêncio) eu não crio expectativas, não crio expectativas. Isso foi uma coisa que aprendi muito cedo, porque se nós criamos expectativas depois entramos em conflito interno, porque não conseguimos e aí é (silêncio) se queremos atingir objetivos temos que o fazer pausadamente*” e, deste modo, elimina a fantasia e bem assim o desejo e a possibilidade de perda, o que mais não é do que uma forma de suspender a vida, mais referindo a solidão e a vulnerabilidade que isso implica “*mas como eu sou uma solitária de mochila às costas tenho de arranjar aqui uma forma de não quebrar totalmente porque depois estou numa zona fora da minha zona de conforto e isso depois implica uma serie de coisas (...)* Se eu me for abaixo, ou se eu tiver uma depressão é sempre muito mais complicado num país estrangeiro do que propriamente aqui, ou onde é a minha casa, ou onde estão os meus amigos ou onde tenho as pessoas que me são mais chegadas”.

Em Londres, recorda e relata o momento em que criou uma família “*na escola eramos todos de nacionalidades diferentes, ah, que nos ajudávamos e era um sentimento de interajuda. Eu ali criei uma família*”, para que pudesse colmatar insuficiências por si sentidas, como seja a solidão (angústia de abandono) e a vulnerabilidade que isso implica e já atrás melhor caracterizadas, sendo que tal remete para construção da identidade no seio de um vínculo social, ou, de outro modo, um lugar de pertença e, não só, mas também, um movimento rumo à diferenciação e integração.

Subtilmente, altera a forma com que fala com o entrevistador, deixando de falar de si, passando a falar para o interlocutor, ilustrando deste modo o desejo que tem em o interlocutor se identificar consigo e que este seja com ela um cúmplice e que lhe fortaleça as fragilidades identitárias, no fundo um self-objeto e para o ilustrar observe-se os trechos seguintes “*isto permitiu, permite quando você é jovem (...) uma perspectiva da vida completamente diferente quando você jovem, não é?*”.

Ao prosseguir a narrativa, evoca um mau objeto que configura ou antes ocupa um espaço ou limitado, ou limitador ou ocupado, sendo que o mesmo é preenchido com a fantasia dos animais envenenados “*se você é jovem e continua limitado a um espaço ah... isto intoxica até a própria forma de estar porque contamina, não é? É sempre o mesmo processo, o olhar não é diferenciado*”.

No decurso da narrativa que tece sobre si mesma, são vários os momentos que se refere a si própria como a *viajante* (que procura um lugar), a *contestatária* (que se opõe), a *defensora* (que se protege), a *persistente* (que teima).

A narrativa que constrói relativamente a Angola remete para a sua origem, embora represente esta origem como aquele que prende, por um lado e, por outro, é também o lugar onde se encontra o objeto enlouquecedor, que é aquele que intoxica e contamina; olhar para o passado - aquilo que sente que foi ou que imagina que poderia ter sido - remontando às suas raízes e heranças culturais de Angola, desperta uma angústia de importante intensidade, cuja consequência é o ataque ao pensamento, refletindo-se, tal, na negação e incompreensibilidade dessas raízes, não lhe permitindo, assim, aceder a uma identidade coesa e compreensível, dado que ela própria não compreende o que desse contexto levou a fazer dela quem ela é, o que se pode associar a uma parte de si excindida. Observe-se o que a entrevistada diz a este propósito “*Ok, nós vamos ver as nossas origens, mas temos de ter em consideração que os nossos pais adotivos é que nos deram amor, não é? E criamos este vínculo, e este vínculo está aqui [Portugal]. Aquele vínculo lá [Angola] é muito ténue, muito frágil (...) não posso identificar-me com uma coisa que não existe., percebe? Aquilo não existe... aquilo é uma (silêncio) ficção é, é uma projeção de qualquer coisa que não existe, percebe? Eu não me posso vincular a uma infância de 4 ou 5 ou 6 anos, percebe? Porque, não há pontos de referência, percebe?*”.

6.2.1. ANÁLISE DOS GRANDES TEMAS NO RADAR

À semelhança do que aconteceu com a entrevista acima, surgem como nucleares, os temas da família como contexto de organização identitária, que no caso em apreço, revela que a família impõe uma visão do mundo desconhecida e misteriosa; a figura primária suscita na entrevistada a internalização de uma vigilância e atenção ao estados dos outros, como forma de poder com os outros coincidir (sintonização dos estados afetivos), a mudança de espaço se primeiramente foi forçada, a partir de um segundo momento, aparece como uma escolha permitindo descobrir-se, reinventar-se e constituir uma família, que conhece e por quem é conhecida, assim compensando o desconhecimento, porventura temido, da configuração familiar e, o trauma, aparece no contexto da emigração, evocando uma realidade que é representada socialmente como boa, por oposição àquela que ela própria diz conhecer e que é por si representada como má, poder-se-ia afirmar que essa dimensão social que representa a parte boa, é uma falsa realidade.

6.2.1.1. FAMÍLIA COMO CONTEXTO DE ORGANIZAÇÃO IDENTITÁRIA

A família aparece como um veículo que a transporta e um contexto misterioso e de desconhecimento, mas o qual procura conhecer “*Questionava para onde é que eu ia, de que forma é que eu ia, quem eram as pessoas com quem eu vivia quem são aqueles... portanto, questionava as pessoas à volta, mas desde muito pequenina*”, assim sugerindo que as relações estabelecidas com os membros familiares era ténues/ausentes, suscitando em si um sentimento de exclusão em relação aos membros familiares, na inscrição psíquica, levando a um retraimento e desinvestimento familiar.

À vinda para Portugal, evoca a figura do avô, como figura contentora e como aquele que tinha previamente preparado um lugar “*Para nós não foi muito complicado porque viemos para a casa do meu avô, em Portugal, e, portanto, estávamos com a família e o meu avô já tinha vindo mais cedo e, portanto, não foi assim tão complicado*”, o que sugere que o mesmo, perante a transição aludida, afigura-se como uma figura organizadora.

Também, o regresso que fez a Angola é feito na companhia da sua irmã, e no seguimento dessa viagem, parece que o relato que Diana faz da mesma, mostra-se simbólico, isto é, evoca uma situação de catástrofe: a queda do avião, que na companhia da sua irmã, parece contribuir para o apaziguamento da tensão que o regresso a Angola suscita, o que reenvia para uma possível função fraterna de duplo narcísico (Perpetuo, 2017) e, concomitantemente, para a função de suporte, mais sugerindo a mobilização da identificação projetiva como forma de comunicar esta tensão para um Outro, que neste caso é a sua irmã “*Ainda pensei, pá eu vou de voo direto de TAAG, será que aquilo não vai cair a meio (ri-se) do oceano e a minha irmã epá tu és parva, vamos lá e fomos as duas para a aventura*”. Também, apesar de referir ter ido para Angola por motivos económicos, evoca membros familiares que lhe viabilizaram a possibilidade de ida “*a minha sobrinha tinha visitado, tinha..., portanto, no fundo ficou um mês com o pai, foi lá com o pai e... e... ele conseguiu que ela ficasse numa vivenda simpática, perto dele, e então ela tava... tava ela mais uma amiga*”.

6.2.1.2. A FIGURA PRIMÁRIA COMO SELF-OBJETO

Conta que a sua mãe lhe chamava de radar, o que remete para um modo de se relacionar com os outros e com o mundo, numa postura de eventual vigilância ao serviço da deteção e concomitantemente de procura, como se internamente houvesse uma espécie de censor com o qual se identificasse e através do qual lhe permite procurar, detetar e conhecer

“e eu questionava que no meio daquilo tudo havia ali por baixo uma dor que era muito (...) disfarçada (...) portanto, viu a mãe morrer aos 9 anos, portanto e eu questioneei-a, era pequena e às vezes questionava quem era aquela... aquele... aquele ser que estava ali”.

Ao evocar a representação materna, Diana parece reconhecer na mãe uma figura de referência, com grande valor e de força, por ter sido capaz de ultrapassar uma situação de perda significativa e ter perseguido a vida, dito de outro modo, parece idealizar a figura materna, e também identificar-se com ela no sentido de *ir para a frente* e em ser moderna, todavia sem reconhecer/admitir a lacuna afetiva, que se pode associar ao que sente que não teve e de que sente falta, no fundo, falamos do colo mental, do afeto contentor, do beijo e do gesto afetivo *“a minha mãe é, ficou órfã aos 9 anos de idade e eu percebi um bocadinho essa dor na minha mãe, mas ela de uma certa forma era uma mulher avançada. Avançou, tomou conta dos irmãos mais novos, ela e o irmão mais velho, portanto isso também é uma infância marcante, não é?”.*

6.2.1.3. MUDANÇA DE ESPAÇO

Diana, vai para Londres aos 19 anos de idade porque decidiu *“na altura que queria fazer um curso de restauro e pintura e fiz, tirei o curso completo (...) os primeiros 6 meses vivi como au pair e depois partilhava um apartamento com duas amigas e foi uma experiência muito positiva, porque Lisboa comparadamente com Londres naquela altura era nada... quer dizer... não havia muitos portugueses em Londres, era uma cidade ainda aberta (...) apanhei aquela onda dos punks e pronto, uma liberdade de pensamento que Lisboa não tinha e isso fez-me amadurecer imenso, porque naquela época era habitual a moça estudava, entrava para a faculdade tirava o curso, ia trabalhar. Depois casava e tinha os filhos. Portanto eu nunca quis disso para a minha vida, nunca”*, isto reflete a procura de liberdade e evitar a conceção feminina tradicional.

Também, pode observar-se que parece haver uma procura de outra realidade que não Portugal, procurando referenciais e estabelecer raízes que sentiu perder aquando a sua emigração forçada e que não consegue ganhar em Portugal, para esta ideia parece contribuir o padrão de pessoas com quem refere ter estabelecido uma família, sendo que nenhuma delas é de Londres, deste modo, poder-se-ia dizer que o que as uniu foi precisamente estarem longe de casa *“duma certa forma quando fui para Londres, eu fui com otimismo, fui otimista e dizer: não sei o que é que espero, nunca tinha ido a Londres e portanto foi a surpresa total, foi a descoberta (...) Descobri uma geração totalmente diferente da minha, não tinha nada a*

ver, uma série de possibilidades que as pessoas têm que nós não tínhamos, portanto ah... de viver num meio pequeno que era Lisboa não nos permitia alargar muito os horizontes não é' Londres são 10 milhões de habitantes com pessoas de todas as partes e isso permite-me ter uma interação com os outros, com o outro, completamente diferente (...) na escola eramos todos de nacionalidades diferentes ah... que nos ajudávamos e era um sentimento de interajuda. Eu ali criei uma família. Nós éramos 3 portuguesas que eu conhecia, 1 conheci no MacDonalds, outra conheci não sei aonde, tornamo-nos família porque não tínhamos a família, éramos jovens e, portanto, ah... temos que... avançar.”

Ainda, no seguimento do que tem vindo a ser discutido, a sua narrativa surge com referências a algo que outros não seriam capazes de fazer, mas Diana sim, mais especificamente, a facilidade com que viaja o que se pode associar ao facto de ela sentir que como não tem casa, não tem problemas em ir, dito de outro modo, não lhe custa deixar aquilo que não tem, observe-se o seguinte trecho “*Estas saídas, no fundo a minha infância, permitiu-me criar uma estrutura de não ter medo de ir para situações novas quando amigas minhas diziam aí eu jamais sairia da casa dos pais ou se eu não tivesse alguém que...eu não tinha esse problema”*”.

Na sua narrativa, evoca, já em adulta, ter retornado a Angola por motivos laborais que também associa a motivos de resolução interna, em virtude da pressão colocada pelo sentimento de incompreensão da sua pertença cultural, procurando readquirir e restaurar o que sente ter sido perdido e o que sente ter sido uma injustiça, expressando, aí, a sua revolta “*Eu fui para Angola... ah... (silêncio) fui para um projeto e fui resolver no fundo..., não foi resolver, no fundo eu fui ah... acabar um ciclo que tinha começado lá, lá atrás, portanto decidi ah... isto quando nós não completamos o ciclo todo dá a sensação que depois qualquer coisa na vida que nos acontece mais tarde há uma cobrança (...) eu sempre fui a tal contestatária que... silenciosa mas que me manifestava (...) não é só questões políticas são questões sociais muito profundas que eu tenho, portanto... e em Angola eu ah... de uma certa forma, sem ter medo ah... percebi que era algo inerente a mim que tinha que fazer algo e... porque era um processo meu que ‘tava um bocadinho adormecido, apesar de ter feito muito voluntariado ao longo da vida, mas o voluntariado não é isso, são causas ah..., e portanto estar aqui nesta passagem quando estamos ali no meio termo, nós começamos a questionar: então, então e as nossas causas a lutar, porque lutamos e porque não... e... e lá percebi que há causas para lutar e essas causas são justas e que a maior parte de nós ignora essas causas e ignora dar voz ao outro. O outro não existe. E fui fazendo e fui sendo contestatária à minha maneira (...) havia um desconforto porque, o próprio país não permite fazer o que for, não é?*

Mesmo as próprias instituições eu era conhecida como: então, mas a senhora agora vai pedir o livro de reclamações, mas nós não temos livros de reclamações. Sim, mas eu escrevo numa folha A4 e mando para o departamento, mas isso não é possível porque nós vamos rasgar, não, mas eu continuo a meter, a reclamar, percebe? Tipo, coisas do género... não, mas você não tem o direito de reclamar, não, sim eu tenho o direito de reclamar (silêncio).”

6.2.1.4. TRAUMA

Diana, no decurso da sua narrativa, ao destacar a vivência que experienciou em Angola descreve-a como traumática “*eu era muito pequena e aquilo era um cenário de guerra*”, procurando atenuar a tensão que rememorar o sucedido lhe trás “*reavivando algumas memórias, não sentia medo, ah, mas não era um cenário muito agradável, sou sincera*” e, ainda nesta sequência, reporta-se à perda como algo que não procurou conhecer, elaborar, evocando neste contexto uma perda de pertences “*Também, não questionei a perda, porque nós perdemos todos os nossos pertences*”.

Já em Portugal refere rememorar Angola, embora lhe atribua uma dimensão de irrealidade cuja representação aparente que é socialmente concebida pela comunidade que reconhece ser angolana não corresponde com a forma como individualmente experienciou, sentiu e testemunhou ser Angola “*cá voltei a ter os mesmos sentimentos, eu achava que aquilo tudo não era real, senti, sentia que aquilo que eles diziam, aquela cidade, aquelas cidades maravilhosas, que viviam todos maravilhosamente bem, e que tinham todos muito dinheiro e que tinham todos uma vida fabulosa, era uma fachada. (...) era impossível viver-se numa situação em que havia conflitos armados fora das grandes cidades*”. Ainda, sobre o sucedido, aquando se confronta com a comunidade angolana, a mesma fá-la questionar-se, acarretando um sentimento de perplexidade face ao que dizem, que se poderia eventualmente associar-se à despersonalização “*As pessoas que vieram de lá: aí vivíamos todos bem. E eu questiono-me? Então, mas não percebiam que andavam doidos a matarem-se uns aos outros? (...) era normal viver?*”. Nesta sequência, tenta suavizar e minimizar a tensão que este conflito eminente lhe suscita “*não foi assim tão complicado, era mais um cenário de guerra que me complicava um bocadinho porque nós não estávamos habituados a essas situações, não é?*”, em que não foi bem-sucedida “*escondermo-nos, de ouvirmos os tiroteios à noite, ah..., portanto não havia propriamente um descanso, não havia uma segurança, uma segurança*”.

Neste enquadramento, ao narrar a saída de Angola, relata que a mesma ter-se-á dado de forma conflitual englobando uma serie acontecimento sucessivos que requerem um constante esforço de adaptação, que aquando o sucedido, Diana não teria recursos internos para lidar com a pressão que coloca o exílio, a emigração forçada *“a nossa retirada também não foi muito pacífica porque foi um amigo dos meus pais que foi lá... nós estávamos todos escondidos num apartamento dum amigo dos meus pais, vários casais e chegaram lá o exercito português e vamos embora todos, e meteram-nos todos numa carrinha e, portanto, taparam-nos e vamos embora e vamos para o avião”*.

Conta que após a independência de Angola voltou dois ou três anos depois, mas sem que houvesse ressonância cultural, no fundo, a experiência traumática vedou-lhe o acesso à pertença cultural e reconhecer-se como parte integrante na mesma, desligando-a de si *“depois da independência, voltámos para aí 2 ou 3 anos também não era um país que me dissesse rigorosamente nada”*.

A fatura do que se tem vindo a discutir conduz a uma dificuldade em centrar as suas origens e aceitá-las como suas, o que configura um refugio psíquico, onde a origem nativa fica excindida da sua organização identitária. Se por um lado, devido á experiência traumática que foi testemunhar o que relata, por outro lado, pela incompreensibilidade que sente perante a mesma e também por não encontrar eventualmente um continente suficientemente bom para conter, elaborar e devolver as experiências afetivas transformadas que, como surgem, foram desditas.

Também, evoca a sua separação conjugal como sendo um aspeto traumático que a motivou a reorganizar-se e solicitou de si uma nova unidade psíquica, o que conduziu ao seu regresso a Angola, conforme no tema *Mudança de espaço* foi discutido *“quando nós passamos por um processo traumático, alguma coisa... neste caso foi a minha separação aí é que alguma coisa despertou... e eu disse: não! Há aqui coisas inacabadas, há processos inacabados, larga lá isso tudo e vamos meter a mochila às costas outra vez”*.

Ao falar sobre as suas origens, concebe-as como um equivalente simbólico parental com quem estabelece um vínculo *“As minhas raízes estão criadas aqui [Portugal], não é? Grande parte da minha vida foi passada aqui. Ah... isto é a mesma coisa que um filho adotivo. Ok, nós vamos ver as nossas origens, mas temos de ter em consideração que os nossos pais adotivos é que nos deram amor, não é? E criamos este vínculo, e este vínculo está aqui. Aquele vínculo lá [Angola] é muito ténue, muito frágil.”* Continua referindo que as relações de amizade e familiares estabelecidas são ligadas em Portugal e não em Angola *“os meus amigos não estão lá ah... não tenho muita família lá, apesar de ter alguma, mas é a*

família que eu provavelmente só vejo de 5 em 5 anos ou quando morre alguém na família lá apreço alguém, ou quando se casa alguém. Mas nós olhamos uns para os outros e dizemos: quem é este indivíduo, não é? Portanto, não há qualquer relação”.

Ao reportar-se às memórias de Angola, nega-as guardando-as num lugar que não existem, como se se tratasse de um silêncio enterrado de uma situação que dividiu abruptamente a união e a separação, ferindo a oportunidade de despedida como aspeto protetor, deixando-a despojada/empobrecida da cultura e mais configurando Angola como um local interno inapreensível, incompreensível e inacessível “As memórias que eu sei que eram da infância, não existem, pronto. Ah... provavelmente algumas pessoas tinham essa capacidade de estar lá e ‘tar agarrada a um... eu vejo aquilo como um esqueleto, percebe? Tipo... uma coisa que não... eu às vezes questiono as pessoas que saem daqui a dizer: aí a minha terra. Mas a minha terra como? É impossível”.

Ainda, na sua fantasia, se tivesse ficado em Angola, sentir-se-ia “aprisionada” porque “eu não sou de lá, eu não pertença lá. A minhas origens sim, mas eu não sou de Angola. (silêncio). Portanto, há uma origem e eu tenho de me identificar e eu não me identifico... ah... não me identifico, porque acho que, lá está... quando eu me sinto um pouco aprisionada eu salto. Portanto e Angola é isso (...) o processo que tá lá atrás, que eu sentia, nunca mudou. Esse processo interno, porque um país também tem um processo interno. O processo interno daquele país não mudou, ao longo do tempo tem-se vindo a agravar porque a própria sociedade civil não se organiza, pronto, tem medo, pronto, mas continua a fachada de que ‘tá tudo muito bem, de que está tudo, portanto, esta é a informação que é passada de geração em geração. Eu não posso identificar-me com algo que eu não sinta.”. Contudo, manifesta manter-se, de algum modo, em contacto com Angola por evocar no presente o desdito e a desorganização com que olha para este lugar cultural. Ainda, na sua fantasia, Angola, é também uma região interna que, à custa do seu aspeto traumático vivenciado é rejeitado.

7. DISCUSSÃO

*“Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro*

*No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço”*

Excerto do poema Identidade de Mia Couto

7.1. INSTANTE DE VER

Querendo seguir a forma como a identidade se organiza e expressa, fizeram-se notar nas duas entrevistas temáticas que, embora idênticas, têm expressões diferentes, o que remete para a singularidade de cada narrativa, expressando cada uma a sua alteridade. Ainda, em articulação com os objetivos que visamos, proceder-se-á a uma discussão dos elementos destacados, numa proposta compreensiva inscrita no quadro teórico psicanalítico.

Compreender a organização e expressão identitária implica evocar eventos significativos de uma narrativa pessoal, que constrói um contexto e, por este delimitado, as memórias que expressam ações atualizam a Condição Humana. O fato de se impor uma linguagem, que permite, pensar, simbolizar e imaginar, desenvolve a pluralidade conducente ao *“viver como um ser distinto e único entre iguais”* (Arendt, p. 178, 1958 cit. por Proença, p. 74, 2015). Assim e em consonância com os resultados obtidos, pôde verificar-se precisamente o anterior, onde cada participante evoca circunstâncias e contextos, ações e inibições, desejos e interdições, através da linguagem, que propõe, solicita e envolve a escuta e o desvendar de si-mesmo, narrando para Outro a sua trama narrativa que constrói.

Neste seguimento, parece-nos ser de relevo ser sempre necessário um Outro que se relaciona com o que para si é, também, um Outro, e vice-versa; destacando-se uma função da intersubjetividade: a de compor um fundo que sustenta a organização da identidade (Holloway, 2010; Stolorow e Atwood, 1992). De outro modo, a intersubjetividade não é apenas um espaço relacional, onde se comunica, mas, também, um processo que, permite a organização dos conteúdos que se jogam na dialética identidade-alteridade. Congruente com o anterior, diz-nos Proença (2015) que *“A história que contamos acerca de nós próprios foi-nos*

em parte contada por um outro de quem recebemos e fazemo-la nossa porque não temos razão de duvidar dela.” (p.74).

Ainda, a identificação projetiva como modo de comunicar o inexplicável, o inacessível, o incompreensível de si, encenando *in loco* o atrás referido, levando o interlocutor a sentir o que quem foi entrevistado sente e sente ser incapaz de ver e ser (re)conhecido em si, e com isso também proteger-se contra os perigos que tal (re)conhecimento teria para si próprio ou salvaguardar um aspeto de si mesmo, o que acaba por compor um refúgio psíquico (Ogden, 2004; Steiner, 1993). Com o que referimos atrás, pretendemos sugerir o mecanismo de identificação projetiva como também necessário para a construção da identidade (Bion, 1991).

Das várias entrevistas pode observar-se que é frequentemente evocado o agir, de modo que para toda a ação é necessário um elemento comunicativo, dado que não há ação que não comunique. Assim, para que haja comunicação, é necessário um outro porque não há comunicação sem um outro que lhe confira lugar; a comunicação define o outro enquanto tal (para quem comunico?) bem assim o conteúdo do comunicado (o que quero que o outro, para quem comunico, veja, compreenda e conclua sobre o conteúdo que lhe comunico?). Logo, agir comunica, e comunicar supõe sempre um outro. E, com base no modo com que o outro enquanto tal é captado e apreendido, formula-se sobre este um significante que o significa, compondo uma matriz relacional que se joga entre o meio interno e o meio externo.

Assim, o ato, que atesta a realidade e lhe permite dar configurações múltiplas e que pelo sujeito que age se cria, supõe um comunicado que necessita ser captado e apreendido por um outro, este outro tornado sujeito para quem comunico e simultaneamente sujeito que reflete o conteúdo comunicado. Ora, tal estipula, compõe e demarca a subjetividade, a intrasubjetividade e a intersubjetividade. E, assim sendo, o ato é também um fundador primordial da organização da identidade do sujeito, porquanto este, no seu ato, cria, significa e comunica, pois, viver a experiência é mais importante, por vezes, que a sua compreensão, já que a sua compreensão, supõe que haja, primeiro a experiência (Ogden, 2004).

7.2. TEMPO PARA COMPREENDER

Num segundo momento de análise, procurámos relacionar com a literatura, o suscitado pela análise das entrevistas e extração dos grandes temas das mesmas.

Eventualmente, para Diana, a mãe chamar-lhe radar seja a sombra de um fantasma, que é transmitido do inconsciente da mãe para o seu, com a particularidade de nunca ter sido

consciente, tendo este um valor de fragilidade narcísica e também de ferida que se pode associar com a orfandade da sua mãe quando esta tinha 9 anos de idade. Assim sendo, há algo de indizível na inscrição psíquica, de Diana, que não é revelado e que se traduz como falta de sentido, o tal a que Diana não acede, elabora e transforma, e que institui como procura (Correa, 2003). Estabelece um enigma que intrica a visão que tem das coisas “*o que fica enigmático, são os objetos perdidos, recalçados ou não integrados pelo sujeito, envolvendo, assim, falhas nos processos de simbolização*” (Correa, p. 39, 2003).

Na entrevista de Diana, a mudança de espaço acarreta alguma solidão, que se traduz numa incompletude dos processo de integração, e, essa incompletude revelou-se de suma importância já que a integração num novo país como foi a vinda para Portugal, apesar de referir ter aqui estabelecido um vínculo, nega as suas origens por não as compreender, o que leva a uma não pertença, ou, a uma pertença flutuante, como se não se pudesse pertencer ao lugar deixado porque o lugar deixado foi desmentido, em relação à experiência afetiva que vinculou, nem ao lugar a que se chega porque o lugar a que se chega é rígido e pobre. O anterior parece poder ligar-se à inexistência de um lugar de transição e um tempo de adaptação, em virtude da forma como partiu e a maneira como chegou, que eventualmente terá instaurado uma experiência traumática, o que se pode associar a uma perda na continuidade do self.

Para Diana, parte do evento traumático parece ligar-se com o desmentido, isto é, a convicção de verdade subjetiva que formou acerca de estar em Angola é desmentida pela comunidade angolana. Esta comunidade desdiz-lhe o que testemunhou, experienciou e guardou dentro de si, o que atesta um não sentido face a esse traço mnésico. Assim fica dificultado o acesso na inscrição psíquica das suas origens e o respetivo processo identificatório, já que para a elaboração de sentido é necessário mobilizar a experiência afetiva (Canavêz, 2013; Favaro e Rudge, 2009; Lucent, 2008). Ela foi desacreditada e desautorizada a respeito da sua experiência afetiva, assim advogando o aspeto potencialmente destruturante do trauma, dado que “*o que confere o aspeto traumático não é exclusivamente a intensidade da experiência ou a predisposição da criança, mas, sobretudo, a acolhida da experiência traumática que é promovida pelo ambiente que a cerca*” (Canavêz, p. 167, 2013). Por isto, torna-se difícil o trabalho de ligação, que é o lugar de compreensão, permanecendo o trauma numa zona de não-representação e, portanto, desligada, o que leva ao indizível, ao impensável e ao incompreensível, por também colocar uma fissura psíquica, que atinge o narcisismo, sendo este necessário à manutenção de um clima interno positivo (Moreno e Junior, 2012; Stolorow e Lachmann, 1983; Kohut 1966).

Esta ausência de sentido é o que vem colocar uma atividade excitatória psíquica que por estar numa zona de não representação, configura uma incoerência interna que parece ser o que explica a necessidade manifesta de unir representações contrastadas.

Diana, a respeito da transição abrupta migratória, parece não ter conseguido negociar economicamente a ansiedade emergente que o anterior lhe suscitou, levando a uma clivagem na representação de si, em relação às identificações feitas ao país de origem e ao adotivo, estabelecendo uma ambivalência na conexão/desconexão cultural, sugerindo que o luto não foi devidamente efetuado, o que conduziu a uma perda na continuidade contextual, impondo uma representação do self dividida ligada a ambos os contextos. Isto acaba por interferir na possibilidade de Diana conseguir experienciar-se como uma pessoa inteira e estabelecer um lugar que sinta como lar (Tummala-Narra, 2014; Steiner, 1993; Grinberg e Grinberg, 1996). Imigrar, de forma forçada, para além de implicar ruturas, implica também deixar um lugar de ausência, dito de outro modo, o lugar sentido no país de origem não é eliminado nem é substituído, permanece um lugar do qual alguém se ausentou. Neste sentido, o estabelecimento de um aspeto traumático vivido, aliado a um sentimento que é desdito levam a que Diana se sinta não representada pelo olhar do Outro com quem partilha a herança cultural (Carignato, 2013). É esta incompreensibilidade das suas origens que se instaura como força motriz para a jornada errante que empreende (as diversas viagens que relata pela Europa, e das quais destaca Londres) em busca de respostas, mas que não são suficientemente boas nem reparadoras, pondo em curso uma procura com expressão física, no sentido do movimento (Carignato, 2013).

Quando retorna a Angola, pela primeira vez, refere que o país não lhe disse nada, o que se pode associar à manifestação do estranhamento que enquanto estratégia defensiva visa defender Diana do risco dissociativo, projetando no exterior algo que se recusa a aceitar em si (Carignato, 2013).

Para Diana, procurar que o interlocutor se identifique consigo, serve o propósito de ter uma visão do semelhante para que possa elaborar o trauma e posteriormente organizá-lo e integrá-lo para que faça parte da sua história e memória. Assim, permite o luto do que foi perdido e a recuperação da parte de si que estava excindida (Breda e Moschen, 2017; Grinberg, 2000; Grinberg e Grinberg, 1998; Steiner, 1993; Ogden, 1990).

A respeito de Luísa, por esta não ter sentido ter um pai, um pai que estabelecesse ordem perante a organização caótica familiar, um pai que não foi Lei, não vê a família como um lugar estruturante dado não ter havido o Interdito que o paterno impõe e que é o eco do

grupo e constituinte civilizacional, sendo que é a família a primeira sociedade em o sujeito se desenvolve, e por isso, sente não ter um lugar no mundo, embora deseje tê-lo.

A exclusão do terceiro que é masculino, em Luísa, parece poder ligar-se ao trauma estabelecido pela ausência do pai, quer real (agente de castração), quer simbólico (representante da lei). Isto configura uma homossexualidade latente muito precoce, mais colocando em curso um Édipo invertido, desejando Luísa possuir exclusivamente o progenitor do mesmo sexo e concomitantemente ser o progenitor do outro sexo (Freeman, 2008; McDougall, 1989). Neste seguimento, a relação triádica é acedida através da resolução do complexo de Édipo, que por meio da relação com o paterno constitui uma imago e a mesma, quando introjetada, altera a imago materna, de modo que o paterno concorre para a morte da esfinge que é a morte do matriarcado tirânico. Dele fazendo surgir o feminino e o materno possibilitando a identificação diferenciada. Assim, a bissexualidade, para Luísa, parece ser um modo de manter protegida a sua imagem identitária, bem como da sua própria identidade sexual (McDougall, 1989). Ainda, a bissexualidade, pode também associar-se a uma ansiedade de penetração que, a par de uma família que sente e representa como intrusiva e invasiva do seu espaço interno, a leva a erguer a bissexualidade como estratégia, também, defensiva. Ou seja, não só sente a família como um objeto que a invade, como também minoriza o estatuto da mulher, pelo que parcializa a identificação com o género feminino (Poupart, 2016).

O enfoque da família como predominantemente negativo é o que está no âmago da necessidade da mudança de espaço em Luísa. Esta mudança de espaço parece contribuir para a resolução do que viu ser insatisfeito e impedido, nomeadamente, o processo de individuação e a constituição de uma coesão e coerência internas que esteve sob ameaça da família como caos invasivo e penetrante a par da ausência do paterno que, ao não ser introduzido não facilitou o seu processo de individuação, este entendido como forma de se assumir como um ser individual (Blos, 1987). Procurar negar a família como lugar onde se pode separar e individuar, para afirmar-se num lugar onde o possa fazer, sugere um recomeço regressivo naquilo que na origem se refere à expulsão. Dito de outro modo, constituir um espaço não-eu para poder constituir-se o eu, no fundo uma regressão para progredir (Freud, 1925; Balint, 1972).

Os comportamentos de rebelião, revolta e reivindicação podem ser associados à ausência do paterno e por outro à dificuldade em diferenciar os objetos, levando Luísa a permanecer numa relação dual ao invés de triádica (Jones, 2007).

Ainda, a necessidade de assegurar o ser da mãe, como figura materna, que é desautorizado perante a família, não lhe permitiu ter espaço interno para assegurar o seu.

7.3. MOMENTO DE CONCLUIR

Num terceiro momento de análise, pretendemos olhar para o significado dos grandes temas suscitados pelas entrevistas de modo holístico.

No decurso das várias entrevistas pôde observar-se a importância do contexto familiar, este permite adquirir um senso de estabilidade espacial – processo de ligação interna e de estabilidade ao longo do tempo (temporalidade, continuidade). É ainda neste contexto que o mundo se vai apresentando e desenrolando e com o qual o sujeito se vai relacionando, e, no seguimento desta relação que vai estabelece, toma contacto com a cultura, na qual se intrinca o simbólico e sem a qual é difícil pensar a identidade.

O aparecimento da família como contexto de organização identitária, como tema comum às várias entrevistas, vai ao encontro do que nos diz a literatura. A família é um contexto onde as identificações podem ter lugar, fortalecendo e reforçando aspetos identitários que remetem para a mesmidade e, concomitantemente, alteridade, para o mútuo reconhecimento, para a estabilidade da percepção de si, bem como atesta uma apresentação da realidade coerente e coesa (Lomas, 1961); para a ordem simbólica, que organiza a atividade pulsional e dá origem à civilização, à sociedade e à aliança através das proibições incestuosas, contribuindo para a constituição da realidade psíquica e para o manejo do desejo e, também, a instauração do imaginário e das fantasias que aí têm lugar (Filho e Chaves, 2014). Ainda, a família como estrutura e instituição transmite estruturas de comportamento e desempenho de funções diferenciadas de entre os membros que a compõem e que se articulam na constituição do sujeito, possibilitando a sua nomeação, filiação e sexuação (Filho e Chaves, 2014; Rehbein e Chatelard, 2013). A literatura indica-nos que a família não só é um espaço psíquico comum (intersubjetivo), como é também um lugar de transmissão psíquica que confere a sensação de uma continuidade de si, sendo transmitido entre gerações o que faz parte da história da família, os segredos, os pactos, as proibições próprias, as lacunas, os esquecimentos, os fantasmas, os desejos, os silêncios, o luto irrealizado, no fundo o sujeito representa *um elo numa corrente* (Rehbein e Chatelard, 2013; Correa, 2003).

A figura materna revelou-se, nas narrativas, necessária à organização identitária, o que podemos ligar ao seguinte: antes de nascer o bebé já é objeto de desejo e de satisfação materna. Deste modo, há uma história sonhada que pré-existe e que forma um referencial para

o bebê em crescimento se identificar e com isso constituir-se sujeito. A figura materna instaura uma marca fundadora da alteridade (Queiroz, 2006; Grotstein, 1999, 1985). Ainda, esta figura desempenha funções que mais tarde serão internalizadas e desempenhadas pelo bebê em crescimento (Ogden, 1990; Kohut, 1981). Estas funções internalizadas serão mobilizadas para também colmatar a percepção de falta, de descontinuidade e de separação do Outro primordial – a figura materna. Este Outro é fundamental porque o bebê depende de alguém que dele cuide e é por ser cuidado que virá a aceder a elementos que configuram um lugar a partir do qual o bebê em desenvolvimento consiga reconhecer e organizar a sua subjetividade – emergência da realidade psíquica. Assim, postulamos que a internalização das funções maternas permite ao bebê em crescimento por um lado organizar a sua experiência e por outro a possibilidade de gerar significados, dando sentido ao mundo, aos outros e a si próprio (Ogden, 1990). É através da relação mãe-bebê que o sujeito organiza a sua subjetividade, se torna sujeito que deseja e se vai constituir como sujeito psicológico. Isto acontece porque a mãe ao transformar, ligar e significar os conteúdos não pensados pelo bebê, porque este ainda não os conhece, o introduz na linguagem e estabelece a ordem simbólica e é esta que organiza aquilo que é objeto de desejo.

Um dos resultados mais interessantes do presente estudo é a emergência do trauma como aspeto (des)estruturante da organização identitária. Neste sentido, parece-nos relevante discutir tal resultado olhando para o trauma num sentido ferenciano. Assim sendo, o trauma pode ser estruturante ou ser potencialmente desestruturante, sendo que quando é estruturante remete para a capacidade de imaginação e quando é desestruturante coloca em risco o projeto identificatório, sem querer com isto dizer que existem dois tipos de trauma diferentes, mas outrossim, que são movimentos psíquicos distintos (Canavêz, 2013). Deste modo, o trauma é estruturante quando preconiza mudanças no psiquismo e não ataca nem proíbe a operação simbólica, liquidando o trauma e restabelecendo uma nova unidade psíquica reenviando para o crescimento mental (Favero e Rudge, 2009). Todavia, é necessário referir que, para que o trauma tenha um papel estruturante, o Outro tem de desempenhar funções que visam o reconhecimento do estado afetivo excitatório e satisfazer necessidades. Para além disso, o Outro tem que sintonizar com as angústias suscitadas, contendo-as e dando-lhes um sentido. Deste modo, o trauma pode ser experienciado, sentido e elaborado com a consequente representação e integração, subsidiários de uma nova unidade psíquica (Moreno e Junior, 2012; Ferreira, 1999). Caso contrário, dá-se a incorporação do objeto com vista a não perder o investimento do objeto incorporado, fraturando a possibilidade de simbolização, remetendo o sujeito, em relação ao vivido traumático, para a zona da não representação, mais

configurando uma cripta com vista a não reconhecer o que se perdeu mediante a perda do objeto, formando um refugio psíquico que nem pode ser perdido e tampouco alterado, onde o sujeito fantasia poder reparar os danos narcísicos sofridos e não representados, o que cliva o eu e cuja fatura é uma ausência de sentido, compreensão e ligação (Canavêz, 2013; Moreno e Junior, 2012; Steiner, 1993).

O trauma, nas entrevistas realizadas, aparece ligado a determinadas memórias, o que se associa ao que Lacan designa como imaginário, já que este é formado por imagens, aquele que é o sujeito do enunciado e de quem se diz alguma coisa. Neste sentido, talvez possamos falar numa lembrança, que se mantém ao longo do tempo e que escreve a nossa história – memória, temporalidade, historicidade, progresso e movimento (Marques, 1999), já que ao longo do ciclo evolutivo é cabal (re)pensar os acontecimentos e ao fazê-lo, o pensamento assim mobilizado conduz a um lugar de onde se dão ligações, compreensões e transformações. Assim, os traços mnésicos são a força motriz da representação e modelares na experiência presente, como parecem ser as mudanças de espaço que aparecem nas diversas narrativas, aquelas traduzindo o modo de operar no passado, a partir do presente, e onde o passado permanece presente. Posto isto, a experienciação presente permite religar o passado, recriando-o e daí surgindo novas coisas, ou então, o que fica incompreendido retorna. A evocação mnésica de um determinado evento, integrado na narrativa que cada um tece acerca de si, pode ser vista como um marcador da capacidade individual de organizar a sua experiência emocional, já que se por um lado significa o mundo interno, por outro significa a sua partilha com o Outro (LaFarge, 2012). Assim, a memória permite alocar para a relação os temas, os conflitos e as insatisfações vividas em períodos remotos do desenvolvimento, que podem ter lugar na relação transfero-contratransferencial, a fim de aí serem reconstruídas. Ainda, a memória conduz à historicidade do sujeito, pelo que a mesma contém uma parte da verdade histórica de si mesmo, elemento necessário à estruturação identitária, conferindo-lhe uma dimensão de continuidade idêntica ao longo do tempo. Posto isto, a evocação mnésica não é apenas importante quanto ao seu conteúdo, é-o também relevante como modo de organização experiencial e revelador de um modo de pensamento. Para além disso, o ato de recordar solicita uma relação colaborativa – já que recordar, numa narrativa, supõe um Outro que escute (LaFarge, 2012).

A mudança de espaço pode ser tomada como uma oportunidade de desenvolvimento para a realidade psíquica, podendo nela desenrolar-se a projeção de regiões internas que demandam o reencontro com o que foi perdido, destruído ou impedido, mas intensamente desejado, levando o sujeito a mover-se para esse efeito, dado que o espaço apesar de preceder

a subjetividade é compreendido através dela, quando a mesma se constitui na memória; logo a configuração espacial é função da representação. Triangulando: o sujeito, o outro e o espaço. Assim, o espaço só é concebido, quando o sujeito se constitui, quando o outro é uma superfície e quando o espaço limita e estabelece a diferenciação entre sujeito e outro. Ligado ao anterior, McDougall (1989) diz-nos que quando, num período precoce, o sujeito é exposto a um trauma psíquico, parece haver uma tendência para investir na realidade externa, como forma de assegurar pontes de referência e identificação. Neste sentido, é também interessante olhar para o que nos diz Breda e Moschen (2017) “*a percepção como efeito da linguagem indica que a estruturação do espaço é efeito da posição do sujeito na ordem simbólica*” (p.422).

8. CONCLUSÃO

*“Um verdadeiro amor nunca fenece
E pouca gente ainda o conhece
Meu bem, se o teu amor morreu
É porque ninguém o entendeu”*

Excerto da Música Coração Vulgar de Paulinho da Viola

O presente trabalho pretendeu conhecer de que forma a organização identitária se estabelece e como é que a mesma se expressa e ao finalizarmos este trabalho tendo em consideração os resultados obtidos, pôde verificar-se aquilo que o levantamento teórico de algum modo anunciava: nomeadamente a identidade ser construída num *continuum* onde concorrem aspetos como as relações estabelecidas e as experiências vividas no seio intrafamiliar, a relação com a figura primária, os aspetos traumáticos que se vão colocando ao longo da nossa história, para os quais se vai construindo um sentido e as mudanças que a realidade interna opera na realidade externa. A arquitetura e arranjos identitários são o resultado da influência da família que estimula, demarca e compõe um referencial prévio ao qual o sujeito se pode identificar e que inscreve no psiquismo uma ancestralidade, uma herança cultural e uma continuidade de si. Uma parte desta identificação é realizada através da relação estabelecida com a figura primária que, ao constituir-se como objeto de identificação ao nível das funções do self, permite, mais tarde, internalizar essas funções e estabelecer o começo do processo de diferenciação, mas também de reconhecimento com um

Outro. A ação sobre a realidade externa, operada através da mudança de espaço, contribui para o desenvolvimento psíquico como uma oportunidade para a criação de experiência, o crescimento mental e a formação de sentido. Olhar o trauma como (sempre) desestruturante é retirar aquilo que também faz parte da Condição Humana: a dor que evoca a vontade – a vontade de mudar. Sem a vontade a ação define-se e sem ação o ato criador perde-se. A dor pode conduzir ao crescimento mental pelo pensar, pensar-se e pela utilização do que é pensado para reestruturar e reorganizar a unidade psíquica.

Assim, pergunta-se, não será isto que se pode encontrar numa narrativa que tem em si história e ficção, memória e criação, desejo e intenção, frustração e realização? Estas narrativas apresentam-se como verdades míticas, aquelas em que o enunciado não corresponde necessariamente aos factos reais e que possibilita um saber e uma *verdade*: aquilo que é conhecimento da consciência e aquilo que é a *verdade* do inconsciente. A história que nos é contada e o que dela fazemos nossa e a história que contamos e o modo como o fazemos. Porque a narrativa é tomar da palavra para proferir, nomear e enunciar, o sujeito (re)cria, (re)liga e transforma a sua verdade subjetiva, de modo que a história que cada um narra acerca de si, permite apreender uma memória do que de si é fundador. Por isto, a narrativa que cada um faz de si conta uma história que tem o seu sentido e requer um encontro intersubjetivo que se movimenta entre quem escuta e quem se exprime, entre quem olha e quem é olhado. As narrativas, posse de quem as relata, são a composição e harmonia dos objetos representados, mais as relações que estabelecem entre si e que se prestam ao manifesto e ao latente, à imagem e ao nada, ao interdito e à impossibilidade. São uma biografia, confiantemente revelada que, clinicamente, se apraz captar e acolher, é como ter um verdadeiro tesouro em mãos sem o invejar e desejar possuir.

Procurámos, também, não realizar uma análise exaustiva das entrevistas ainda que o trabalho final surja incompleto, dado que este tipo análise poderia traduzir-se num sem significado que aboliria o lugar das ligações, que é o lugar da compreensão. Gostaríamos de recorrer ao Teorema da Incompletude de Godel para afirmar que existe sempre algo de indemonstrável, algo de inacessível, mesmo que se atenha uma teoria consistente e com proposições verdadeiras, existe (sempre) algo de incognoscível, por sempre se verificar ser incompleto. Extrapolando para o contexto clínico, talvez seja o que sustenta e motiva o desejo de compreender o Outro, a partir do seu próprio referencial. Do anterior, partimos para a ideia de intersubjetividade: de um encontro que é experienciado entre duas subjetividades, em cada qual se movimentam outras tantas subjetividades, um mesmo lugar, para vários lugares. Cria-

se uma matriz relacional que apraz ser escutada e neste encontro intersubjetivo experienciada, assim criando uma memória com espessura afetiva e uma metáfora geradora de significados.

Postulamos que, do ponto de vista da prática clínica, os resultados discutidos podem revelar-se, eventualmente, importantes na medida em que “*os pacientes que chegam à análise têm a sua identidade afetada (...) cremos que um dos motivos conscientes ou inconscientes pelo qual se socorrem da análise é a necessidade de consolidar o seu sentimento de identidade*” (Grinberg e Grinberg (1966) cit. por Grinberg, p.184, 2000).

Contudo, achamos que a virtude deste trabalho, em primeiro lugar, repousa na possibilidade de estudar a organização identitária fora de um *setting* clínico e por isso introduzir na investigação sobre identidade dados provenientes de sujeitos externos a esses contextos, enriquecendo a elaboração teórica acerca do tema. Em segundo lugar, retomar o estudo da identidade que, perante a reestruturação social, requer um repensar da identidade. Esta necessidade surge ligada ao contexto social atual, onde o instantâneo, o instável e o descomprometido regulam a massa social e onde o processo primário impera nas demandas empreendidas.

O trabalho, que agora chega ao fim, tem de ser encarado como um pequeno contributo, sobretudo procurando deixar mais as interrogações que respostas, já que um trabalho desta natureza é sempre eminentemente incompleto, e não o poderia deixar de ser. Afinal, trata-se da identidade: um tema complexo, num *tempo social* complicado.

9. LIMITAÇÕES E PROPOSTAS DE ESTUDOS FUTUROS

A inexperiência nos métodos de carácter qualitativo, em especial, o estudo de casos, que o autor da presente dissertação admite pode, em rigor, ter relevado para algumas lacunas na capacidade de fazer boas perguntas e, não menos importante, o conhecimento teórico de abordagem psicanalítica pode ter suscitado algumas noções nem sempre devidamente claras. Embora estas insuficiências tenham sido sujeitas a um grau de controlo, através dos seminários, onde tiveram lugar discussões sobre a natureza do material recolhido numa dupla perspectiva: intervisão e supervisão; o momento das entrevistas exclui-se de tal controlo. Assim, o anterior, deve ser assinalado a fim de reconhecer que o presente contributo científico é apenas *uma gota no oceano*.

O facto de terem sido realizadas entrevistas, apesar de direccionadas por colocarem a ênfase no tópico sob estudo, apresentam como pontos fracos, de acordo com Yin (2001) possível enviesamento em virtude de questões nem sempre bem formuladas, ligando-se com a

limitação apontada acima, terem lugar as imprecisões mnésicas, ou uma atitude de resposta de aquiescências (tendência a concordar independentemente do conteúdo), deseabilidade social (responder de acordo com o que é socialmente aceitável). Todavia, apesar de haver algum controlo consciente da linguagem falada e no modo como esta estrutura a narrativa, o escrutínio da análise discursiva e a sua sucessão, no material recolhido de cada participante, permitiu escutar a segunda voz com que estes se fizeram ouvir e aceder às teias inconscientes que presidem a organização e expressão identitárias, procurando olhar para o que é realmente significativo nas suas narrativas.

O método utilizado não garante que os conteúdos recolhidos, por muito extensos e/ou profundos que sejam, dêem conta da dinâmica de estruturação e organização identitária no seu todo, porque não é possível, e por isso este trabalho será sempre incompleto. A título ilustrativo e metafórico: a entrevista pode ser vista como uma fotografia. Uma fotografia representa um instante no tempo que se tornou fixo, visível e possível de ser guardado, mas tal não significa que seja a única fotografia nem a última tirada; de outro modo, é um momento, entre todos os outros vividos e por viver.

A inexperiência clínica pode ter dado lugar a movimentos psíquicos que não foram adequadamente manejados, como os aspetos transfero-contratransferenciais, embora os mesmos tenham sido úteis para esclarecer o que era falado e que à escuta se apresentava, por vezes, como um enigma.

Sugerem-se como propostas de futuras investigações o estudo com o mesmo método e procedimento aqui utilizados, mas a propósito da memória e luto na construção da identidade e do papel paterno na organização da identidade. Ainda, seria interessante também utilizar o mesmo método e procedimento com participantes do sexo masculino, pois, talvez introduzisse aspetos díspares ou semelhantes que importariam refletir.

10. REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1988). *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Augé, M. (2005). *Não lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus.
- Azzi, I. (2007). Realidade: uma razão que não se explica, mas se crê. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 10(2), 245-263. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982007000200007>.
- Balter, L., & Spencer, J. H. (1991). Observation and Theory in Psychoanalysis: The Self Psychology of Heinz Kohut. *Psychoanalytic Quarterly*, 6(0), 361-395.
- Bion, W. (1991). *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. (1993). *Attention and interpretation*. London: Karnac.
- Blos, P. (1987). Freud and the father complex. *The Psychoanalytic Study Of The Child*, 42425-441.
- Bollas, C. (1987). *The shadow of the object: psychoanalysis of the unthought known*. Free Association: London.
- Bollas, C. (1993). *Being a character: Psychoanalysis and self experience*. London: Routledge.
- Breda, F. e Moschen, S. (2017). Paredes movediças: O espaço como efeito da linguagem. *Ágora*, 2(20), 407-423. Doi: 10.1590/1809-44142017002007.
- Brodsky, A. (2007). Realizing the Self-What it Means to Be Real. *International Journal Of Psychoanalytic Self Psychology*, 2(2), 163-186.
- Canavêz, F. (2013). Na outra cena da representação: Considerações ferenczianas sobre o trauma. *Psicologia USP*, 24(1), 165-182.
- Carignato, T. (2013). A construção de uma clínica psicanalítica para migrantes. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21(40), 107-129. <https://dx.doi.org/10.1590/S1980-85852013000100007>.
- Carvalho, C. (1999). Identidade e intimidade: Um percurso histórico dos conceitos psicológicos. *Análise Psicológica*, 4(17), 727-741.
- Correa, O. (2003). Transmissão psíquica entre as gerações. *Psicologia USP*, 14(3), 35-45.
- Correia, C. (2000). A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal. Tradução comentada de «L'identité narrative» de Paul Ricoeur, *Arquipélago*, 7, 177-194.
- Eizirik, C. L. (2009). Psychic structure and identity in a globalising world. *International Forum Of Psychoanalysis*, 18(4), 196-201.

- Erikson, E. (1956). The Problem of Ego Identity. *Journal Of The American Psychoanalytic Association*, 456-121.
- Erikson, E. (1976). *Identidade: Juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Faimberg, H. (2005). *The telescoping of generations: listening to the narcissistic links between generations*. London: Routledge.
- Fairbairn, R. (2000). *Estudos psicanalíticos da personalidade*. (2ª eds.). Vega: Lisboa.
- Favaro, A. e Rudge, A. (2009). Trauma e desmentido. *Psychologica*, 50, 169-180.
- Ferenczi, S. (1913). *Stages in the development of the sense of reality*. In Ferenczy, S. (1952). *First contributions to psycho-analysis*. London: Maresfield. (pp. 213-240).
- Ferreira, R. (1999). Nós traumáticos, jogo e simbolização. *Análise Psicológica*, 4(17), 679-685.
- Filho, J. e Chaves, W. (2014). A acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melaine Klein e Jacques Lacan. *Barbarói*, 41, 100-118.
- Fosshage, J. L. (2013). Forming and transforming self-experience. *International Journal Of Psychoanalytic Self Psychology*, 8(4), 437-451. doi:10.1080/15551024.2013.825950.
- Freeman, T. (2008). Psychoanalytic concepts of fatherhood: Patriarcal paradoxes and the presence of an absent authority. *Studies in Gender and Sexuality*, 9(2), 113-140.
- Freud, S. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol. XXVIII (1920-1922)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gelo, O. (2012). On research methods and their philosophical assumptions: 'Raising the consciousness of researchers' again. *Psychotherapie Und Sozialwissenschaft: Zeitschrift Für Qualitative Forschung Und Klinische Praxis*, 14(2), 111-130.
- Greenberg, J. e Mitchell, S. (2003). *Relações de objeto na teoria psicanalítica*. Climepsi: Lisboa.
- Grinberg, L. (2000). *Culpa e depressão*. Lisboa: Climepsi.
- Grinberg, L. e Grinberg, R. (1996). *Migração e exílio: Estudo psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- Grinberg, L. e Grinberg, R. (1998). *Identidade e mudança*. Climepsi: Lisboa.
- Grotstein, J. (1985). *A divisão e a identificação projectiva*. Rio de Janeiro: Imago.
- Grotstein, J. (1999). *O buraco negro*. Climepsi: Lisboa.
- Harris, A. (1991). Gender as Contradiction. *Psychoanalytic Dialogues*, 1(2), 197-224.
- Hollway, W. (2010). *Relationality: The Intersubjective Foundations of Identity*. In Wetherell, M. (2010). *Sage Handbook of Identities* (216-232). London: Sage.

- Hollway, W. e Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In Lisa, G. (2008). *The SAGE encyclopedia of qualitative research methods*. California: SAGE. (pp. 296-315).
- Horowitz, M. (2014). *Identity and the New Psychoanalytic Explorations of Self-organization*. New York: Routledge.
- Jones, K. A. (2007). Assessing the Impact of Father-Absence from a Psychoanalytic Perspective. *Psychoanalytic Social Work*, 14A(1), 43-58.
- Kohut, H. (1959). Introspection, Empathy, and Psychoanalysis—An Examination of the Relationship Between Mode of Observation and Theory. *Journal Of The American Psychoanalytic Association*, 7, 459-483.
- Kohut, H. (1966). Forms and Transformations of Narcissism. *Journal Of The American Psychoanalytic Association*, 14, 243-272.
- Kohut, H. (1981). *Análise do self*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kohut, J. (1977). *The restoration of the self*. Madison: International University.
- Kuhn, T. (2009). *A estrutura das revoluções científicas*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Lacan, J. (1953). *The function and field of speech and language in psychoanalysis*. In: Lacan, J. (1977) *Ecrits*. New York: Norton (pp. 30-113).
- Lacan, J. (1978). *A Família*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Lachmann, F. M. (2004). Identity and Self: Historical Antecedents and Developmental Precursors. *International Forum Of Psychoanalysis*, 13(4), 246-253.
- LaFarge, L. (2012). The screen memory and the act of remembering. *International Journal Of Psychoanalysis*, 93(5), 1249-1265.
- Laplanche, J. e Pontalis, J. (1990). *Vocabulário da psicanálise*. (7ª eds). Lisboa: Editorial Presença.
- Lomas, P. (1961). Family Role and Identity Formation. *International Journal Of Psycho-Analysis*, 42, 371-380.
- Lucente, R. (2008). Affectivity: Regulation, identity formation, and metaphorical thought. *Psychoanalytic Social Work*, 15A(1), 1-27.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Mahler, M. (1989). *Psicoses infantis e outros estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mann, G. (2015). Paradoxes of belonging. *International Journal Of Psychoanalytic Self Psychology*, 10(3), 275-286. doi:10.1080/15551024.2015.1043844.
- Marques, M. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. (2ª eds). Lisboa: Climepsi.

- Meissner, W. (2009). The genesis of the self: I. The self and its parts. *Psychoanalytic Review*, 96(2), 187-217.
- Mondrzak, V. (2007). Processo psicanalítico e pensamento: aproximando Bion e Matte-Blanco. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(3), 118-134.
- Moreno, M. e Junior, N. (2012). Trauma: O avesso da memória. *Ágora*, 1(15), 47-61.
- Ogden, T. (1990). *The matrix of the mind: Object relations and the psychoanalytic dialogue*. London: Jason Aronson.
- Ogden, T. (2004). The analytic third: Implications for psychoanalytic theory and technique. *Psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 167-195.
- Ornstein, A. (1994). Chapter 9 Trauma, Memory, and Psychic Continuity. *Progress In Self Psychology*, 10131-146.
- Perpétuo, C. (2017). *Processos e expressões identitárias na fratria – “Irmão futuro, antigo e sempre: uma presença a decifrar mais tarde”*. Dissertação de Mestrado apresentada no ISPA – Instituto Universitário.
- Person, E. S., & Ovesey, L. (1983). Psychoanalytic Theories of Gender Identity. *Journal Of The American Academy Of Psychoanalysis*, 11(2), 203-226.
- Pine, F. (1982). The Experience of Self—Aspects of its Formation, Expansion, and Vulnerability. *Psychoanalytic Study Of The Child*, 37, 143-167.
- Proença, N. (2015). *Identidade, narrativa e sofrimento*. In Barbosa, A. (2015). *Narrativa e bioética*. Lisboa: Secção Editorial da Associação de Estudantes da FMUL. (pp. 73-85).
- Queiroz, Edilene Freire. (2006). O olhar do outro primordial. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 9(4), 598-610. <https://dx.doi.org/10.1590/1415-47142006004003>.
- Rehbein, M. e Chatelard, D. (2013). Transgeracionalidade psíquica: Uma revisão de literatura. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(3), 563-583. <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000300010>.
- Sánchez, M. E. (2010). Globalisation and loss of identity. *International Forum Of Psychoanalysis*, 19(2), 71-77.
- Schwanitz, D. (2004), *Cultura: Tudo o que é preciso saber*. (12ª eds). Dom Quixote: Alfragide.
- Slevitch, L. (2011) Qualitative and Quantitative Methodologies Compared: Ontological and Epistemological Perspectives, *Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism*, 12:1, 73-81, DOI: 10.1080/1528008X.2011.541810.

- Steiner, J. (1993). *Refúgios psíquicos: Organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteirços*. Rio de Janeiro: Imago.
- Stolorow, R. e Atwood, G. (1992). *Contexts of being: The intersubjective foundations of psychological life*. The Analytic Press: London.
- Tummala-Narra, P. (2014). Cultural identity in the context of a trauma and immigration from a psychoanalytic perspective. *Psychoanalytic Psychology*, 3(31), 396-408. Doi: 10.1037/a0036539.
- Tyson, P. (1982). A Developmental Line of Gender Identity, Gender Role, and Choice of Love Object. *Journal Of The American Psychoanalytic Association*, 3061-86.
- Wanamaker, M. C. (2012). A Spectrum of Shadowed Mirroring. *Psychoanalytic Review*, 99(2), 179-208.
- Yin, R. (2001). *Estudos de caso: Planejamento e métodos*. Bookman: Porto Alegre.

ANEXOS

ENTREVISTA A – LUÍSA

MULHER POR OPOSIÇÃO

Gostaria que me falasse sobre como é ser quem é.

É interessante... Ah... Perguntas mais subjetivas era muito mais fácil... subjetivas não objetivas! Isso são perguntas subjetivas... Ah ser quem é... Ser quem sou... Acho que p'ra todos, qualquer pessoa, ser, ser quem é há-de ser uma descoberta das coisas que eu faço, daquilo que eu vou gostar ou não, de aprender com os erros ou não. Ser quem sou é uma escolha das minhas... é uma... conjunto inerente de, da família o meio onde eu cresci, dos amigos que eu escolhi, da religião onde me inseriram como também é uma escolha das minhas decisões e das minhas ações... ah... portanto aquilo que eu sou foi aquilo que eu escolhi e que em parte me foi inculcada, mas sei que isso é interessante (sorri)...

Interessante como?

Vou descobrindo aquilo que eu realmente gosto e daquilo que eu não gosto, porque há coisas que tive de gostar o que tive de lidar por obrigação, obrigação de família, obrigação do que são os valores da minha família e que transmitiram para mim. Ah... em termos de religião também aquilo que me inculcaram, porque cresci numa família religiosa e era interessante porque, parte da minha família é de uma religião e outra parte de outra, apesar de ambas serem cristãs. Tive que aprender a conviver com as diferenças entre religiões e saber discutir e respeitar a diferença de cada um, ah... e por outro lado saber aquilo com que eu cresci, respeitar aquilo que eu adquiri ao longo de todos os anos e de... é interessante porque vão aparecendo pessoas na vida de entre amigos e outro tipo de trabalho ou qualquer coisa em que, amigos que se calhar em termos de religião fazem certa confusão a parte da minha família, porque ou são homossexuais ou porque têm N tatuagens e buracos nas orelhas e isso faz uma certo tipo de confusão a algumas pessoas que eu acho que qualquer pessoa é livre de se expressar de qualquer das maneiras e ser feliz da maneira que é. Portanto ser quem sou é interessante porque é aprender a lidar com a diferença de todos, com a minha diferença, aprender a aceitar-se e a respeitar os outros e saber viver consoante as escolhas que... que faço.

E de que maneira é que se sente ser diferente dos outros?

Eu acho que todos somos diferentes e todos iguais, isso já é um bocadinho de... me'que eu hei... como é que se diz... Já é uma coisa que toda a gente diz, todos diferentes todos iguais... Sou diferente, não sei bem em que aspeto... acho que qualquer, todas as pessoas têm algo de

diferente nelas próprias, pelas escolhas, pela família que tiveram, pelo meio de amigos em que se inseriram, no meio em que cresceram, toda a socialização ou culturalização que tiveram e portanto acho que... conhecendo pessoas novas de meios diferentes de sítios diferentes é sempre bom porque: todos diferentes todos iguais, como se diz. Portanto acho que, toda a gente tem algo de diferente ou de especial como... se quiser dizer. Portanto, acho que é sempre bom conhecer gente nova porque bom ou mau aprende-se sempre alguma coisa com outra pessoa... e com as vivências que essa pessoa teve.

Então o que me está a dizer é que a sua diferença reflete-se na convivência que tem com outras pessoas igualmente diferentes de si?

Sim... aprender a lidar e a respeitar as outras pessoas que acho que é um bocadinho de, o que falta, hoje... é eu cresci assim, ensinaram-me assim, tem que ser assim e acabou. E acho que se alargarmos um bocadinho o horizonte e vemos que realmente as pessoas, famílias monoparentais, pais homossexuais, pais heterossexuais, só com um pai, só com uma mãe, seja com os avós, com o que for, ah... tudo isso faz com que as vivências das pessoas sejam diferentes e faz com que as pessoas sejam diferentes e acho que temos de respeitar. Mesmo que não aceite... mesmo que não haja aceitação, pelo menos respeitar o outro. E acho que é um bocadinho isso que me difere. Posso não aceitar tudo, mas pelo menos tento respeitar o outro.

E sente-se respeitada pelo outro?

Acho que se demonstrarmos respeito pelo outro, o outro também demonstra respeito para conosco.

Portanto uma forma de reciprocidade...

Sim... Acho que tudo é o que damos, recebemos... Não... há um ditado que diz: colhes aquilo que semeias. Portanto se eu semeio respeito e não aceito o respeito... claro que há pessoas que podem não o fazer, mas, geralmente, quem é, quem, quem é respeitado, também respeita. Não... nunca tive nada em que me dissessem olha... claro que qualquer pessoa às vezes tem frases infelizes mas acho que também dá para perceber quando é que é com maldade e quando não é, portanto... acho que sempre... pelo menos isso foi um dos valores que me foi inculcido e acho que é um valor que eu sempre quis preservar, porque também gosto de ser respeitada e também gosto que me respeitem enquanto pessoa, enquanto profissional, enquanto mulher, enquanto tudo, portanto acho que a outra pessoa também deve ser respeitada.

Falou sobre uma série de aspetos como o ser mulher, a sua vida profissional, a sua família e são temas que gostaria que falasse um pouco mais

A nível profissional sou... não totalmente realizada, mas já feliz por trabalhar na área que eu gosto, sempre, sempre me lembro de querer trabalhar na área de saúde, sempre me lembro de querer apoiar as pessoas nessa parte e que não é só na parte física que damos apoio mas também em certa parte em algum aspeto emocional porque tão... num dos serviços... não é principalmente naquele serviço, mas é um serviço em que não só aparece gente com uma média de idades elevada mas por vezes gente relativamente nova já em fase terminal com neoplasias ou com outro tipo de doenças ah... e sentir-me-ia completamente realizada no dia em que tirar a minha licenciatura em enfermagem. Contudo já me sinto bastante feliz e já me posso dizer realizada na parte profissional porque já faço aquilo que gosto que é trabalhar num hospital... claro que é um trabalho desgastante físico e psicológico mas por outro lado muito gratificante, porque há pessoas que dizem ah gosto tanto de si, vou-me lembrar de si quando me for embora ou obrigado porque 'tá aqui comigo oh minha menina você tem uns olhos tão bonitos aparece isso tudo e claro que, a parte desgastante física e emocional aí torna-se muito mais fácil de lidar...

Sente-se valorizada...

Não é só o sentir valorizada, é sentir que o meu trabalho está a ser bem feito, que eu estou a fazer o meu melhor...

A corresponder à expectativa

Exacto! A nível de ser mulher... bem não estamos propriamente numa sociedade difícil de ser mulher, acho que em certa parte... eu lembro-me que à uns anos atrás era complicado, eu lembro-me pelo facto de a minha mãe ser mãe solteira foi complicado para ela porque, primeiro é um Estado que não ajuda famílias monoparentais, se o pai não paga pensão de alimentos, o Estado também não paga.. Portanto, não é.. é uma sociedade que além de ser em certa parte acolhedora em que em meios pequenos em que as pessoas se conhecem, as pessoas ajudam-se entre si são... cooperam umas entre as outras, mas ser mulher por vezes torna-se difícil porque uma... se fosse uma mulher, uma mãe solteira ou uma mulher que se quer impor, por exemplo eu se calhar se quisesse seguir uma carreira em que quisesse ser um posto muito alto e nunca quisesse casar ou ter filhos provavelmente ainda hoje não seria visto como... tão bem visto... tão mas não queres ter uma família, não queres ter filhos, uma mulher sem filhos não é totalmente realizada, não sei quê... acho que nessa parte ainda temos que chegar um bocadinho mais à frente porque uma mulher tem, tem tanta.. como é que eu hei de explicar... não é, não difere no homem nesse aspeto. Se o homem não quer ter filhos nem casar e quer progredir na carreira também a mulher o pode fazer. Acho que nisso ainda está um bocadinho fragilizado o ser mulher, nesse aspeto... ainda é muito a mulher tem que tar em

casa e cozinhar e tem que... eu lembro-me de dizer no dia de me casar o meu marido tem que me ajudar em casa, porque se ele vai trabalhar eu também. E a minha avó que nasceu em 1919 dizia mas o marido não faz as coisas ah... tornava-se, tornava-se estranho... por acaso tenho, por acaso nesse aspeto não me posso queixar porque disse tu trabalhas eu também e eu trabalho muito, ou trabalhava muito naquela altura e não tinha que me preocupar por exemplo, a fazer comer. Chegava a casa de manhã, ia dormir, e ia voltar a trabalhar à tarde, sabia que tinha comer feito para levar para o trabalho. Nesse aspeto... mas também soube... como é que eu hei de explicar... a maneira como as mulheres hoje ainda são educadas por algumas famílias é: a mulher trabalha como o marido mas tem que fazer as tarefas domésticas. O marido chega a casa para descansar. A mulher tem que chegar a casa e tratar dos filhos, e cozinhar, limpar, tudo... eu por acaso impus-me nesse aspeto de, tu trabalhas eu também...

Impôs-se?

Não foi impor... mas como é que eu hei de explicar... não é impor... é dar o meu ponto de vista. Tu trabalhas eu também, a casa é dos dois, é uma vida em conjunto ah... eu não sou obrigada a chegar a casa ao fim de 16 horas de trabalho por exemplo e ter de ir voltar a trabalhar outra vez passado 8 horas depois dessas 16 horas e nessas 8 horas em que eu estou em casa ter... não dormir, para cozinhar, para lavar a roupa, para passar a ferro, para limpar a casa enquanto ele está sentado no sofá a beber uma cerveja e a ver televisão ah... e eu expliquei-lhe isso, expliquei-lhe, expliquei-lhe o que é o meu trabalho, expliquei... e ele como também trabalha por turnos acabou por compreender que numa casa onde... numa, numa... para mim é muito importante na minha relação haver esta, esta, esta ideia bem definida de eu não... me'que eu hei de explicar, uma ideia definida de eu, eu posso fazer hoje amanhã eu não consigo fazes tu e isto ficou muito bem incutido, esta ideia de: nos somos um casal, nós temos a nossa casa, nós os dois fazemos para ter a casa limpa. Sempre foi assim, e espero que nunca mude (sorri), porque ah... porque as coisas tornam-se muito mais fáceis, porque se eu limpar a cozinha ele limpar o quarto, depois um limpa a sala o outro limpa o outro quarto, depois o outro limpa a casa de banho e o outro o hall de entrada. É tempo que nós ganhamos um com o outro, visto que trabalhamos os dois por turnos, às vezes é um bocadinho mais difícil de estarmos juntos porque não temos o fim de semana tão livre, não tamos as noites todas em casa, não dormimos as noites todas juntos, portanto se eu fizer um bocadinho e ele fizer outro bocadinho é mais um bocadinho que nós ganhamos juntos e ele compreendeu isso, ele compreendeu o facto de isso... e também ajudou o facto de ele ter vivido sozinho, porque já tinha aquilo de eu tenho de cozinhar, eu tenho que limpar, eu tenho isto e eu noto... e eu

conheço certos rapazes que eu sei que se calhar se forem viver juntos o facto de terem de fazer alguma coisa, eles vão ter que aprender porque não sabem, porque a educação foi a mulher é para limpar a casa, tarefas domésticas e o homem é para trabalhar fora e é nisto que acho que a mentalidade portuguesa ainda está um bocadinho a precisar de ser trabalhada e moldada de o que é ser a mulher, porque a mulher de quando a minha avó nasceu no século passado, no início do século passado para um mulher de agora. A mulher não tá tanto tempo em casa, trabalha tanto como um homem e nesse aspeto o marido tem que respeitar o, a mulher também querer chegar a casa e se sentar um bocadinho e é nisso... e mesmo em termos de trabalho a mulher em certos aspetos também ainda está um bocadinho ah... em termos de níveis muito altos da carreira ainda há a preferência de ser o homem e não a mulher. Porque a mulher há-de querer, eventualmente, ter filhos, depois os filhos... como se isso fosse algum impedimento... se não houver filhos (ri-se) a sociedade não se desenvolve não há... e nós somos uma população bastante envelhecida. Se não derem hipóteses à mulher de avançar e progredir então vamos continuar a ser a sociedade que eramos há 100 anos atrás que é: o homem e depois a mulher... e acho que é nisso que se deve investir neste momento é: homem, mulher independentemente de que conjunto de trabalho em termos profissionais, em termos de relacionamento não haver essa, essa discrepância de a mulher é para casa o homem é para trabalhar fora. Acho que a educação deveria de ser um bocadinho de tanto o homem como a mulher é para trabalhar fora e dentro de casa. Eu: E como é que sugere que essa educação possa vir ser desenvolvida? Isso é um bocadinho complicado... porque eu parti... eu fui educada da mesma maneira que outras pessoas da minha família, ou mais ou menos da mesma maneira, mais ou menos com os mesmos valores, claro que difere porque as pessoas também não são as mesmas, tiveram vivências diferentes. Mas eu olho para certas pessoas da minha família em que o homem não faz rigorosamente nada a não ser trabalhar fora de casa. Chega a casa senta-se no sofá a ver televisão e a beber cerveja, se calhar o que os filhos vão ver é realmente a mulher é para trabalhar e para fazer tudo em casa ah... isso já vai ter, já vai ser... ou a nossa geração vai impor-se e dizer eu também trabalho e eu preciso de ajuda e passar isso depois aos filhos quando os tiver eventualmente ou a pessoas mais novas da família ou então ah... vai ser complicado porque os valores vão continuar a ser incutidos de que a mulher é para fazer tudo em casa e o homem quando chegar a casa é para ver televisão, ler o jornal, fumar um cigarro e beber uma cerveja portanto, ou as pessoas vão se vão... impor não é a palavra certa mas não me 'tou a lembrar da outra...

Mas diga o que se lembrar...

Ou as pessoas vão dizer... olha tomar uma posição! A mulher vai tomar uma posição e dizer: eu trabalho tanto tempo fora ou mais do que tu, a casa também é tua eu preciso de ajuda em casa não é olha agora não faço mais nada se tu não me ajudares, também não é assim, ninguém gosta de viver numa casa imunda ma pelo menos dizer: eu gostaria imenso da tua ajuda (sorri) portanto, acho que vai ser um processo, acho que provavelmente já tar a ser um bocadinho mudado... os nossos pais já tão numa fase em que as nossas.... Os nossos pais, mães... as nossas mães já são pessoas que trabalham fora bastante tempo portanto os da nossa geração já vêm que realmente a mulher já passa mais tempo fora de casa, acho que isso já tá a ajudar um bocadinho ah... já tá a ajudar um bocadinho a compreender que o trabalho de casa já não é só de mulher, mas isso é uma coisa que vai ter, vai demorar algum tempo até ser já um valor de que as tarefas de casa é para quem vive dentro de casa. E quando eu digo homem, mulher, também já refere os filhos. Os filhos também têm que aprender que em casa, por exemplo, fazer uma, olha já tens... já és grandinho o suficiente para saber o qu'ê que tás a fazer, o quarto é responsabilidade tua. Não digo que a mãe ou o pai não o vá ajudar mas, se já inculir que as coisas em casa são para ser feitas, as pessoas gostam de viver numa casa limpa e arrumada, portanto acho que desde pequeno isso deveria de ser um valor, um valor inculido, não é olha eu hoje vou fazer não sei o quê chega a casa tenho tudo feito, tenho a caminha feita, o quarto limpo, o quarto arrumado as coisas não são assim, nada aparece assim do ar, portanto acho que é uma coisa, é um valor que se vai adquirindo e acho que tem sido, vindo a ser adquirido um bocadinho de cada vez mas tem, e é uma coisa que com o tempo eu acho que vai ser um valor que as pessoas vão, vão, vão passando aos filhos e vão adquirindo.

De certa maneira, fez-me pensar como se isso fosse, de algum modo, assimilado àquilo que faz com o seu companheiro atual.

Sim... Eu não faço nada sozinha cá em casa, por exemplo, se ele cozinha eu lavo a loiça, se eu cozinho ele lava a loiça ah... eu hoje fui trabalhar de manhã, cheguei a casa tinha a loiça lavada tinha a cama feita, ontem foi ele trabalhar eu estive de folga e lavei a loiça e fiz a cama, portanto isto são, são, são coisas que eu lhe expliquei, que acho que sim senhor ele trabalha, eu também trabalho, se ele gosta de viver numa casa limpa e arrumada, eu também mas temos de ser os dois a fazer por isso, só eu não consigo, só ele não consegue ou então se também queremos passar tempo juntos enquanto casal, enquanto... ir passear, ver um filme, qualquer coisa, se quando eu chego do trabalho se ele está em casa poderemos fazer, então enquanto ele está... eu estou no trabalho, ele está em casa ele vai fazendo as coisas de casa. Se for ao contrário vou eu fazendo e quando ele chegar a casa podemos desfrutar do tempo a dois. E acho que é uma coisa... e acho não tenho a certeza que é uma coisa que é necessária

porque ele chega, eu chego a casa vejo as coisas feitas fico contente porque posso descansar do trabalho e ele chega a casa e fica contente porque pode descansar porque também tem as coisas feitas. Depois podemos aproveitar o resto do tempo que temos para ‘tar juntos. Não há aquele stress de agora tenho que chegar a casa tenho tudo p’ra fazer, tenho de preparar tudo para o outro dia, sei, sei que para mim não é uma coisa que eu tenha que aí tenho tudo para fazer, não. Sei que ‘tou no trabalho, posso chegar a casa se ele tiver a trabalhar eu não, vou comer também não vou ficar sem comer e não vou deixar loiça para ele lavar. Mas sei que não... por exemplo eu sei que posso fazer tarde, noite e no outro dia não tenho que me preocupar em fazer comer, ele deixa-me dormir, deixa-me descansar, faz o almoço e diz olha o comer ‘tá feito, vai comer e depois diz agora vai dormir, se quiseres vai dormir mais um bocadinho, se for o contrário a história é a mesma, não tenho que me... não é obrigatório agora vou p’ra casa, vou chegar a casa tenho a casa para limpar, tenho comer para fazer tenho, não. Sei que posso chegar a casa, posso ir dormir, sei que o comer, a não ser que aconteça alguma, algum imprevisto, sei que não vou ter que preocupar-me em fazer comer, por exemplo, e que p’ra mim já me ajuda bastante, porque sei que vou poder descansar. Porque ‘tar uma noite toda acordada e ter que chegar a casa e fazer tudo, não é muito agradável.

De certa maneira, também parece ser um modo de ter confiança no seu parceiro

Uma relação sem confiança, não é relação. Como é que eu posso ter uma relação e viver na mesma casa, ou sem viver na mesma casa com alguém em que à partida... uma pessoa nunca entra numa relação se não pensar que pode eventualmente fazer crescer essa relação. Se eu não confio na pessoa, não vale a pena começar sequer uma relação. Porque isso vai trazer discussões, desconfianças tudo e mais alguma coisa. Portanto definitivamente que eu nunca estaria com uma pessoa se eu nunca confiasse nela. Seria completamente fora de questão.

Já desenvolveu alguns temas, nomeadamente a sua área profissional e a sua relação com o seu parceiro atual e alguns desejos futuros, bem como como alguns aspetos que pretende ver conservados, queria que me falasse um pouco sobre a sua família.

A família, ah... a família, tios, primos ou família mais restrita?

O que quiser...

A família... a minha família é uma família grande (sorri)... é interessante, é interessante porque eu cresci com as minhas tias e os meus primos tudo a viver em casas uma ao lado das outras. Portanto era interessante saber que... todos os dias havia alguma coisa nova. Havia alegria todos os dias, uns discutiam uns com os outros ou tavam aos beijinhos e abraços. É bom ter a família por perto se... a minha família como monoparental tendo o suporte de, de tias e primos por perto, facilitou muito o facto de a minha mãe poder ir trabalhar e saber que

eu e o meu irmão estaríamos bem entregues com a minha avó, com as minhas tias para nos despacharem para escola, para comer, o que quer que for. Nesse aspeto é fantástico ter a família por perto porque dá um suporte muito maior a uma família monoparental. Por outro lado, toda a gente se põe na família... na vida uns dos outros porque ah e tal e tu disseste isso e o outro diz que disse aquilo e uma fez outra coisa totalmente diferente e depois... não há àquilo... é saudável como também seria saudável a família não viver toda tão junta ah... é interessante, porque, por exemplo, eu agora estou a viver fora daquele meio, não... noto alguma diferença de ah... já não há aquele... aquela... há aquela proximidade que havia, e é uma proximidade muito grande ah... contudo há muito mais o respeito da privacidade, esta é a tua casa, vamos, vamos... quando é que podemos ir conhecer a tua casa, porque mudaste de casa, 'tás numa casa nova ah... mas entrar e vir à sala ou ah mas um dia vamos lá, não há aquilo de todos a verem-se na mesma casa uns dos outros é mais... p'ra mim eu que gosto muito do meu espaço, do meu sossego, de passar serões... ou muito bem que vou beber... se... se estou com o Luís a ver um filme, o meu namorado ou estou muito bem sozinha a ver televisão como posso muito bem ir beber um café, mas sempre no meu tempo, no meu espaço, com calma sem aquela pressão de e despacha-te e vamos ali e vamos não sei aonde e isso... chega-te p'ra lá e vamos ver televisão naquele canal... vamos ver o canal não sei do quê, vamos ver o canal não sei do quê, os teus primos querem ver os desenhos animados... eu gosto de 'tar no meu cantinho, gosto muito de estar sozinha, gosto muito de ler o meu livro em silêncio coisa que eu não podia fazer. Portanto, neste momento enquanto eu lá vou e ouvir aquele barulho todo para mim sabe-me bem porque volto a estar no meio da família toda e faz-me, talvez, apreciar mais ou dar mais valor, mas não troco por nada o meu sossego. Para mim estar sossegada é fantástico. Sempr gostei muito de 'tar sozinha e talvez dou mais valor ao estar sozinha por ter crescido no meio de tanta gente e portanto... então estar sozinha para mim... estar sozinha não na solidão (sorri)... estar sozinha é bom faz-me... aprecio-me muito mesmo o tempo sozinho, o tempo de poder estar á minha vontade de ver o que eu quiser e ver um filme, de ver uma série, de poder ler um livro, de poder simplesmente tar a olhar para o dia de ontem e estar sossegada é muito bom e dou muito valor a isso. Talvez por isso mesmo... éramos 30 pessoas a um domingo a comer todos juntos, todos os domingos não era... chegava a um ponto ao meio do almoço em que eu estava saturada de ouvir toda a gente a gritar ao mesmo tempo... depois um quer-se fazer ouvir o outro também quer, e depois um fala mais alto que o outro não, não... eu gosto mesmo de sossego.

Imagino que tenha sido, não sei se este é o termo certo, mas o que me faz pensar é quase como se tivesse sido um ambiente muito claustrofóbico, em que fica difícil respirar...

Eu, eu, eu sempre gostei muito do meu espaço, portanto para mim foi... por exemplo agora quase todos os dias ligo à minha mãe, nós vivemos a 10 minutos de distância uma da outra de carro, falo quase todos os dias com a minha mãe mas é olá tás boa, beijinhos, gosto... até manhã. Isto é só para dizer que olha não aconteceu nada. Claro que de vez em quando digo: olha vem cá, podes vir cá a casa, olha vou aí a casa mas é... mas pronto... mas é... em termos dos meus primos também gosto, também gosto de estar com eles, também gosto das minhas tias só que depois é todas... e a mim é uma coisa que me faz imensa confusão é se o pai diz ou os pais dizem: não ou sim, a mim fazia-me imensa confusão, porque a minha mãe dizia-me alguma coisa sim ou não e vinha as tias e os primos e dizer mas isto e aquilo e não sei quê, todos tinham de dar a sua opinião e isso a mim é uma coisa que eu não suporto é... Se a minha mãe dizia qualquer coisa ou se eu dizia alguma coisa à minha mãe ah... o facto de todos terem que dar opinião... isso para mim, primeiro acho que é uma falta de respeito e depois a mim é uma coisa que me irritava bastante e eu já disse isto várias vezes, eu no dia em que tiver um filho, se eu lhe disser sim ou não vocês não, nem sequer opinam. As regras são minhas e têm, e têm... são minhas, como é que eu hei de explicar... se eu, se eu... eu hei de ter um conjunto de regras como qualquer família há-de ter para educar os filhos por isso, eu acho que é mau e depois acaba por ser... ah... estranho e... e a criança até pode ficar desorientada, desnorteada porque a mãe diz não o pai diz não, o tio, a avó, o avô, o tio o primo diz sim, a criança com os pais não faz mas com os outros faz e isso a mim faz-me imensa confusão, se aquilo é não, ninguém opina, ninguém diz... é não... a criança tem que aprender a crescer com regras e com normas e com regras e saber respeitar o que os outros dizem, se é não é não. E com a minha mãe era não, não. E não há hipótese mas a gente depois... eu argumentava qualquer coisa, como qualquer criança faz quando ouve um não, argumentava e via o tio, o primo, a avó e não sei quem, até o vizinho acho eu, o padre da aldeia dizer, argumentar e fazer qualquer coisa e fez com que eu... pronto... soubesse... apesar da minha mãe, ela dizer não e era um não, com o resto da família (sorri) eu saber dar a volta, o que depois, claro, torna uma falta de respeito para com a minha mãe, como depois ah e tal és uma rebelde e não sei quê, porque a própria família não sabe respeitar as normas que um pai tem. Se é não, é não! E a pessoa não tem que tar a argumentar nem a dizer ah então, mas isto e aquilo e não sei quê, não! Por isso eu acho muito saudável, eu ver a minha família regularmente, mas viver fora daquele meio. Porque se um dia, quando eu tiver filhos é: vai ver a família regularmente, mas vai tar fora do meio. Portanto as regras do não, o se tiver que repreender vai ser aqui e não lá! Poderá, eventualmente, acontecer lá, mas não de modo geral. Portanto, acho que sim, acho que é bom. Bom ver regularmente a família, mas também muito bom, viver fora daquele meio.

De certa maneira, acho que, parece-me haverem dois sentimentos muito presentes nomeadamente o desrespeito e a invasão...

Eu até me considero uma pessoa com ideias definidas. Claro que pode haver uma ou outra que posso pensar que sim mas depois penso melhor e digo que não mas em termos de o meu espaço, a pessoa que eu sou, aquilo que eu gosto e que eu não gosto, eu sei muito bem aquilo que é. E para mim acho uma falta de respeito eu estar no meu quarto ou estar na sala e as pessoas virem e dizerem e opinarem e assim... se estou no meu quarto, antes de tudo, eu tinha algumas pessoas na minha família que tinham o vício de abrir a porta, sem bater, sem bater à porta e isso a mim fazia-me... eu achava uma enorme falta de respeito e batalhava muito com isso ah mas vê-lá estavas a fazer alguma coisa? Eu não estou a fazer nada mas avisem-me que alguém vai entrar. Ai e não sei quê... Estar na sala, claro que pronto, na sala obviamente não necessitam bater à porta mas é, tou a ver um canal, um programa qualquer de televisão: põe lá no outro que eu quero ver no outro. Não tavas na tua casa? Vê na tua casa (sorri)! Deixa-me estar sossegada na minha! E isso para mim irrita-me imenso, porque se as outras pessoas estão na casa delas a ver o que quer que for eu chego e vejo o que as pessoas estão a ver, não vou tar a impor muda para o outro. E como a minha mãe... e eu... a minha mãe dizia-me isto muitas vezes não cries conflitos aqui, deixa os estar passa à frente... e eu nunca fui uma pessoa (sorri) de deixa estar, não liguês, sempre fui muito impulsiva e tudo aquilo que eu pensava dizia e fazia...

Como por exemplo?

Se alguém me dissesse muda de canal eu dizia: não queres vai-te embora daqui, esta casa nem sequer é tua, isto saí-me depois a pessoa que é que fosse começava ah não sei quê tu és uma mal educada. E depois acabava por ser a mal educada por causa destas coisas, eu sentia-me desrespeitada e ficava chateada porque eu estava tão sossegada que... e vão lá e vão dizer que fazes, vai fazer isto, vai fazer aquilo e depois ah... todas essas coisas que são, pronto, chatas...

(risos mútuos)

Do meu ponto de vista... para mim são muito chatas e, e eu detesto e ainda hoje detesto... ah... eu estar sossegada da minha vida e dizerem-me esse tipo de coisas... continuo a sentir-me extremamente chateada (sorri) com essas coisas, porque eu estou... porque... podiam, poderia ser contornado e poderia nunca ser mal educada se a pessoa chegasse a casa, batesse à porta e dissesse o que fosse dizer na mesma, porque não era o que me iam dizer nem era o facto de irem ter comigo, era o facto de entrar no quarto sem bater à porta, era o facto de eu estar na sala e dizerem epá muda lá de canal, não... olha não te importas de ver só o que é que tá no outro canal que é p'ra ver... não... é a forma mais como o fazem e como dizem as coisas, não é

o que vão dizer ou fazer, e acho que como vive tudo em família, é tudo ali vizinho e não sei quê, acabam por se esquecer de que as pessoas também gostam de estar no canto delas apesar de sermos todos família e termos crescido todos juntos e eu penso muito desta forma e às vezes difere muito com a forma como a minha família pensa e pronto... por isso o ter saído de casa, para mim, em termos destas chatices... acabaram... porque eu vou lá almoçar ao domingo, quando estou de folga ao domingo, ou vou lá um dia qualquer de semana ah... mas fico geralmente só na casa da minha mãe, às vezes as minhas tias nem sabem nem as minhas primas sabem que eu lá vou e às vezes até prefiro já para não haver esta correria toda de então tá boa, comé que tá o trabalho, como é que não tá, não sei quê.. já que é para não haver esta, este tipo de coisas, porque eu sei que me vou acabar por chatear e depois como já não durmo muito de noite e há dias em que eu saio de noite e não durmo porque depois quero dormir de noite, porque vou trabalhar no outro dia logo de manhã, depois fico mais cansada, fico mais irritada e se me dizem algum tipo de coisas que se calhar se eu tivesse dormido a noite toda eu não responderia tão... não era ser tão mal mas, se calhar tolerava mais o que me diziam e as pessoas às vezes esquecem-se um bocadinho disso... e vivem naquele mundo ali do, da família tudo junto e eu gosto muito de tar... gosto muito de tar com a família mas fora da família.

Bem falou-me sobre a sua mãe, algumas pessoas que fazem parte da sua família como as primas, os tios a avó, mas ainda não me falou do seu pai...

Eu não tenho pai... ah... não tenho pai... tenho padrasto. Não... ah... a minha mãe emigrou e conheceu lá um senhor teve o meu irmão mais velho que eu 2 anos, entretanto o meu pai deixou a minha mãe, foi ter com outra senhora e só depois é que ela soube que estava grávida de mim e portanto, vim com 10 meses da suíça para Portugal e cresci com a minha mãe, com o meu irmão e com a minha avó e com o resto da família. Portanto... entretanto... ia fazer 11 anos naquele ano quando a minha mãe se casou com o meu padrasto e está casada desde então, também tem duas filhas e foi... pronto... que às vezes engano-me e chamo-lhe quando vou falar com alguém e digo o meu pai, aí não é meu pai é meu padrasto, mas pronto... ah... porque foi a presença masculina que houve assim de... tinha os meus tios mas... não era a figura masculina dentro de casa. Foi a única figura masculina que eu tive. Por vezes não é... digo-te pai porque sai... porque foi a presença masculina que eu tive e como eu acho que pai não é quem faz é quem cria ah... por vezes digo isso...

Parece que é um assunto mais delicado, mais difícil de poder falar sobre ele...

Não, não é ser mais difícil, acho que também sou a pessoa que sou e penso da maneira que penso porque, porque, por causa disso... ah... eu lembro-me muito bem... eu lembro-me de

dizer à minha mãe tu não podes casar com mais homem nenhum, tem que ser o pai e depois eu olho para trás e penso: realmente eu era mesmo uma criança inocente... ah... acho que... claro que uma criança tem que crescer com pai e mãe independentemente de 'tarem separados ou juntos. Uma figura masculina faz sempre falta a uma criança tal como uma figura masculina é importante independentemente de estarem na mesma casa ou não. É sempre importante haver, haver as duas partes porque... ah... faz-se... faz-se... faz falta uma criança haver a falta de um dos pais e tudo, tudo o que isso implica... ah... mas pronto... eu não sabia, não sabia o que era isso e foi-me imenso estranho quando eu conheci o meu pai tinha... ia fazer 10 anos naquele ano... foi estranho... de repente aparecer um homem, e eu, pronto, ok, é um homem como outro qualquer (sorri) e nunca mais o vi e no ano a seguir a minha mãe casou-se com o meu padrasto, mas já tinha tido uma espécie de presença ah... masculina e o meu padrasto como também tinha duas filhas, mais velhas que eu, mas já tinha duas filhas acabou por ser para mim mais fácil porque a filha mais nova dele ainda estava a viver com ele e para ele também mais, talvez mais fácil... não é que seja fácil, tudo é uma habituação de saber, de conhecer pessoas novas, conhecer os feitios, de aprender a lidar uns com os outros, porque... por acaso eu até brincava bastante com ele e ele até é uma pessoa bastante acessível, apesar de não parecer (sorri) quem o vê à primeira vista, até é uma pessoa bastante acessível e, e, e...pronto.. e não tenho... e sempre... e foi uma... apesar de tardio, foi o pai que nós nunca tivemos, porque eu sei que se precisasse de alguma coisa, de falar, ou de... precisasse de dinheiro para qualquer coisa, olha eu como fumadora (sorri) eu lembro-me que a minha mãe totalmente contra oh Luísa eu também fumei e ah... eu deixei de fumar de um dia para outro, tu também consegues e o meu padrasto como fumador uma vez eu lembro-me de dizer assim olha eu vou beber café mas eu não tenho dinheiro e ele assim, mas tens cigarros? E eu não.. eu tinha-lhe pedido 5€ qu'era p'ra beber um café e eventualmente um sumo e ele assim, leva 10 compras tabaco escusas de tar a pedir ah... e nem só no aspeto monetário mas também em termos do que é saber o que é uma família, não só, não monoparental mas, uma família composta... ah... o saber o facto de ele ser agricultor e da minha mãe trabalhar com ele, e eu de verão ir trabalhar e a minha mãe dizer assim: trabalhas tens dinheiro podes comprar o que precisares ou o que tu quiseres, o facto do trabalhar para ter alguma coisa também foi incutido mais nessa altura porque o meu padrasto sendo agricultor nós íamos para lá trabalhar ah... bem como não, não é o facto de ser mais difícil acho que foi uma coisa que me fez muita falta durante muitos anos e nos anos mais críticos da minha infância que foi desde que nasci até os 10 anos... o ir à escola e toda a gente me dizer mas tu não tens pai? Mas tu não tens pai? O meu pai isto, o meu pai aquilo e não sei quê... e em certa parte... e as pessoas diziam mas

como é que tu falas assim do teu pai? Não é que... ah... era para mim era normal não o ter, porque eu nunca vivi com ele, eu nunca cresci com a figura de pai como o meu irmão cresceu e ele custou-lhe muito mais isso porque ele tinha dois anos e meio ah? Um ano e meio... e a minha mãe diz muitas vezes tinha que se vestir o pijama e só depois é que se podia lavar a loiça porque se ela tivesse vestida o meu irmão não ia dormir, podia tar a dormir em pé mas não ia p'ra a cama. Ele como viveu e sofreu o abandono a ele custou-lhe mais eu como não sofri isso, como nunca vivenciei e nunca tive ah... e também sou... somos pessoas diferentes, feitos diferentes, claro que custa, claro que não ter pai é uma coisa que eu gostaria... que eu não gostaria que tivesse acontecido mas, era uma coisa que para mim era normal. Não normal foi quando a minha mãe se casou e passou a haver um homem em casa. Para mim normal era não haver homens em casa. Tinha os meus tios e tal e pronto era engraçado mas não... custou-me mais haver uma presença masculina do que se calhar nunca tivesse havido... aquilo era o meu normal, não haver. O passar a haver foi meu não normal e se calhar essa fase de habituação eu lembro-me (ri-se) que, quando eu o conheci disse: vai-te embora, tipo, tu não vais ficar com a minha mãe, a minha mãe é minha mas... foi a primeira... o primeiro dia ou dois que eu o vi depois mas... isso para mim é que foi o meu não normal... o não ter pai era o normal...

Que era para a mãe continuar a ser sua!

(risos) Claro! A mãe é minha! Não mas... foi... com 10 anos uma pessoa pronto, é uma criança e pensa a minha mãe vai-se casar, eu vou ficar sem mãe eu não sei... sei lá o que é que era ter um homem dentro de casa, pensava que ele ia-se casar com a minha mãe e a minha mãe ia embora, pronto. Depois percebi que não e depois ficou tudo bem, mas nessa parte foi porque, ficar sem mãe é que não, isso obviamente. Vai-se casar... porque eles depois iam uma semana de lua de mel e eu fiquei a pensar, mas eles vão-se embora, vão de férias eu vou ficar aqui (sorri) e depois é que percebi que era só a semana da lua de mel e não sei quê, pronto, também. Mas, mas.. foi o primeiro dia, o segundo dia, eu lembro-me, lembro-me que era um bocadinho de peste que tratava... vai-te embora daqui (sorri). Mas agora, quando eu penso nas coisas realmente era engraçado...

E que coisas são essas que pensa?

Era muito resmungona (sorri), não... por exemplo eu queria ir dormir... eu lembro-me da minha mãe tem lá fotografias nossas, a minha mãe às vezes, enquanto tirava, tirava- nos fotografias p'ra ter recordação de nós pequenos e tenho uma fotografia de nós os três e ela diz assim... e eu tava com cara de amuada, e a fotografia ficou engraçada porque eu tava com cara de amuada (sorri) a minha mãe e o meu irmão a rir e eu com cara de amuada, a fazer beicinho

e eu assim: eu tava assim porquê? Tão eu disse-te que nós íamos p'ra praia mas o fotografo veio cá e tu não querias tirar fotografias querias ir para a praia, pronto... eu era assim... as pessoas diziam: eu queria ir a um sitio, as pessoas diziam que nós íamos, mas depois fazíamos qualquer coisa e eu amuava e eu como nunca gostei muito de tirar fotografias, eu detestava tirar fotografias, ainda pior... disseram-me vamos para a praia, eu adorava ir p'ra praia e depois disseram-me vamos tirar fotografias e eu odiava tirar fotografias, resultado: eles os dois a rirem e eu com cara de amuada na fotografia. Mas pronto eu agora olho e acho engraçado... ah... sempre gostei muito de eu, o meu espaço, as minhas coisas e acho que pelo qu'eu me apercebo e me vou... e me lembro e me dizem, sempre foi eu, o meu espaço, as minhas coisas (sorri). Muito à parte e... claro que brincava com, com as crianças que lá tavam nas vizinhas e não sei quê, mas também não me importava de tar sozinha em casa brincar, portanto eu... como hoje... não me importo nada de ir beber café e tar no café na conversa mas também gosto muito de tar em casa a ver televisão e sossegada da minha vidinha, portanto isto é uma coisa que sempre foi assim e que eu continuo a gostar e acho que vou continuar a gostar e dou muito, e dou muito valor a tar sossegada, sozinha, dou muito valor a isso, principalmente porque cresci naquela família, cresci no meio da família em que tão todos sempre juntos e eu dou mais valor agora ao facto de conseguir tar sozinha, que é muito bom!

Acha que quer acrescentar mais alguma coisa àquilo que tem vindo a dizer?

(silêncio) não sei... (ri-se)...

Mas diga o que lhe ocorrer...

(silêncio) não sei... acho que é... acho que não há assim nada a acrescentar, acho que... aquilo... a linha geral daquilo que eu sou, que eu fui ou espero ser tá definida, os meus... os meus... os meus... os meus objetivos, acho que não há assim grande coisa a acrescentar quanto a isso... Aquilo que eu fui já fui, já não interessa, já passou... aquilo que eu sou agora é influência daquilo que eu fui, e aquilo que eu serei é influência daquilo que eu sou agora, portanto... tudo vai depender das minhas escolhas, das minhas ações, mas não... não há nada a dizer!

ENTREVISTA B – DIANA

O RADAR

Gostaria que me falasse sobre como é ser quem é...

Quem sou eu? (silêncio) Bem eu sou a Diana (ri-se) (silêncio) sou uma mulher determinada e com uma força... descobri isso há 2 anos sensivelmente e portanto ainda tenho um potencial para explorar isso é a parte positiva ah... bem quem sou eu? Portanto eu acho que nos últimos tempos tenho vindo a descobrir portanto, isto é também um fator também fator idade, aquilo que nós pensamos que éramos obviamente que o tempo e a idade que vamos passando e a maturidade que vamos adquirindo há aqui processos que vão alterando, portanto, eu neste momento vivo um dia de cada vez ah... sem grandes movimentos. Isto permite-me interiorizar quem eu sou e portanto e tenho descoberto essa força, pronto. Agora falar na parte negativa, não me apetece.

Disse-me que há 2 anos tinha descoberto uma parte diferente...

Ao longo dos tempos, não é? Isto é como as waves, vêm e vão. Nós vamos à medida que vamos trilhando caminhos, vamos descobrindo partes nossas.

E que partes é que a Diana descobriu?

Partes que provavelmente estavam adormecidas pela vida não é? Nós começamos a trabalhar muito cedo e depois esquecemo-nos um bocadinho de quem somos... portanto ficamos adormecidos, passamos a vida no dia a dia e portanto de repente acontece qualquer coisa e temos.. passamos a ter dúvidas, questionamos uma serie de coisas isto porque não percebemos quem somos, portanto vamos juntando camadas de lixo psíquico e lixo, e lixo, e lixo e lixo e acabamos por não saber quem somos, portanto, e quais são as nossas capacidades... porque nós temos de saber qual é a nossa vulnerabilidade e a nossa força sem isso não conseguimos no fundo cumprir objetivos internos. Nós temos os nossos objetivos independentemente dos nossos trabalhos há objetivos pessoais que são muito vincados e acabamos por esquecer e isto tem muito a ver de onde vimos e para onde vamos. Só há uma linha recta.

E de onde é que a Diana vem?

Venho ah... Venho de uma infância não muito problemática, mas... de todo. Duma família que eventualmente ah... tanto o meu pai como a minha mãe, de uma certa fora, têm um grau de consciência num tempo que nasceram não podíamos exigir muito mais, mas desde muito cedo me questioneei uma série de coisas...

Como por exemplo?

Questionava para onde é que eu ia, de que forma é que eu ia, quem eram as pessoas com quem eu vivia quem são aqueles... portanto, questionava as pessoas à volta, mas desde muito pequenina. Portanto eu era.. a minha mãe chamava-me: um radar. E muitas vezes também questionava as decisões da minha mãe, desde pequena que questiono tudo muito isso...

E que decisões eram essas que a sua mãe tomava?

Decisões relativamente à educação ou à disciplina que ela aplicava, ou o *modus operandi* que ela tinha e eu questionava que no meio daquilo tudo havia ali por baixo uma dor que era muito (...) disfarçada, pronto, a minha mãe é, ficou órfã aos 9 anos de idade e eu percebi um bocadinho essa dor na minha mãe, mas ela de uma certa forma era uma mulher avançada. Avançou, tomou conta dos irmãos mais novos, ela e o irmão mais velho, portanto isso também é uma infância marcante, não é? Portanto, viu a mãe morrer aos 9 anos, portanto e eu questioneei-a, era pequena e às vezes questionava quem era aquela... aquele... aquele ser que estava ali, mas percebia que porventura ela não podia fazer muito mais mediante as condições. Eu acho que ela foi uma mulher muito moderna para a época que ela tinha e ela não conseguia por vezes verbalizar ou de uma forma contornar todas essas situações porque o próprio cenário por fora condicionava-a e ela não podia fazer muito mais e eu desde muito cedo aprendi que: não! Se era para fazer alguma coisa eu faço. Portanto nunca fui uma líder, mas atuava sempre nos silêncios, de uma certa forma...

Entre as pausas...

Entre as pausas... sempre uma contestatária silenciosa. Sempre expus as minhas opiniões. Ah.. e acho que essa maturidade, eu sempre tive alguma maturidade desde muito, muito pequenina e que fui perdendo ao longo da vida, agora tenho aqui uns momentos de reflexão.

E o que é maturidade para si?

A maturidade para mim tem a ver com este encaixamento que é aquilo que eu sei e que não duvido, ou eu não duvido daquilo que eu sinto, não é? Não tenho medo de me enfrentar, porque nós temos também os nossos fantasmas e usarmos isso no nosso dia-a-dia, não menosprezarmos o nosso sentir. E essa maturidade, portanto essa vontade de sentir, de expressar de verbalizar dá-nos uma força de que não precisamos de grandes artefactos para enfrentar, seja o que for. Portanto é uma verdade própria. E nós com a verdade não precisamos de pôr camadas, não precisamos de disfarçar e isso dá-nos uma segurança mesmo importante. Dá-nos uma segurança de olhar para o outro de caminhar, de não ter dúvidas de não questionar muita coisa, portanto eu acho que essa é a maturidade. Portanto a vida, muitas vezes não nos permite olhar para o outro, primeiro olhar para nós, porque nós esquecemo-nos perfeitamente de nós, não sabemos onde é que estamos e para onde é que vamos...

E a Diana sentiu que alguma vez se esqueceu de si?

Ah... tantas vezes, tantas vezes... esquecemo-nos... esquecemo-nos no dia-a-dia percebe? A luta pela... digamos não é luta pela sobrevivência, mas os nossos afazeres nós esquecemo-nos. Eu chamo-lhe higiene mental, portanto nós acabamos por não ter espaço para nós... portanto passamos aqui quase, peço desculpa de usar este termo, incorporar uma pessoa que não sabemos que, que existe (ri-se) quem é que ele é, aquele individuo, uma dualidade... epá será que sou isto? Será que realmente...

Como é que a Diana resolvia estas suas dúvidas?

Eu sempre fui muito silenciosa... quando tenho os meus momentos, eu retiro-me. Procuro estar sozinha para refletir, obviamente também com muita terapia, portanto eu faço terapia desde os meus 12 anos ou 13. Já passei por vários profissionais, porque tinha duvidas existenciais desde muito pequena e porque também passei por alguns traumas, portanto desde a saída de Angola vim para cá e depois uma serie de coisas...

Quer-me falar um bocadinho sobre a sua saída de Angola e a vinda para cá?

A primeira vez foi traumática, eu era muito pequena e aquilo era um cenário de guerra...

O que é que sentia?

Eu lembro-me que sentia muito medo (...) reavivando algumas memórias, não sentia medo, ah, mas não era um cenário muito agradável, sou sincera. Também, não questioneei a perda, porque nós perdemos todos os nossos pertences...

E sentiu que a Dina se perdeu lá, quando veio para cá?

Não... Ah... há um movimento que eu tenho que o adquiri desde pequena que é, eu quando vou, quando caminho e quando tomo uma decisão já não olho para trás, este movimento de olhar para trás, torna-nos hesitantes. Portanto, quando eu tomo uma decisão...é, pronto apesar daquele momento eu não tinha decisões... mas isto foi um movimento, portanto isto era... portanto não é fuga para a frente era um outro movimento...

O que é que lhe ocorre que era... Qual é o nome que dava ao movimento que descreve?

Foi um processo... agora, olhando para trás, eu lembro-me há uns anos para trás que vi uns documentários do jornalista, do pai da Catarina Furtado sobre as ex-colónias e... e... e cá voltei a ter os mesmos sentimentos, eu achava que aquilo tudo não era real, senti, sentia que aquilo que eles diziam, aquela cidade, aquelas cidades maravilhosas, que viviam todos maravilhosamente bem, e que tinham todos muito dinheiro e que tinham todos uma vida fabulosa, era uma fachada. Porque era uma fachada, porque era impossível viver-se numa situação em que havia conflitos armados fora das grandes cidades, principalmente no Norte de Angola, as pessoas vivessem a sua vida normal como se fosse uma coisa... pronto... talvez eu

por ser pequena e pressentir essas coisas no ar não ter a capacidade de explicar, portanto, e como tinha essas... desde muito nova comecei por ter essas percepções portanto achava que aquilo tudo também era uma grande, uma grande...

Uma grande fachada!

Exatamente!

Que não correspondia à realidade que viveu

Não correspondia à realidade, é impossível, ainda hoje, não é? As pessoas que vieram de lá: aí vivíamos todos bem. E eu questiono-me? Então mas não percebiam que andavam doidos a matarem-se uns aos outros? Portanto, não era... era normal viver? Portanto não foi assim tão complicado, era mais um cenário de guerra que me complicava um bocadinho porque nós não estávamos habituados a essas situações, não é? Desde escondermo-nos, de ouvirmos os tiroteios à noite, ah.. portanto não havia propriamente um descanso, não havia uma segurança, uma segurança. E a nossa retirada também não foi muito pacífica porque foi um amigo dos meus pais que foi lá... nós estávamos todos escondidos num apartamento dum amigo dos meus pais, vários casais e chegaram lá o exercito português e vamos embora todos, e meteram-nos todos numa carrinha e, portanto, taparam-nos e vamos embora e vamos para o avião. Para nós não foi muito complicado porque viemos para a casa do meu avô, em Portugal, e, portanto, estávamos com a família e o meu avô já tinha vindo mais cedo e, portanto, não foi assim tão complicado. É obvio que é natural, porque vínhamos numa estrutura, uma adaptação, mas eu tive sempre uma adaptação muito fácil e pronto depois voltámos para lá, depois da independência, voltámos para aí 2 ou 3 anos também não era um país que me dissesse rigorosamente nada. Tinha uma série de problemas com os meus pais porque eu verbalizava aquilo que sentia não achava que era justo determinados comportamentos.

Como por exemplo?

Ah... desde baterem em cães, a policia os militares, desde os militares entrarem em casa das pessoas para fazerem rugas, ah... e, portanto, coisas desse género, não eram situações... e portanto aí os meus pais... o meu pai tinha uma posição relativamente mesmo antes e depois, ah... que lhe dava um certo estatuto e estes meus conflitos na escola com os professores ainda tornava mais complicado para eles, pronto. E porque ele também viajava imenso, porque ele tinha de levar os mantimentos de um lado para o outro. O meu pai era diretor da agricultura nacional em Benguela, portanto era a única zona ainda que não tinha guerra, portanto ele tinha que chegar com os mantimentos para as forças armadas e isso significava meter-se à estrada com... portanto ainda hoje ele sofre de stress pós-traumático porque isso significava quando

eles metiam à estrada eles tinham emboscadas, portanto na ida e na vinda e muitos deles ficaram lá, não eram situações... portanto ele não verbalizava isso, portanto viemos toda a adaptação... aí da segunda vez, já não foi... já éramos mais crescidas, já havia uma certa maturidade portanto não foi fácil no sentido de, economicamente, porque estávamos habituados a um certo status e de repente...

Houve uma quebra...

Houve uma quebra... Mas depois, gradualmente fomos...

Resolvendo...

Resolvendo a situação. Pronto e isso ah... de uma certa forma criou uma certa adapt... adapta...

Adaptabilidade...

(ri-se) não conseguia dizer (ri-se)... a nova situações, portanto, jovem aos 19 anos, decidi ir viver para Londres e fui viver para Londres e consegui as minhas coisas e portanto, tirei na altura que queria fazer um curso de restauro e pintura e fiz, tirei o curso completo e fiz e portanto, mesmo economicamente não tínhamos assim muito... eu não tinha muito dinheiro mas conseguia, consegui trabalhar, consegui viajar pela Europa, os primeiros 6 meses vivi como aupair e depois partilhava um apartamento com duas amigas e foi uma experiência muito positiva, porque Lisboa comparadamente com Londres naquela altura era nada... quer dizer... não havia muitos portugueses em Londres, era uma cidade ainda aberta sem estes grandes conflitos raciais que agora Londres tem um bocadinho e ainda foi um bocadinho, apanhei aquela onda dos punks e pronto, uma liberdade de pensamento que Lisboa não tinha e isso fez-me amadurecer imenso, porque naquela época era habitual a moça estudava, entrava para a faculdade tirava o curso, ia trabalhar. Depois casava e tinha os filhos. Portanto eu nunca quis disso para a minha vida, nunca... e, portanto, vinha com uma estrutura totalmente diferente das minhas amigas do liceu, portanto...

Mais avançada, mais moderna...

Exato! (ri-se) não é menosprezar, quer dizer, não tem nada a ver, tem a ver com a minha estrutura interna, com esta busca de qualquer coisa, eu... essa inquietação permite-me buscar.

O que é que esperava encontrar?

(silêncio) eu não crio expectativas, não crio expectativas. Isso foi uma coisa que aprendi muito cedo, porque se nós criamos expectativas depois entramos em conflito interno, porque não conseguimos e aí é (silêncio) se queremos atingir objetivos temos que o fazer pausadamente. Se queremos chegar lá ao píncaro, não é? A dificuldade de exigirmos de nós o máximo às vezes dá-nos certos movimentos... e quebramos facilmente e, portanto, e como

não gosto de quebrar porque isso depois demora tempo, não quer dizer que não faça parte, nós temos esse movimento de quebra, também temos os nossos movimentos de morte interna, não é? Mas também temos... isto é como as células não é? Elas vão... também temos... há processos que têm que acabar e começar outros. Ah... mas como eu sou uma solitária de mochila às costas tenho de arranjar aqui uma forma de não quebrar totalmente porque depois estou numa zona fora da minha zona de conforto e isso depois implica uma serie de coisas...

Como por exemplo?

Se eu me for abaixo, ou se eu tiver uma depressão é sempre muito mais complicado num país estrangeiro do que propriamente aqui, ou onde é a minha casa, ou onde estão os meus amigos ou onde tenho as pessoas que me são mais chegadas, portanto, mas numa certa forma quando fui para Londres, eu fui com otimismo, fui otimista e dizer: não sei o que é que espero, nunca tinha ido a Londres e portanto foi a surpresa total, foi a descoberta.

O que é que descobriu?

Descobri uma geração totalmente diferente da minha, não tinha nada a ver, uma série de possibilidades que as pessoas têm que nós não tínhamos, portanto ah... de viver num meio pequeno que era Lisboa não nos permitia alargar muito os horizontes não é? Londres são 10 milhões de habitantes com pessoas de todas as partes e isso permite-me ter uma interação com os outros, com o outro, completamente diferente, dá-lhe uma, tem vários pontos de vista e é positivo porque não é sempre o mesmo, não é? Portanto, você pode ter nova informação para a sua base de dados. Pode não ser útil agora, mas provavelmente mais tarde pode vir a ser. Portanto o ser humano tem capacidades imagináveis, portanto, o melhor disto tudo é o ser humano, não é? Penso eu, e portanto, e aprender com ele e ter a possibilidade de aprender com ele é ótimo e eu tive essa oportunidade porque, primeiro na escola eramos todos de nacionalidades diferentes ah... que nos ajudávamos e era um sentimento de interajuda. Eu ali criei uma família. Nós éramos 3 portuguesas que eu conhecia, 1 conheci no macdonalds, outra conheci não sei aonde, tornamo-nos família porque não tínhamos a família, éramos jovens e portanto ah... temos que... avançar. E... os poucos portugueses que haviam na altura em Londres ou eram todos eles muito ricos, de família muito abastadas ou então eram como eu de classe média que não tinha assim grandes recursos e que trabalhávamos e fazíamos baby-sitter e fazia limpezas e não tinha qualquer problema para fazer para ganhar dinheiro, porque se ganhava dinheiro a fazer este tipo de serviços, portanto sem quaisquer complexos, portanto, muitas de nós... era eu a Maria, a Maria não já era de pais abastados, já não tinha essa necessidade, mas eu e a Rita fazíamos, e continuávamos e mais uma francesa que também fazia, portanto isto permitia-nos ao fim de semana ter acesso a: concertos, tipo ver o concerto

dos U2 que eu na altura era louca pelos U2, jamais em Portugal teria a possibilidade de ir ver um concerto dos U2 (ri-se) percebe? Ah... ou ver Sting, ou ter acesso a uma serie de coisas que nós aqui não tínhamos.

Sentiu que em Portugal não era possível...

Não! Em Portugal não era porque não... naquela altura não existia praticamente nada... e nós víamos quando chegávamos para passar o Natal, portanto, era uma realidade completamente diferente, isto permitiu, permite quando você é jovem e vive num país como Inglaterra que tem uma abertura e a possibilidade também de viajar a gente juntava uns trocos e ia a Amesterdão: ah, vou a isto. Não gastava muito dinheiro lá ficava no sitio mais barato do planeta, mas pronto.

Mas viajava, ia...

Exatamente! Isso permite-lhe ter uma perspetiva da vida completamente diferente quando você jovem, não é? Portanto, se você é jovem e continua limitado a um espaço ah... isto intoxica até a própria forma de estar porque contamina, não é? É sempre o mesmo processo, o olhar não é diferenciado. Estas saídas, no fundo a minha infância, permitiu-me criar uma estrutura de não ter medo de ir para situações novas quando amigas minhas diziam aí eu jamais sairia da casa dos pais ou se eu não tivesse alguém que...eu não tinha esse problema. Tanto que quando eu cheguei fui viver com uma família inglesa, portanto, não conhecia de lado nenhum, tinha uma agência, aí é que foi tudo tratado legalmente, pronto, no fundo, não fui à toa, tinha referências.

Tinha uma segurança...

Tinha uma segurança! Não havia internet, não havia nada, não haviam estes meios...

Sim! Eram outros tempos...

Eram outros tempos, portanto, a palavra ainda contava aqui muito, não é? Portanto ainda me lembro de todos os fins-de-semana telefonar para os meus pais e dizer: tudo bem e a própria família falar com os meus pais e dizer não, 'tá tudo bem, 'tá tudo ok, e portanto, eu tive os primeiros 6 meses com uma família inglesa que me acolheu, portanto, não fui assim à toa, tinha o meu trabalho que tinha que tomar conta de uns miúdos x horas por dia, tinha um quarto, tinha um teto, tinha comida, e depois o resto do dia ia para as aulas, basicamente e é isto.

E depois de Inglaterra, Portugal.

Portugal.

Como é que foi o regresso?

Foi positivo. Mas Portugal para mim às vezes é muito castrador, sou sincera. Eu gosto muito de estar cá, adoro, sou portuguesa, mas é castrador. Portanto voltei, comecei a trabalhar, na altura pensei vou para a faculdade de psicologia ou não vou. Ah... entrei não gostei, muito sinceramente ainda era a velha guarda, porque conhecia montes de professores na faculdade de psicologia, e, portanto, eu também os conheço. A velha guarda eu conheço-os todos. Ah... e eu não vinha... eu achava... sou muito sincera, eu acho que foi o momento certo fazer o curso nesta altura. Porque naquela altura, para além de não ter a maturidade suficiente eu questionava-me uma série de coisas. Não que os professores fossem bons profissionais, porque eram bons profissionais, mas eu precisava de outra abertura. E na altura eu pensei ou fico cá ou vou tirar para fora, porque com estes aqui não.

Sentiu-se mais ampla, enquanto que aqui, sentiu-se mais restrita...

Sentia que a maior parte dos professores que eram mulheres aqui, ah... (silêncio) lived by the books... e que a coisa não era só aqui, era amplo, e portanto estas formas de uma...

Não se sentia confortável...

Não, de todo! Experimentei duas vezes, sempre para o primeiro ano. Vai experimenta e tal... não. Ah... portanto, forçar qualquer coisa comigo não resulta.

O que me diz, é que se sentia forçada quando encontrava pessoas muito quadradas...

Em termos académicos eu sempre tive... é interessante porque eu desde muito jovem que lido com professores universitários... e eu gosto de alguns que tenham abertura, ou seja, que tenham... não quer dizer que todos... é assim obviamente o curso está restrito, mas eu sentia que, por exemplo, na minha vida eu sentia isso, e sempre senti isso na psicologia era de tal forma responsável, é dos poucos cursos que eu acho que tem uma responsabilidade acrescida... e que... as pessoas que estão à frente do projeto têm que ter visões amplas, e como eu tinha lido lá muita coisa, frequentado muita coisa, tinha visto muita coisa eu senti que aqui ainda estava, todo esse processo, ainda estava restrito, pronto. Então achei por bem: não. Não quis fazer outro curso porque eu sempre achei eu não valia a pena tirar muitos cursos ah... porque... só por tirar, ou se tira porque se empenha ou não se tira. Portanto como eu sempre tive algumas capacidades de trabalho, comecei a trabalhar, pronto, comecei a trabalhar numa empresa americana, numa multinacional, pronto, mais ou menos as coisas correram bem, depois lancei-me como delegada de informação médica, as áreas da saúde sempre foram áreas que me interessaram, e portanto, e trabalhei, e ganhava-se muito bem, pronto, e a pessoa vai... 'tá a ver, vai-se adormecendo, pronto. E aquela Diana que era a aventureira de mochila foi remetida para um espaço pequenito, ela começou a deixar de existir. E portanto... ela não deixa de existir, percebe? Ela continua aqui, só que, quando nós

passamos por um processo traumático, alguma coisa... neste caso foi a minha separação aí é que alguma coisa despertou... e eu disse: não! Há aqui coisas inacabadas, há processos inacabados, larga lá isso tudo e vamos meter a mochila às costas outra vez e portanto...

E foi...

E lá fui, pronto e estou aqui neste processo. Muito calmamente a fazer, ah... com uma outra maturidade. O próprio processo em termos académicos tem se vindo, tem vindo a mudar... ah.. uns... toda a gente acha que é pela negativa, eu não, eu acho que pelo contrário, é pela positiva ah... portanto, esta, esta nova camada de profissionais com uma visão mais ampla ah... permite ter outro tipo de respiração, permite outro tipo de abordagem, permite uma série de coisas que naquela altura não se permitia a nada e portanto aí eu estava outra vez limitada portanto... ah... voltei, retomei, outra vez o meu processo, o meu processo inacabado e estou a fazê-lo, portanto... fui para a minha aventura e condicionei isto por 2, 2 anos letivos...

E que aventura foi essa?

Eu fui para Angola... ah... (silêncio) fui para um projeto e fui resolver no fundo..., não foi resolver, no fundo eu fui ah... acabar um ciclo que tinha começado lá, lá atrás, portanto decidi ah... isto quando nós não completamos o ciclo todo dá a sensação que depois qualquer coisa na vida que nos acontece mais tarde há uma cobrança portanto eu tive essa oportunidade de o resolver estas coisas e perceber exatamente e aí eu percebi, portanto que eu sempre fui a tal contestatária que... silenciosa mas que me manifestava e foi lá que eu percebi até por questões ideais-políticas que eu era muito pequena, mas eu tinha alguns ideias políticos ah... e portanto as ciências políticas também foi uma coisa que me interessou, mas também não... sei que nunca quis esse curso, mas... ou enveredar por... ah... mas não é só questões políticas são questões sociais muito profundas que eu tenho, portanto... e em Angola eu ah... de uma certa forma, sem ter medo ah... percebi que era algo inerente a mim que tinha que fazer algo e... porque era um processo meu que 'tava um bocadinho adormecido, apesar de ter feito muito voluntariado ao longo da vida, mas o voluntariado não é isso, são causas ah..., e portanto estar aqui nesta passagem quando estamos ali no meio termo, nós começamos a questionar: então, então e as nossas causas a lutar, porque lutamos e porque não... e... e lá percebi que há causas para lutar e essas causas são justas e que a maior parte de nós ignora essas causas e ignora dar voz ao outro. O outro não existe. E fui fazendo e fui sendo contestatária à minha maneira ah.. havia momentos em que eu me sentia um bocado... havia um desconforto porque, o próprio país não permite fazer o que for, não é' mesmo as próprias instituição eu era conhecida como: então mas a senhora agora vai pedir o livro de reclamações, mas nós não temos livros de reclamações. Sim, mas eu escrevo numa folha A4 e

mando para o departamento, mas isso não é possível porque nós vamos rasgar, não mas eu continuo a meter, a reclamar, percebe? Tipo, coisas do género... não, mas você não tem o direito de reclamar, não, sim eu tenho o direito de reclamar (silêncio). Pronto, depois havia uns que desagradavam, ah mas eu chamo o segurança, pode chamar o segurança mas eu mantenho a mesma posição, portanto desde... pessoas que eu via a entrar numa na repartição, por exemplo no ministério das finanças, e que vi um individuo da segurança a abordar outro individuo porque não podia entrar naquelas condições, que era uma pessoa com fracos recursos económicos, que não podia entrar e eu disse: não mas este senhor fez não sei quantos quilómetros, não, tá aberto, ele não tem que vir amanhã. Então mas quem é o senhor para dizer uma coisa dessas ah não porque... então mostre-me lá onde é que tem isso escrito, ah não, não temos escrito. Não, então porque é que o senhor não entra. Esta injustiça, não é? Por um lado é... depois no final do dia é muito desgastante...

A Diana fala-me que, de certa maneira, foi para Angola, agarrou uma causa e essa causa era também para dar voz ao outro...

Não. Eu não fui para Angola para dar uma... por uma causa. Eu fui para Angola porque era um projeto viável e com algum retorno económico e isso dava-me a possibilidade de por uns tempos resolver as minhas questões económicas, ponto. Aliando-se a isso, ah.. eu ali teria a possibilidade de resolver os meus processos internos. Aquilo que não tinha ficado inacabado lá no passado.

E como é que os resolveu?

É indo à cidade, confrontando vendo as coisas, portanto, vivendo. Ok. Passou, outros ciclos que é que teria sido se nós tivéssemos ficado, ou não...

E como é que acha que teria sido?

(silêncio) não sei...

O que é que lhe ocorre? Diga o que pensar...

O que penso é aprisionada. (silêncio) ah... eu não sou de lá, eu não pertença lá. A minhas origens sim, mas eu não sou de Angola. (silêncio). Portanto, há uma origem e eu tenho de me identificar e eu não me identifico... ah... não me identifico, porque acho que, lá está... quando eu me sinto um pouco aprisionada eu salto. Portanto e Angola é isso. Angola é (silêncio). Ah.. é assim, há um julgamento moral... eles transferem todos os seus processos... nós fazemos isso naturalmente, não é? Mas há um julgamento permanente (silêncio) então não há atos de reflexão. E portanto, o processo que tá lá atrás que eu sentia, nunca mudou. Esse processo interno, porque um país também tem um processo interno. O processo interno daquele país não mudou, ao longo do tempo tem-se vindo a agravar porque a própria

sociedade civil não se organiza, pronto, tem medo, pronto, mas continua a fachada de que ‘tá tudo muito bem, de que está tudo, portanto, esta é a informação que é passada de geração em geração. Eu não posso identificar-me com algo que eu não sinta.

E se mudasse, como é que se sentiria?

Isso vai demorar muitas gerações, eu não sei se estou cá, já para ver isso. Ah... (silêncio) não sei, nunca refleti sobre isso, se mudasse o que é que eu sentiria? Ah... As minhas raízes estão criadas aqui, não é? Grande parte da minha vida foi passada aqui. Ah... isto é a mesma coisa que um filho adotivo. Ok, nós vamos ver as nossas origens, mas temos de ter em consideração que os nossos pais adotivos é que nos deram amor, não é? E criamos este vínculo, e este vínculo está aqui. Aquele vínculo lá é muito ténue, muito frágil. Ah...

E é com isso que a Diana não se quer identificar?

Eu não posso identificar-me com uma coisa que não existe., percebe? Aquilo não existe... aquilo é uma (silêncio) ficção é, é uma projeção de qualquer coisa que não existe, percebe? Eu não me posso vincular a uma infância de 4 ou 5 ou 6 anos, percebe? Porque, não há pontos de referência, percebe? Os meus amigos não estão lá ah... não tenho muita família lá, apesar de ter alguma, mas é a família que eu provavelmente só vejo de 5 em 5 anos ou quando morre alguém na família lá aparece alguém, ou quando se casa alguém. Mas nós olhamos uns para os outros e dizemos: quem é este indivíduo, não é? Portanto, não há qualquer relação. As memórias que eu sei que eram da infância, não existem, pronto. Ah... provavelmente algumas pessoas tenham essa capacidade de estar lá e ‘tar agarrada a um... eu vejo aquilo como um esqueleto, percebe? Tipo... uma coisa que não... eu às vezes questiono as pessoas que saem daqui a dizer: aí a minha terra. Mas a minha terra como? É impossível... porque em 40 anos, muita coisa mudou (silêncio), portanto a relação é básica, você vai lá praticamente trabalhar, agora já nem sequer ganha dinheiro, antigamente ainda se ganhava algum. Mas eu não fui só... eu fui na altura mesmo por questões económicas, porque me pagavam bem e porque eu resolvia aqui uma série de coisas e pronto, olhe, e vamos resolver aqui as coisas, não é? Nem que ponha isto em stand by por uns tempos dá-me perfeitamente para, olhe pelo menos para pagar o curso sem me chatear. Não ter que andar a pensar nos 300€ todos os meses porque pronto, eu tinha ali, e essa foi sempre a ideia...

Eu fico aqui a pensar que a Diana, também foi para Angola para encontrar outra voz de si

Sim... (silêncio) sim... todo o processo... quando eu fui para Angola, foi tudo trabalhado, eu não fui para Angola por mero acaso, eu trabalhei em terapia e de repente ah... a minha terapeuta diz-me isto: já ‘tá preparada para e eu... foi interessante... ah... a vida é muito interessante... porque ela disse: eu acho que já está preparada para e eu disse: não, eu não

estou preparada, não ‘tou, não eu não disse não ‘tou preparada, eu disse não ‘tou nem aí porque eu não vou... e... assim (estala os dedos) em semanas ah... portanto isto aconteceu porque a minha sobrinha foi lá passar uma férias e ela disse: olha, eu estou no sitio tal consegui... portanto a minha irmã disse-me: olha então eu vou ter com a minha filha queres vir... ah... eu consegui umas passagens baratas e eu assim: como é que conseguiste? Ah porque o diretor da TAAG é meu amigo. Então e quanto é que isso custa? 120€, então 120€ para Angola não é nada. Ah também, vou lá passar uma semana e nessa semana quando eu cheguei e... portanto, estávamos numa vivenda, semana, íamos para a praia não nos chateávamos, e assim foi, isto foi princípios de dezembro. E ia a passar, e está uma festa não sei onde epá eu não tenho paciência para festas com esta gente angolana. Ah mas vamos, que não vais ficar em casa sozinha, e eu fui. E o meu ex-cunhado diz-me assim olha este é o fulano tal que tem uma proposta que já te queria conhecer há algum tempo como tens... ‘tás muito ligada à área de medicina dentária, avança. E eu também, ok. Quando chego cá, um coordenador do curso de medicina dentária o professor José, que já o conheço à muitos anos também já me tinha dito, epá ó Diana vai lá que é para ver como é que é aquilo para ver se a gente começa a... eu disse, olhe surgiu esta proposta ah não, tens que ir, e foi assim. E eu, em 2 meses, estava em Angola a trabalhar. Portanto eu não tinha, não procurei emprego, percebe (ri-se)? Não, não fiz nenhum movimento externo para as coisas acontecerem e foi interessante porque a minha terapeuta já me tinha dito: se tu resolveres essa coisa toda de, ok, vai lá fechas o ciclo e depois voltas, não é? As coisas vão acontecendo naturalmente, e aí é o que eu percebi. A capacidade que nós temos de criar coisas, porque nós quando resolvemos os nosso processos internos nós temos a capacidade depois... fisicamente até criando, projetar, não é projetar, criamos situações que... portanto a coisa aconteceu naturalmente, eu não tinha procurado nenhuma viagem, portanto, fui assim, não paguei muito, quer dizer, 120€ para Angola não é nada, 120€, portanto foi... as viagens custavam, ele tinha uma promoção que eram 500 e picos euros, mais as taxas do aeroportos... não 500 e tal já incluindo as taxas do aeroporto e o que ele nos fez foi só o preço do bilhete, ida e volta, voo direto. Ainda pensei, pá eu vou de voo direto de TAAG, será que aquilo não vai cair a meio (ri-se) do oceano e a minha irmã epá tu és parva, vamos lá e fomos as duas para a aventura, porque a minha sobrinha tinha visitado, tinha... portanto, no fundo ficou um mês com o pai, foi lá com o pai e... e... ele conseguiu que ela ficasse numa vivenda simpática, perto dele, e então ela tava... tava ela mais uma amiga ah... que também estava no processo de vamos tirar o curso não vamos tirar o curso, vamos tirar o curso não vamos tirar o curso, o que é que vamos fazer à vida e nós fomos e ficamos lá...

E deu-se o fim do ciclo...

E deu-se o fim do ciclo...

A nossa entrevista já chegou ao fim. Queria perguntar-lhe se quer acrescentar mais alguma coisa?

Não, acho que está tudo!